

The background of the entire page is a large, stylized globe. The globe is composed of a dense grid of small, colorful icons that are commonly associated with social media and digital technology. These icons include the Facebook 'f' logo, the Twitter bird, the YouTube play button, the Instagram camera, the WhatsApp speech bubble, and various other symbols like hearts, arrows, and document icons. The globe is centered on the map of South America, with the continents of South and Central America clearly visible. The overall color palette is a mix of the various colors found in the icons, creating a vibrant, pixelated effect.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO GEOGRAFIA E GESTÃO DO TERRITÓRIO

OS SIGNIFICADOS DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS PARA A JUVENTUDE

JOSÉ FERNANDO CAMACHO
UBERLÂNDIA
OUTUBRO DE 2013

JOSÉ FERNANDO CAMACHO

OS SIGNIFICADOS DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS PARA A JUVENTUDE

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares.

**Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C172s
2013 Camacho, José Fernando, 1963 -
Os significados da internet e das redes sociais para a juventude / José
Fernando Camacho. – 2013.
227 p. : il.

Orientadora: Beatriz Ribeiro Soares.
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Geografia.
Inclui bibliografia.

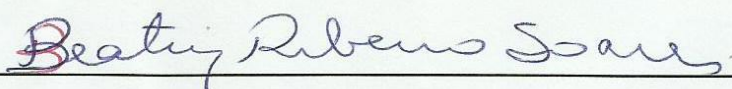
1. Geografia - Teses. 2. Internet e adolescentes - Teses. 3. Redes
sociais - Teses. I. Soares, Beatriz Ribeiro. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

CDU: 910.1

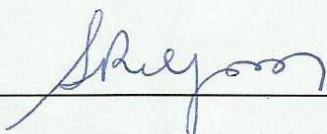
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

JOSÉ FERNANDO CAMACHO

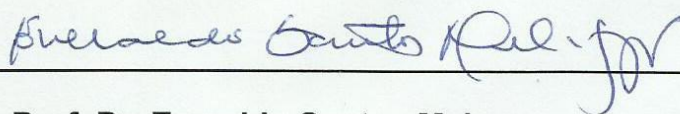
O SIGNIFICADO DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS PARA A JUVENTUDE



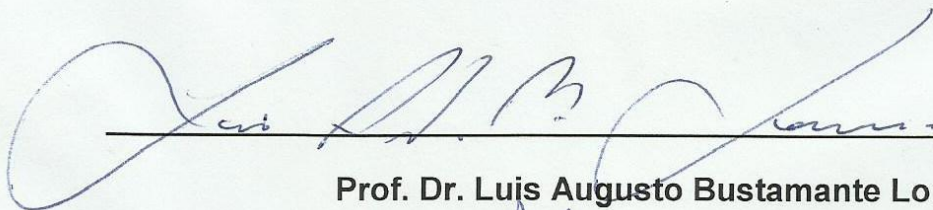
Profa. Dra. Beatriz Ribeiro Soares



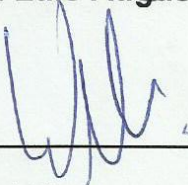
Profa. Dra. Suely Regina Del Grossi Michelotto



Prof. Dr. Everaldo Santos Melazzo



Prof. Dr. Luis Augusto Bustamante Lourenço



Prof. Dr. Winston Kleiber de Almeida Bacelar

Data: 31/10/2013

Resultado: A com distinção

*À Isabella e às meninas que trouxe
a minha vida.*

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo apoio, paciência e confiança em minha capacidade para a realização deste trabalho.

A professora Beatriz Ribeiro Soares que soube cobrar e valorizar esse esforço e, sem a qual, nada deste trabalho teria sido possível.

Aos professores do Instituto de Geografia, os quais acompanharam, estimularam os diferentes momentos desse trabalho e souberam compreender as minhas dificuldades pessoais para a realização deste.

Aos colegas e à equipe diretiva e técnica do Colégio Nacional – Colegial e Pré Vestibular, pela disposição e compreensão na disponibilização dos horários que permitiram conciliar esse esforço com a atividade profissional.

Aos amigos Stoessel Luiz Vinhas Ribeiro e Maria Therezinha Carrara Lelis pelo carinho, solidariedade, confiança que prestaram ao longo da vivência das dificuldades encontradas no caminho deste trabalho.

Ao amigo César Mota Teixeira e pelas correções ortográfica, gramatical e normativa de grande parte deste trabalho.

Ao amigo e Dr. Eduardo Wanderley Costa pela ajuda no entendimento e superação dos conflitos e angustias que nossa cabeça constrói.

À estagiária do Programa de Iniciação Científica Camila Peres Oliveira pela grande colaboração na elaboração do questionário de pesquisa e coleta dos dados deste trabalho.

À juventude que nos proporciona a possibilidade de visualizar, para o final do século XXI, uma sociedade em que valores, padrões, instituições, políticas terão que ser reinventadas através da interatividade e do compartilhamento.

*“de um certo ponto adiante, não há mais retorno e
esse é o ponto que deve ser alcançado”*

Franz Kafka.

RESUMO

A sociedade do século XXI é a sociedade rede. A rede não apenas como meio técnico de comunicação ou circulação, mas a rede como arquitetura. Tal estrutura tem, na Internet e nos dispositivos de conexão móvel, o veículo de sua materialização. A disseminação dos usos da Internet alcançou, em menos de duas décadas, todos os setores da nossa sociedade, construiu uma nova forma de articulação entre os Estados, as empresas, o mercado, a sociedade, as Instituições. Criou um novo padrão de sociabilidade que, apropriado pela juventude, multiplicou os usos da internet. Essa geração, que chegará à maturidade na segunda metade do século XXI, nasceu sob o signo do informacional, tem a sociabilidade virtual integrada às relações de sociabilidade reais, transfere-as do mundo real para o virtual e, de maneira mais importante, usa o mundo virtual como ferramenta de comunicação e de transformação social através de redes sociais e sistemas de mensagens. Aqui estão os objetivos deste trabalho: entender a construção desse novo padrão de sociabilidade, em especial pela juventude, seus reflexos nos diversos usos da internet e a transformação das redes sociais em instrumentos de convocação de grandes mobilizações sociais.

Palavras-Chave: Sociedade Rede. Internet. Redes Sociais. Juventude. Mobilizações.

ABSTRACT

The society of the twenty-first century is the network society. The network not only as a technical means of communication or movement, but the network as an architecture. Such a structure has, in the Internet and mobile connection devices, the vehicle of its materialization. The spread of Internet usage reached, in less than two decades, all sectors of our society, built a new form of articulation between the states, the companies, the market, the society and the institutions. Created a new standard of sociability, suitable for youth, increased the use of the internet. This generation, which will reach maturity in the second half of the century, was born under the sign of informational, has virtual sociability integrated to real relations of sociability, transfers them from the real world to the virtual and, more importantly, uses the virtual world as a tool of communication and social transformation through social networking and messaging system. Here are the aims of this work: understand the construction of this new pattern of sociability, in particular by the youth, its reflections on the various uses of the Internet and the transformation of social networking in tools to convene large social mobilizations.

Keywords: Network Society. Internet. Social Networks. Youth. Mobilizations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Redes Autoconfiguráveis.....	36
FIGURA 2 – Evolução do Modelo de Cadeia Produtiva para Rede de Valor.....	40
FIGURA 3 – Interatividade dos Meios de Comunicação de Massa.....	64
FIGURA 4 - Importância Relativa das Principais	
Comunidades (Redes) Sociais.....	66
FIGURA 5 - Songdo - Casa Inteligente.....	69
FIGURA 6 – Songdo - Sistemas De Transito Autoconfiguráveis.....	70
FIGURA 7 – Songdo – Casa Energeticamente Eficiente.....	71
FIGURA 8 – Percentagem de Usuários da Internet em Países	
Selecionados da Tabela 1 (1960-2011).....	85
Figura 9 – Usuários da Internet em Porcentagem da População (2007).....	87
FIGURA 10 – Acontecimentos Online em 60 Segundos.....	89
FIGURA 11 – Brasil - Usuários da Internet (2005-2008).....	93
FIGURA 12 – Brasil - Expansão da Telefonia Móvel (Pnad 2005-2008).....	96
FIGURA 13 – Brasil - Usuários da Internet por Faixa de Idade e Sexo – 2005.....	98
FIGURA 14 - Usuários da Internet no Brasil por Faixa de Idade e Sexo – 2008.....	99
FIGURA 15 – Brasil - Usuários da Internet por Anos de Estudo – 2005 – 2008.....	102
FIGURA 16 – Brasil - Idade Média dos Usuários Segundo Finalidade	
de Acesso – 2008.....	104
FIGURA 17 - Brasil - Percentual das pessoas que utilizaram a internet	
com a finalidade de comunicação com outras pessoas, na população	
de 10 anos ou mais de idade no período de referência dos	
últimos três meses – 2008.....	105
FIGURA 18 – Brasil - Localidade de acesso dos usuários	
da internet (2005-2008).....	106
FIGURA 19 – Brasil - Percentual de pessoas que utilizaram a Internet,	

no período de referência dos últimos três meses, na população de	
10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - 2005/2011.....	109
FIGURA 20 – Brasil – Acesso a internet por grupos de idade (2005-2011).....	111
FIGURA 21 – Mundo - Assinaturas de telefonia móvel, telefonia fixa,	
internet e banda larga fixa e móvel- 2009.....	113
FIGURA 22 – As Gerações e seus Símbolos.....	130
FIGURA 23 – Brasil - Pirâmide Etária – 2010.....	138
FIGURA 24 - Cronologia da Primavera Árabe.....	195
FIGURA 25 – Brasil – Mapa das Mobilizações em 20/06.....	207

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Proporção do preço das TICs no PNB per capita para países selecionados (2007).....	84
TABELA 2 – Ranking mundial de acesso à internet para países selecionados – 2010.....	91
TABELA 3 – Brasil – Proporção de usuários da internet por grandes grupos de faixa de renda- Pnad 2005 - 2011.....	114
TABELA 4 - Proporção de participantes em comunidades sociais em países selecionados – 2013.....	117
TABELA 5 - Classificação da juventude segundo diferentes países latino americanos (2004).....	144
TABELA 6 – Relação entre tematização social e aspectos da política.....	146
TABELA 7 - Principais programas e projetos da Política Nacional de Juventude.....	155
TABELA 8 - Tipologia agregada das cidades brasileiras, proporção quantitativa, população geral e população jovem.....	156
TABELA 9 – Uberlândia - Sexo x tempo de acesso à internet – 2012.....	161
TABELA 10 – Uberlândia – Relação faixas etária e tempo de uso da internet – 2012.....	164
TABELA 11 – Uberlândia - Faixas etária x local que utiliza internet com mais frequência - 2012.....	165
TABELA 12 – Uberlândia - Sexo x duração média de acesso diário à internet – 2012.....	166
TABELA 13 – Uberlândia – Capacidade de realizar operações através da internet.....	167

TABELA 14 – Uberlândia – Faixas de idade e capacidade de realizar operações na internet.....	168
TABELA 15 – Uberlândia – Que idioma utiliza na internet.....	169
TABELA 16 – Uberlândia – Mudanças nos padrões de interação social através da internet.....	171
TABELA 17 – Uberlândia – Frequência de comunicação através da internet – 2012.....	174
TABELA 18 – Uberlândia - Uso do celular para conexão à internet – 2012.....	175
TABELA 19 - Uberlândia – Veículo que utiliza para se informar sobre atualidades – 2012.....	176
TABELA 20 – Consumo diário de notícias por país pesquisado.....	179
TABELA 21 – Mídias utilizadas para se obter notícias - em países selecionados (%) – acesso semanal – jan/fev2013.....	179
TABELA 22 – Uberlândia – sexo x participações em comunidades sociais - 2012.....	181
TABELA 23 – Uberlândia – faixas de idade x participações em comunidades virtuais.....	182
TABELA 24 – Qual a sua concordância com relação as questões apresentadas.....	186
TABELA 25 – Qual a sua concordância com relação as questões apresentadas.....	189

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Comportamento das gerações vis-a-vis

aspectos da vida social.....127

QUADRO 2 – Uberlândia – Usos das comunidades virtuais 2012.....184

QUADRO 3 – Empréstimos do Fundo Monetário Internacional e

Banco Central Europeu a Países endividados.....198

QUADRO 4 - Brasil - Principais manifestações ocorridas até 30/06/13.....205

QUADRO 5 – Brasil – principais reivindicações – 20/06/13.....209

LISTA DE GRÁFICOS

GRAFICO 1 – Penetração da Internet por região junho/2012.....88

GRÁFICO 2 – Brasil – Percentual de usuários da internet (2005 – 2011).....108

GRAFICO 3 – Importância de mídias online e TV por idade

(média de países selecionados) – 2013.....180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPITULO 1 - AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL	23
1.1 A SOCIEDADE REDE COMO ARQUITETURA.....	24
1.2 DO GLOBAL AO LOCAL ATRAVÉS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.....	31
1.3 A IMPORTÂNCIA DA REDE.....	52
CAPITULO 2 – A INTERNET E SUA IMPORTÂNCIA: QUALIFICAR OU QUANTIFICAR?.....	58
2.1 - A INTERNET: utopistas e pessimistas.....	59
2.2 – INDICADORES DE QUANTIFICAÇÃO.....	81
2.3 – A EXPANSÃO DA INTERNET NO BRASIL.....	92
CAPÍTULO 3 – A JUVENTUDE E A INTERNET.....	119
3.1 – AS GERAÇÕES.....	121
3.2 - O BRASIL E SUAS GERAÇÕES DA INTERNET.....	136
3.3 – AS POLÍTICAS PARA A JUVENTUDE NO BRASIL.....	142
CAPITULO 4 – A INTERNET, SEUS USOS E CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÕES.....	159
4.1 - TEMPO DE UTILIZAÇÃO DA INTERNET.....	160
4.2 - DURAÇÃO MÉDIA DE ACESSO À INTERNET.....	166
4.3 - UM NOVO PADRÃO DE INTERAÇÕES.....	170
4.4 - AS REDES SOCIAIS.....	181
4.5 – AS REDES SOCIAIS E AS MOBILIZAÇÕES NO BRASIL.....	202
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	211
6. BIBLIOGRAFIA.....	218
7. ANEXOS.....	223

INTRODUÇÃO

Os anos finais do século XX e essa primeira década do século XXI, trouxeram um novo modo de organização da sociedade em que, suas transformações, têm como centro o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e comunicação (TICs). A integração das economias nacionais, da cultura e dos problemas mundiais pela criação de uma rede horizontal e interativa de comunicação constitui uma nova estrutura social.

O processo de mudança em curso, não é recente, remonta a meados do século XX quando, como resultado do quadro bipolar colocado após a II Guerra Mundial, têm-se o estabelecimento de dois conjuntos de mudanças que se, à primeira vista trilhavam caminhos opostos, unificar-se-iam quadro décadas depois na construção de uma sociedade rede.

O primeiro conjunto dessas mudanças está na aceleração do desenvolvimento tecnológico. A partir da II Guerra Mundial, a realidade de disputa entre capitalismo e socialismo provoca uma corrida armamentista e aeroespacial que são fermento de uma inovação tecnológica jamais vista pela humanidade, tal inovação, dirigida inicialmente aos setores militares, cria uma tecnologia sofisticada nas áreas de eletrônica e microeletrônica, telecomunicações, informática, computação, biotecnologia, entre outras, que se processa numa velocidade jamais realizada, pelo trinômio desenvolvimento – maturidade – obsolescência, por qualquer outra tecnologia.

A crise do período da Guerra Fria - dada pela impossibilidade dos dois polos manterem o crescimento dos seus orçamentos militares e, pelo caráter irracional da corrida armamentista em que, a agressão traria, também, consequências catastróficas ao agressor -, reorienta o desenvolvimento dessas tecnologias na direção de uma indústria civil.

A realidade de uma indústria de bens de consumo em que esses eram constituídos por elementos mecânicos, válvulas e resistências elétricas é, gradualmente, substituída por placas de circuitos, capacitores, condensadores e, o chip. Todas essas tecnologias se incorporam nos automóveis, nos eletrodomésticos, nos brinquedos, nos calçados, nos telefones, e em uma infinidade de bens de consumo do nosso tempo. Aquilo que a ficção, construída nos filmes de “007”, alimentava nossas brincadeiras de infância – com telefones em saltos e solas de sapatos, carros anfíbios, filmadoras e microfones em canetas e botões, armas em isqueiros, torna-se uma realidade do cotidiano das pessoas, a tecnologia sofisticada se incorpora as nossas vidas e modifica todo o conjunto de relações.

Mas, como dissemos no início dessa introdução, a mudança acontecida, na passagem do século XX ao século XXI, é resultado de outro conjunto de condições que estão colocadas nas gerações que se sucederam ao longo dessas décadas pós II Guerra Mundial. Essas gerações vivenciaram diferentes momentos; a primeira chegou à juventude vivendo o conflito de gerações dos anos rebeldes, buscando a paz e o equilíbrio com o meio ambiente, jovens ativistas caracterizaram os anos de 1960; a segunda e a terceira viveram o momento de transformação dessa base técnica na sua incorporação ao seu cotidiano, esses conheceram, uns mais outros menos, a tecnologia eletromecânica e, apreenderam a tecnologia informacional; a quarta dessas gerações, a chamada Geração Z, já nasceu nessa Era da Informação - impregnada por uma tecnologia sofisticada -, alguns já foram concebidos através dessas tecnologias, muitos têm sua educação e padrões de comportamento guiados por essas, a grande maioria se comunica através dela. Os computadores pessoais, os notebooks, os palms, os celulares, os tablets, os smartphones, com marcas que identificam os usuários, associados a velocidades cada vez maiores de transmissões, tornaram-se ferramentas para a liberdade da circulação de ideias e ideologias, informação e conhecimento, lazer e oportunidades,

sons e imagens, criando um ambiente permanente e virtual de comunicação e compartilhamento. A essa geração não parece possível uma vida em sociedade sem essas tecnologias, é a geração do tempo a partir da velocidade de conexão.

A todas essas gerações perpassa um tênue fio condutor na construção de uma característica da sociedade rede do século XXI, o sentimento de liberdade. Esse sentimento, que é próprio dos jovens, mas era reprimido por sisudos padrões de comportamento e tradição na geração da tradição (anterior a II Guerra Mundial), aflora na juventude da geração dos *boomers* através da contracultura e outros movimentos; materializa-se em novos padrões de famílias urbanas e no consumo diversificado e sofisticado nas gerações X e Y e, alcança a Geração Z apresentando a possibilidade de uma nova forma de organização social, a rede.

Mas, não se fala aqui na rede como meio - tal qual ela foi constituída por sociedades mais remotas através de sistemas de correios, de cobrança de impostos, de comércio e, já nos séculos XIX e XX, de eletricidade e telecomunicações -, mas na rede simultaneamente como produto e matéria prima, ou seja, da conjugação entre o sentimento de liberdade e as novas tecnologias de informação, emerge um conjunto de relações sociais que o seu capital social não está em seus valores individuais, mas no produto que essas individualidades realizarão através da liberdade e do compartilhamento.

Nesse sentido a sociedade rede não é a sociedade em rede. Está última não é uma novidade desde sociedades anteriores, a primeira é a sociedade deste tempo, que configura, como apresenta Castells (2007), uma nova arquitetura social, ou seja, um conjunto social particular, organizado numa base técnica – as novas TICs -, representado por uma forma – as redes autoconfiguráveis -, inspirado numa cultura – a cibercultura, a

cultura da virtualidade real – e, motivado pela multiplicidade de possibilidades da interatividade informacional.

São essas preocupações que norteiam este trabalho, enxergar essa sociedade rede a luz das mudanças que essa tem produzido sobre a juventude, nos seus padrões de comunicação, relacionamentos, comportamento, interatividade e mobilização. Tendo como referencial teórico Manuel Castells, a partir de seus trabalhos *A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (1999), *A Galáxia da Internet* (2003), *La Sociedad Red: una visión global* (2006), *La Transición a la Sociedad Red* (2007), *Redes de Indignación y esperanza* (2012), analisaremos, no Capítulo 1, a importância das TICs, na configuração da sociedade rede. Também as análises de autores como Santos (1982, 2001, 2005, 2006), Cardoso (2006), Almeida (2004), Haesbaert (1999), Giddens (1991), Levy (1999), foram fundamentais para o entendimento da temática proposta na tese

A sociedade global, que se constitui através desse intenso processo de virtualização das relações, se realiza no(s) local(is) e o tecido dessa interação global - local é a rede. Apresentaremos ainda nessa perspectiva, que a globalização não significa a anulação do local, ou seja, entendido como lugar não pode ser considerado como um agente passivo frente a tendências homogenizadoras, mas como um agente ativo em que as suas marcas características combinariam e recombinaariam os fluxos da sociedade rede.

A estrutura da rede é a nossa preocupação ao final do Capítulo 1, representando a forma na qual as relações se constroem nessa sociedade nela, a internet, se configura no amálgama de suas relações, a sua difusão e a intensificação dos seus usos, conduzem a transformação da sociedade em rede na sociedade rede.

Entendemos que, a importância da internet está muito mais na forma de apropriação dessa tecnologia pela sociedade, do que no desenvolvimento da técnica. É desnecessário justificar que a ampliação da velocidade e a modernização dos sistemas de conexão foram imprescindíveis para a condição de interatividade atual, mas é o produto dessa o que se configura o valor e a forma de organização da sociedade rede.

Dessa maneira, trataremos, no Capítulo 2, da preocupação de se qualificar e quantificar os usos da internet no mundo e no Brasil. No que toca o primeiro aspecto, é preciso que se resgate o confronto entre utopistas e antiutopistas dos seus usos, que se faz desde os primeiros momentos da internet. Nesse debate sobre se a internet representa, ou não, um elemento de isolamento e restrição das relações sociais assumiremos a crítica a esses anti-utopistas compreendendo que, na sociedade rede, a internet constitui-se em uma ferramenta de transversalidade de relações do mundo virtual para o real e vice-versa e, assim, não significa isolamento.

De outro lado, apresentaremos ainda no Capítulo 2, a importância de se quantificar os usos da internet a partir de alguns indicadores; a compreensão desses é fundamental para se verificar o grau de inclusão/exclusão digital que se tem sobre a população mundial e brasileira. Teremos como referência dados secundários produzidos pela UIT – Union Internacional de Telecommunication - para as comparações sobre o uso da internet entre os diversos conjuntos de países do mundo e, pela Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (PNAD) nos seus suplementos sobre a intensidade e os diferentes usos da internet na população brasileira, com a atenção de verificar essas diferenças, em especial, entre a população jovem. Em nossa pesquisa recolhemos depoimentos, nessa faixa etária, sobre mudanças de comportamento ocorridas com o advento da internet.

Nessa relação internet e juventude, consideramos importante analisar, no Capítulo 3, as diferentes gerações que ocorreram, desde o advento dessa revolução técnico-

científica-infomacional, ocorrida a partir de meados do século XX. Nossa análise passará pela atenção aos processos de incorporação dessa técnica por cada uma dessas gerações e as consequentes mudanças de hábitos sobre essas. Analisamos ainda, as políticas oficiais desenvolvidas para a juventude no sentido de reduzir sua exclusão social, verificando a capacidade dessas de atender suas demandas e promover valorização e autodeterminação.

No Capítulo 4, diante da análise da sociedade rede, da internet e da juventude, realizada nos três primeiros capítulos desse trabalho, apresentamos os resultados de nossa pesquisa de campo. Nessa foram aplicados 861 questionários, sem identificação dos sujeitos e divididos em dois grupos; 597 entrevistas foram realizadas entre alunos dos cursos de geografia da Universidade Federal de Uberlândia e da Universidade Católica de Uberlândia e, 264 entrevistas ocorreram entre alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Uberlândia. Para ambos os conjuntos realizamos 50 entrevistas, aleatórias e sem identificação do entrevistado, que permitiram aprofundar o conhecimento a respeito da percepção que, especialmente, a faixa etária dos 15 aos 29 anos de idade tem dessa sociedade rede.

Em nossas considerações finais, apontamos para o entendimento do fenômeno da sociedade rede, enquanto uma arquitetura social do nosso tempo e que se promove num contexto de apropriação intensa pela juventude. Essa realidade conforma uma sociedade que, mais do que em qualquer outra faixa de idade, organiza uma virtualidade que realiza grande parte de suas necessidades concretas. Na rede, através de comunidades virtuais ou redes sociais, a juventude partilha sons e áudios, combina encontros, conhece pessoas e lugares, faz negócios e ganha capacidade de organização e mobilização. Tais ferramentas de compartilhamento transformaram-se, nos últimos anos e em várias partes do planeta, em um palanque virtual, em que, sujeitos anônimos, manifestam sua

indignação, convocam para o mundo real grandes mobilizações e criam um sentimento de esperança em mudanças que atendam aos seus interesses e os considerem como sujeito de direitos.

No entendimento da criação dos espaços virtuais de economia, política e de relações sociais, destacaremos a produção das redes sociais ou comunidades virtuais. Nosso objetivo será compreendê-las a partir de sua apropriação pela juventude, transformando-as num poderoso instrumento de informação, comunicação, propaganda, mobilização e indignação desta faixa etária.

CAPITULO 1 –

NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL.

CAPITULO 1 – NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE ATUAL.

1.1 A SOCIEDADE REDE COMO ARQUITETURA

Pensar o fenômeno da organização da sociedade no contexto do final do século XX e início do século XXI tem sido uma tarefa cada vez mais complexa para geógrafos, economistas, sociólogos e todos aqueles que se dedicam aos estudos das relações sócio-espaciais contemporâneas.

As transformações ocorridas nas economias, nas sociedades e no espaço mundial, a partir do desenvolvimento de um conjunto de tecnologias ligadas às ciências da informação e da comunicação definiram e redefiniram novos padrões de sociabilidade para as empresas, para as pessoas e para as organizações públicas e privadas, criando novos eixos de fluxos materiais e imateriais. O desenvolvimento dessas novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs - coloca uma nova escala de análise aos estudos das ciências sociais e humanas.

Tais estudos devem agora considerar a constituição de um espaço de fluxos imateriais propiciados pelas novas TICs. Se antes tais eixos de fluxos estavam limitados pelo tempo e pela distância do deslocamento de informações, pessoas e bens materiais, a partir dos últimos vinte anos do século XX, evidencia-se uma redução drástica da importância desses elementos físicos. O desenvolvimento da Internet nos idos do final da década de 1960 e principalmente sua popularização a partir dos anos de 1990, associados à massificação do consumo dos computadores pessoais e da telefonia móvel, possibilitaram a ampliação espacial de novas e múltiplas relações sócio-espaciais.

Nesse contexto, antigas relações hierarquizadas - pela autoridade, pelos laços familiares e de vizinhança e pela própria importância das funções dentro do sistema sócio-econômico-espacial em que estávamos inseridos - foram flexibilizadas e (re)constituem-se agora em uma intensidade que paradigmas técnicos anteriores jamais vislumbraram alcançar.

Nos últimos trinta anos, uma nova sociedade foi criada. Segundo Castells (2007), inaugura-se uma sociedade rede que se constitui em um estágio adiante de uma sociedade informacional. Sem cometer reducionismos tecnológico-deterministas, não devemos “escorregar” na tentação de creditar essa transformação unicamente ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Ao contrário, as tecnologias e a organização social atual se produzem mutuamente, cada qual contribuindo para o desenvolvimento da outra, a última sempre precedendo ao desenvolvimento tecnológico.

A sociedade rede ou sociedade bit, como denomina Almeida (2004), sucede a sociedade da informação. Na sociedade anterior, que se estende até a década de 1950 segundo nossa compreensão, a técnica se sobrepôs às relações sociais, e seu desenvolvimento alienou o homem da noção de espaço, transformando-nos no *Homo Economicus*, haja vista o interesse do desenvolvimento de um modelo produtivo, sustentado na massificação do consumo e na semelhança crescente entre campo e cidade.

As transformações tecnológicas ocorridas a partir da década de 1950, acompanhadas por um conjunto de movimentos sociais, promovem um momento de mudança na sociedade da informação. No campo da tecnologia, a conjuntura geopolítica mundial é um ingrediente importante para a sua aceleração através da indústria militar, da

microeletrônica, da informática, da computação e das telecomunicações, as quais ganham um desenvolvimento até então apenas visualizável nos filmes de ficção científica.

Nas relações e movimentos sociais, as mudanças foram também significativas. Paralelamente ao desenvolvimento tecnológico, o esforço da reconstrução dos países destruídos pelas guerras redimensionou a luta pela paz no interior dos movimentos organizados da sociedade, as lutas pela emancipação das mulheres e a construção de uma ideologia de liberdades defendida pela cultura, pela igreja, pela juventude e pelos movimentos sociais.

Nesse sentido, o desenvolvimento tecnológico foi acompanhado por um conjunto de transformações sociais que, influenciando diretamente o desenvolvimento da tecnologia, tornaram-na o instrumento de viabilização de uma sociedade rede ou sociedade bit. Embora atentos à dificuldade de estabelecermos um recorte temporal preciso que possa marcar a passagem de uma sociedade da informação para uma sociedade rede, pode-se reconhecer que sua fase inicial ocorre nos anos finais da década de 1960 – com os primeiros desenvolvimentos da ARPANET – e sua maturidade vai sendo alcançada na última década do século XX – com a generalização do uso civil¹ da Internet como instrumento de comunicação e integração de empresas e mercados, de mudanças nos sistemas tradicionais de ensino e nos padrões de transparência das ações

¹ Entende-se esse uso civil da internet como o momento em que ela deixa de ser apenas um instrumento de comunicação entre universidades ou agências de Estado e, de maneira rápida, vai influenciando o cotidiano das ações. Para isso, o desenvolvimento de um conjunto de tecnologias e ferramentas foi necessário, como por exemplo: 1983 (janeiro) – padronização da linguagem da internet a partir do protocolo TCP/IP criando uma série de redes conectadas entre si, 1988 – desenvolvimento do IRC (Internet Relay Chat), um programa que permite conversas online pela Internet, 1991 – liberação para uso público do hipertexto e a criação da rede www, 1995 – criação do Yahoo, primeiro sistema de buscas na Internet, 1995 (julho) a Amazon vende seu primeiro livro pela Internet e inaugura um novo nicho de mercado, 1995 (setembro) – é criado o e-buy e configura-se definitivamente o mercado de vendas online, 1996 – desenvolvimento do acesso por banda larga pelo sistema ADSL e do modem de 56 kbps, 1997 – desenvolvimento do WAP, padrão que leva a Internet a celulares e palmtops, 1998 – lançamento do Google, 2005 – criação do YouTube, 2007 – Apple lança o iphone, aparelho que une funções de telefone, câmera, acesso à internet e mp3. Em 74 dias, 1 milhão de unidades são vendidas nos EUA, entre outras.

de governo, além da transformação das relações sociais através das comunidades e redes sociais.

Nessa nova constituição social, a Internet se transformou no veículo que potencializou todas as transformações e estabeleceu a base tecnológica da forma organizacional que constitui a sociedade rede, criando uma correspondência sociedade-tecnologia jamais alcançada em outros momentos históricos.

Cabe lembrar, repensando o desenvolvimento e a evolução da sociedade da informação, que a criação da prensa de tipos móveis por J. Guttemberg (1439) e da iluminação e da lâmpada elétrica (1859-1880) por Thomas Edison constituíram tecnologias que modificaram a correspondência sociedade-tecnologia e permitiram, respectivamente, a reprodução de textos escritos e o desenvolvimento da imprensa e, com a eletricidade, a iluminação das cidades e os turnos de 24 horas na atividade produtiva. Vê-se assim o papel que a tecnologia teve e tem na alteração dos ciclos da natureza e dos conceitos de tempo e de espaço.

No início do século XX, a generalização das transmissões de rádio, realizadas pioneiramente por G. Marconi, em 1896, introduziram mais um elemento no conjunto dos sistemas de mídia² que passam a se generalizar na sociedade moderna. Tais transmissões ampliaram o conhecimento do mundo e do espaço imediato e distante, promovendo uma indústria ligada ao setor. O mesmo pode ser dito - quase no mesmo momento da era do rádio - para a invenção das transmissões telegráficas e telefônicas, tecnologias que ampliaram as formas de comunicação e informação daquelas sociedades da primeira metade do século passado. O que é importante perceber aqui é a importância

² Por sistemas de mídia adotaremos a definição utilizada por P. Ortoleva (1995) como o conjunto das tecnologias e instituições empenhadas na produção, distribuição e consumo das diversas formas de comunicação.

da comunicação e da informação como agentes de redimensionamento do espaço vivido. Segundo Cardoso (2006:179), “a ideia de comunicação e de informação não só se impôs na sua especificidade e autonomia [para cada sociedade] como se afirmou como ideia central da vida social”.

No entanto, a consolidação de um sistema de mídias responsável pela transformação da informação em elemento de consumo de massa somente ocorrerá na segunda metade da década de 1930 com o advento das transmissões de televisão (a olimpíada de Berlim de 1936 é uma das primeiras transmissões realizadas) e, depois da II Guerra Mundial, com o desenvolvimento da indústria e de uma rede de emissoras e grades de programações diversificadas. À medida que a tecnologia amplia a capacidade comunicacional da sociedade, a mesma promove mudanças na tecnologia, adequando-a às suas demandas de consumo.

O desenvolvimento dos sistemas de comunicação nos anos de 1960 e 1970 tornou-se decisivo para a consolidação de uma sociedade que, estruturada num ambiente da informação, avançaria na direção da sociedade rede. No referido período, o desenvolvimento dos sistemas de transmissão via satélite, das telecomunicações e das redes digitais possibilitaram a criação da base tecnológica necessária à sua consolidação. Contudo, a generalização da sociedade rede se fez a partir da década de 1990 quando, a internet tornou-se o instrumento de informação, inovação e integração quase em tempo real dos espaços e sociedades. Castells (2003:36) afirma que, com a internet, ocorre a criação de uma cultura comunitária virtual que tem intensas relações com o Iluminismo: “trata-se de uma cultura da crença no bem inerente do desenvolvimento científico e tecnológico como um elemento decisivo no progresso da humanidade”

A Internet configura-se, dessa maneira, como a base material em que se estrutura uma nova sociedade sob o signo da informação. Organiza-se através dela uma sociedade rede. Este é o pressuposto inicial que organiza esse trabalho. Vivemos numa sociedade em que a rede não é apenas a estrutura material de sustentação das relações, como já foram às redes de transportes e de eletricidade na sociedade industrial. A chamada era da informação, consolidada gradualmente após a II Guerra Mundial, levou à construção de uma nova arquitetura (Castells, 2003) de relações amparada numa cultura da rede, da virtualidade real e do compartilhamento.

“A cultura da Internet é uma cultura feita de uma crença tecnocrática no progresso dos seres humanos através da tecnologia, levado a cabo por comunidades de hackers que prosperaram na criatividade tecnológica livre e aberta, incrustada em redes virtuais que pretendem reinventar a sociedade, e materializada por empresários movidos a dinheiro nas engrenagens da nova economia” (CASTELLS, 2003:53)

Tal arquitetura configura então um estágio superior do meio técnico-científico-informacional, onde a generalização das tecnologias de informação – criadas no momento em que o espaço geográfico deixava de ser técnico-científico para incluir o informacional – torna-as apropriáveis pelas empresas, pelos governos, pelos partidos políticos, pelas instituições e organizações da sociedade civil e pelos cidadãos.

De uma estrutura social em rede – em que historicamente nos organizamos, desde as formas sociais e bases técnicas mais pretéritas - chegamos a uma sociedade rede. A ausência da preposição não é mera casualidade, pois uma sociedade em rede expressa uma forma estrutural de relações sociais que encontramos nas mais diversas organizações e nos mais diversos tempos histórico-geográficos.

A sociedade rede expressa um tipo particular de relações que deixam de ser manifestações pela rede para se transformarem em produtoras das redes. Segundo

Castells (2004), ela não foi consequência da revolução tecnológica, mas uma coincidência em um determinado momento e lugar, de fatores econômicos, sociais, políticos e culturais que permitiram a emergência de novas formas de organização social que prevaleceram e se estenderam, aproveitando a oportunidade histórica oferecida pela informação.

“En sus orígenes convergen, por coincidencia accidental, en la década de los setenta, três procesos independientes cuya interacción conformo un nuevo paradigma tecnológico, el informacionalismo, y una nueva estructura social, la sociedad red” (CASTELLS, 2004:41)

A rede, na sociedade rede, não é exclusividade da técnica, mas é diacronicamente produto e matéria prima da combinação desenvolvimento tecnológico – novos padrões de organização social. Segundo Castells (2004):

“En um mundo de redes la capacidad de ejercer control sobre otros depende de dos mecanismos básicos: la posibilidad de programar-reprogramar lãs redes según lós objetivos que lês asigne y la habilidad para conectar diferentes redes para asegurar su cooperación compartiendo objetivos comunes e incrementando recursos” (CASTELLS 2004:61)

Nesse sentido quando falamos sobre a sociedade em rede, dizemos sobre uma construção técnica que a humanidade organizou desde os momentos históricos mais pretéritos. A sociedade rede, de outro modo, é herdeira e agente da revolução tecnológica e, diferentemente de todas as anteriores, apresenta uma capacidade de programar-se e reprogramar-se nunca antes verificada, tendo, na sua genética o interesse do compartilhamento.

1.2 DO GLOBAL AO LOCAL ATRAVÉS DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO.

Para compreender a sociedade rede, é de importância basilar o esclarecimento das relações diferenciadas que ela estabelece no interior do par global – local. Nesse par, o primeiro termo não deve ser entendido apenas em sua dimensão econômica e tampouco como um processo de eliminação de diferenças. Realiza-se de maneira fragmentada e excludente e, dessa maneira, a globalização não é global.

“las redes digitales son globales porque su capacidad de reconfiguración no posee limites. Por tanto, una estructura social cuya infraestructura este basada en las redes digitales es global por definicioón: la sociedad red es una sociedad global. Ello no significa, sin embargo, que lãs personas de tod el mundo estén incluídas en Ella; de hecho, por ahora, la mayoría no ló está. Pero todo el mundo se vê afectado por lós procesos que tienen lugar en las redes globales de esta estrutura soial dominante.” (CASTELLS, 2004:49)

Por outro lado, o local, no âmbito da modernidade, incorpora os processos gerais de um planeta cada vez mais integrado por múltiplas conexões. Revisada nos últimos 50 anos, essa frase reflete um conjunto complexo de transformações que redimensionaram a compreensão e a importância do local e da modernidade a partir do advento de uma estrutura de organizações sociais viabilizada pelas novas TICs.

A sociedade rede não é fruto do exercício de futurologia de alguns acadêmicos e romancistas apaixonados pela tecnologia, ela é uma realidade criada pela própria sociedade e fruto da convergência, num mesmo tempo, do desenvolvimento da tecnologia, do estrangulamento do modelo produtivo, seja estatista ou de mercado (o modelo fordista apresentava seguidas quedas de produtividade) e de uma intelectualidade que partilhava de um sentimento de liberdade construído nas experiências dos

movimentos culturais dos anos de 1960 e amplificado pelas possibilidades de compartilhamento que as novas tecnologias proporcionaram. Segundo Castells (2004)

“la sociedad global no es innovadora. Lo nuevo es su alcance global, junto con su arquitetura en red, Esto significa, por um lado, que lãs relaciones de dominación entre redes son fundamentales. Estan caracterizadas por uma interacción constante y flexible. ... Por outro lado, como la lógica de creación de valores, como expresión de dominación, es global, quienes tengan um impedimento estructural para existir globalmente están en desventaja com respecto a aquellos cuya lógica sea inherentemente global.” (CASTELLS, 2004:53)

A globalização, como consequência sócio-técnica da sociedade rede, tem significações diversas, expressando uma realidade que se apresenta multiplexa – os processos de integração são múltiplos e complexos. Santos (2001) apresenta-a, logo no capítulo inicial de seu livro *Por uma outra Globalização – do pensamento único à consciência universal*, como fábula, como perversidade e como possibilidade. Reconhecemos que, na primeira condição proposta por Santos (2001), estão os entusiastas da tecnologia, aqueles que, como Marshall McLuhan, visualizavam a constituição de uma Aldeia Global que, pela via das comunicações, reduziria distâncias e tornaria instantâneas as decisões e comandos.

Segundo Santos (2001), tudo o que é criação do homem e contribui para seu benefício torna-se extensão de seu corpo. Dessa maneira, a técnica determina a natureza das relações sociais e, sob essa perspectiva, a casa, a cidade, a região, o país e o planeta seriam permanentemente adicionados de técnicas enquanto apêndices do corpo.

“El hogar puede muy bien tornarse más eficiente y automatizado a medida que a la construcción se van agregando la televisión por cable, los videocassetes, los videodiscos y el sonido cuadrofónico. Para aquellos que necesitan un escape, las pantallas de alta densidad amplificarán y acentuarán el estado alfa. Para aquellos que buscan información, la TV unida a un ordenador podría llegar a sobrepasar los recursos de la Biblioteca del Congreso de lós Estados Unidos. La velocidad de la información escrita a través de

satélites, como el caso de la Associated Press Nexscable, podría enviar a los usuarios particulares una sorprendente variedad de información adaptada, tal vez, a las necesidades profesionales particulares. La posibilidad de una actualización continua de datos sobre sucesos clave. Las audiências orientadas hacia una mentalidad de videojuego, que deja de lado libros y diários, podrían recibir com agrado por un período de tiempo determinado noticias estilo cápsula, que llevadas a su limite extremo se vuelven al estilo del ideograma." (MCLUHAN, 1989: 95)

A sociedade rede, segundo Castells (2004), não significa essa aldeia de utopistas da tecnologia, na qual as empresas, os Estados, as Instituições e todos os cidadãos estejam conectados em rede. Significa, na verdade, que todo o planeta está envolvido e cada vez mais condicionado por determinantes que tem como espaço essas estruturas organizadas globalmente. Em outras palavras, a Globalização não atinge todo o espaço mundial, muito embora, se manifeste direta ou indiretamente em cada ato de nossas vidas.

Aqui cabe destacar a segunda perspectiva apresentada por Santos (2001): a Globalização como perversidade. O seu caráter incluso-excludente tem uma tendência crescente da exclusão.

"A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização." (SANTOS, 2001:20)

A perversidade é sistêmica porque está na genética desse processo de globalização. Santos (2001) destaca que ela cria uma "mais-valia globalizada" e, como consequência, amplia o desemprego, a pobreza e o desamparo das políticas de Estado em todos os continentes. Ainda segundo o autor, a perversidade ocorre pela confluência de um mercado integrado de maneira cada vez mais global e um sistema de técnicas avançadas que aumentam o poder das empresas reduz ou desqualificam o trabalho e

exigem um “comportamento competitivo” conduzido por “ações hegemônicas” para a inclusão na globalização.

Outro aspecto da sociedade rede está no fato de que ela não é e não será unicamente virtual, pois, além de se processarem no real, os elementos técnicos que a representam estão espacialmente distribuídos, sendo o intermediário dessas relações o homem na sua história, nos seus sentimentos e na sua cultura. Tampouco se pode dizer que seja exclusivamente global, pois suas manifestações ocorrem no espaço do local.

Encontramos outra conexão com o pensamento de Santos (2001). Os sistemas técnicos representam-se por um conjunto de famílias de técnicas cujo desenvolvimento, distribuição e uso são controlados por meio de ações hegemônicas orientadas pelos interesses de um processo global de acumulação do capital. Os sistemas de técnica e de ações incidem verticalmente sobre o local.

Não é possível desconsiderar aqui a resposta dos lugares. A técnica que possibilita que empresas e mercados sejam globais também confere um maior destaque às particularidades de cada localidade. Em outros termos, o local agregado de história, cultura, relações sociais e pertencimento transforma-se em “lugar” que se apresenta sincronicamente submetido a verticalidades e horizontalidades³.

É preciso considerar também que a sociedade rede é denominada por Castells (2000) como informacional e não como uma sociedade da informação⁴, pois ela tem a sua

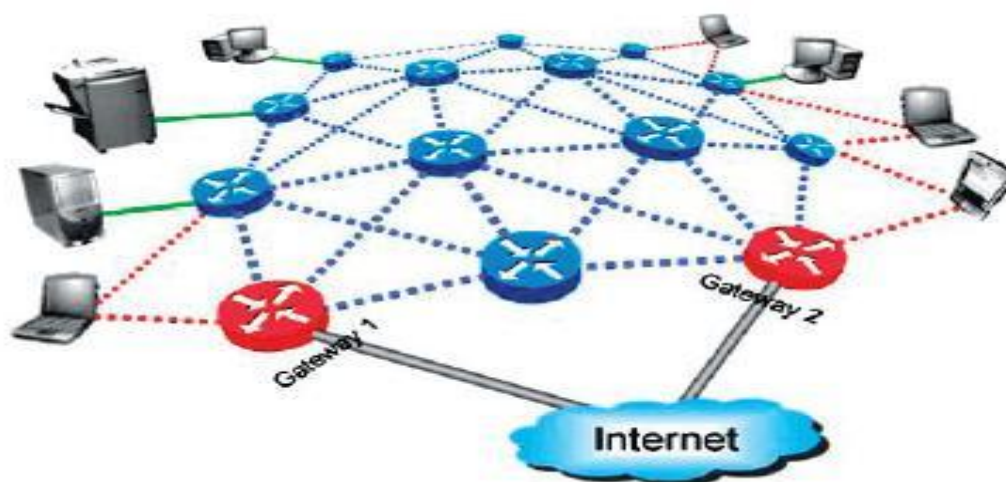
³ Os conceitos de verticalidades e horizontalidades foram apresentados por Santos (2001), traduzindo formas opostas de apropriação do espaço. As verticalidades se constituíam a partir das ações exógenas ao lugar e por um espaço de fluxos comandados pelos interesses da acumulação. De outro lado as horizontalidades se dariam através do espaço banal, ou seja, aquele espaço de todos, apresentando contiguidade e constituído a partir das vivências de cada agente.

⁴ O termo Sociedade Informacional distingue-se do termo Sociedade da Informação da mesma maneira que o termo Sociedade Industrial distingue-se do termo Indústria, ou seja, constitui-se de uma estrutura sócio-técnica em que a

estrutura básica determinada pela rede. Nessa perspectiva, embora outras organizações sociais também constituam essa forma de organização, na sociedade atual, as redes alcançam uma eficiência e uma flexibilidade não alcançadas em nenhuma outra. Segundo Castells (2004:51),

“la sociedad red debe analizarse, en primer lugar, como una arquitectura global de redes auto-reconfigurables, programadas y reprogramadas constantemente por los poderes existentes en cada dimensión; en segundo lugar, como el resultado de la interacción entre las diferentes geometrias y geografías de las redes que incluyen las actividades básicas, es decir, las actividades que moldean la vida y se realizan en sociedad; y, en tercer lugar, como el resultado de una interacción de segundo orden entre las redes dominantes y la geometria y geografía de la desconexión de las formas sociales que permanecen fuera de la lógica de la estructura de redes global”

Ao propor a sociedade rede como uma arquitetura global de redes auto-reconfiguráveis (FIGURA 1), Castells (2000) nos apresenta a ideia de um espaço de fluxos (sobre)-(o)pondo-se a um espaço de lugares. Essa dialética está no centro do debate a respeito dos diversos usos e não usos das novas tecnologias de informação e comunicação, em especial a Internet, pelos diversos setores da sociedade. Os espaços dos fluxos materializam-se numa autoestrada da informação e expressa a face presente desse processo de globalização. O espaço dos lugares é definido pelo local envolvido pela sua história, sua cultura e seu processo de formação.

FIGURA 1 - REDES AUTOCONFIGURÁVEIS

FONTE: <http://polimidia.wordpress.com/2007/11/20/limitacoes-da-aplicacao-na-internet-dos-modelos-de-redes-sociais/>, acesso em 14/01/2013

O espaço dos lugares seria o espaço da vizinhança, da memória, da identidade, da contiguidade, enfim, o local definido pelas suas significações e não como mera localidade. Segundo Haesbaert (1999), o local deve ser visto a partir de três abordagens distintas; na primeira delas, como “espaço vinculado a processos gerais de heterogeneidade e diferenciação”, ou seja, como área de manifestação dos particularismos e de contraposição às tendências de massificação impostas pela globalização. Na segunda, podemos pensá-lo a partir “das relações sociais do cotidiano e dos contatos face-a-face”, ou seja, na perspectiva de padrões de sociabilidade que se constroem sobre o espaço real. E ainda, numa terceira, podemos entender “o local como lugar”, ou seja, como “espaço culturalmente significativo”.

Com o objetivo de compreender e conceituar uma chamada formação econômica social e espacial, Santos (2005) amplia a importância do local como elemento particular de cada momento:

“Se a Geografia deseja interpretar o espaço humano como o fato histórico que ele é, somente a história da sociedade mundial aliada à

sociedade local pode servir como fundamento da compreensão da realidade espacial e permitir sua transformação a serviço do homem.” (SANTOS, 2005:22)

O século XX é um momento especial para a compreensão dessas três abordagens propostas por Haesbaert (1999) e, como destaca Santos (2005), do local como elemento de uma sociedade mundial. Iniciamos o século XX com a maioria da população mundial habitando as áreas rurais, ignorante frente à grande parte das mudanças que aconteciam na ciência e na técnica nas últimas décadas do século anterior, sobrevivendo de atividades que transcendiam pouco às necessidades da própria subsistência e (re)produzindo um local que se expressava pelas três abordagens propostas por Haesbaert (1999).

Naquele momento histórico, o significado do local era representado pela sua capacidade de diferenciação e de manifestação de particularismos, pelas relações sociais estabelecidas através das atividades econômicas, dos laços de família e vizinhança e das crenças religiosas que se processavam num espaço de, como diria Santos (2006:179), “tempos lentos” que exigiam o contato direto entre as pessoas. Além disso, o local era definido como “espaço culturalmente significativo”, ou seja, pela sua herança construída pela memória e pela paisagem que lhe davam características particulares.

A possibilidade de se constituir como um espaço de contraponto às tendências homogeneizadoras estava obstaculizada pelas rugosidades que o espaço apresentava. Segundo Santos (1974:8), “a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional”, ou seja, o local apresentava-se desarticulado e segmentado em razão dos obstáculos que a técnica impunha à integração.

Os sistemas de comunicação estavam limitados a uma capacidade de transmissões ainda insuficiente para que o local sofresse, de maneira acelerada, os processos de massificação gerados pela globalização. Segundo Santos (2005:27), “a evolução da formação social está condicionada pela organização do espaço”, assim nesse momento o local não é ainda ameaçado por “tendências homogeneizadoras”:

“Antes do atual período tecnológico, vastos segmentos de espaço puderam escapar ao domínio, direto ou indireto, do modo de produção dominante, ou foram apenas atingidos por feixes de determinações limitadas.” (SANTOS, 2005:29)

Na perspectiva de Santos (2005) e Haesbaert (1999), as novas tecnologias de informação e comunicação contribuiriam para corromper os particularismos e a necessidade da proximidade, diminuindo a importância da memória e das identidades frente ao poder de tendências homogeneizadoras impostas pela ordem internacional. Entretanto, na dialética dos espaços dos fluxos - espaço dos lugares, os lugares acabam por responder a essas tendências, seja pela disponibilidade da infraestrutura técnica de conexão, seja pelo grau de abertura de suas instituições, empresas e sociedade à incorporação dessas novas tecnologias e suas mudanças.

Ao pensarmos o espaço como suporte material de práticas sociais que ocorrem em tempo compartilhado, a ideia do espaço dos lugares, à luz do advento das novas tecnologias de informação e comunicação, perderia o significado de contiguidade para se manifestar pelo sentido de simultaneidade. Tal característica desenvolver-se-ia tendo como base uma técnica posta pelas novas tecnologias de informação e comunicação que não exigiria a contiguidade física para o estabelecimento de quaisquer práticas sociais.

Assim, segundo Castells (2000:436), o espaço dos fluxos seria “a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos”,

observa-se aqui que a ocorrência de um espaço de fluxos não prescindiria de um espaço dos lugares; ao contrário, segundo o autor, o espaço dos fluxos ocorreria segundo duas de três condições que teriam relação direta com os lugares. A primeira delas seria o desenvolvimento de uma estrutura de circuitos eletrônico-digitais na qual, diferentemente do espaço dos lugares, nenhum lugar existiria por si, mas teria sua existência condicionada pela presença dos fluxos, ou seja, da mesma maneira que os lugares em outras sociedades ganharam significação pelo desenvolvimento de sistemas de transportes e comunicação. Na sociedade rede, os mesmos seriam definidos pelos fluxos.

A segunda condição destacada por Castells (2000) está na organização do espaço dos fluxos através de nós e centros de comunicação. Nesse aspecto, para o autor, o espaço dos fluxos não se constitui destituído dos lugares, pois ele incorpora os lugares com suas diferentes particularidades e construções culturais, tornando alguns mais importantes do que outros, mas submetendo todos à lógica da estrutura de rede.

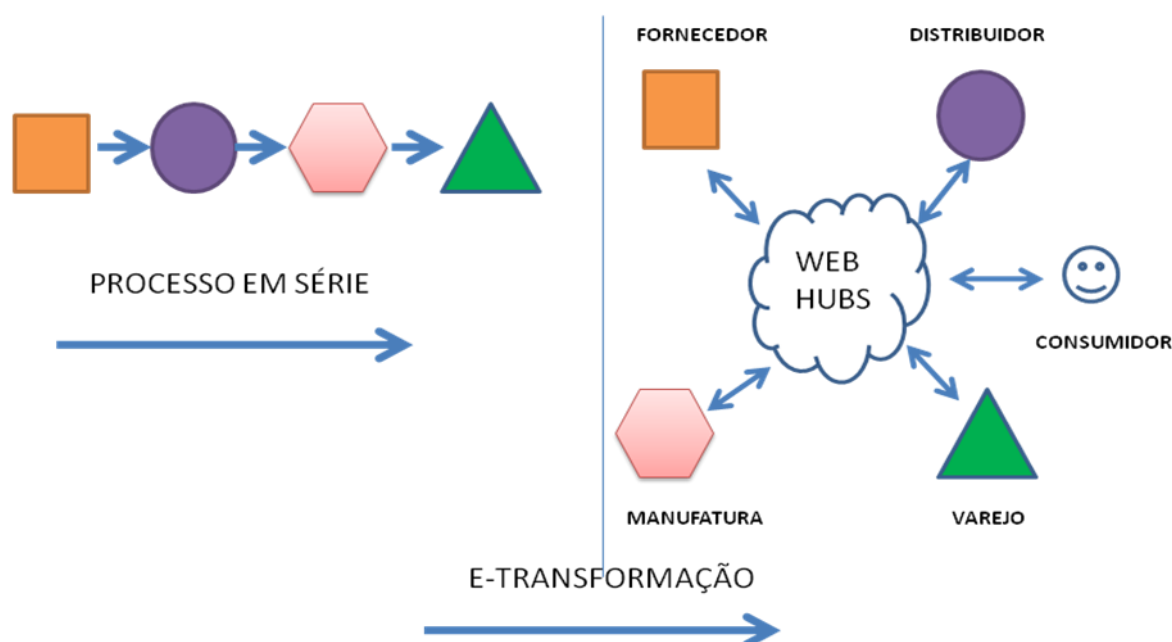
Desse modo, o entendimento de uma sociedade rede não seria apenas realizado através do estudo de seus sistemas técnicos, mas através da “interación entre las diferentes geometrias y geografías de las redes que incluyen las actividades básicas” (CASTELLS, 2004:51). As geometrias, por sua vez, se dariam pelas possibilidades que a técnica proporcionaria no conhecimento e detalhamento do território enquanto as geografias seriam os lugares, arcabouços espaciais que absorveriam as geometrias na produção de novas geografias dessa estrutura social em rede.

A rede organiza uma economia que se constitui através de uma nova forma de produção, distribuição e gestão dos recursos, permitindo um aumento da produtividade de toda a estrutura de produção. As empresas reestruturam-se na direção dessa nova forma de operação (FIGURA 2). Elas realizam fusões e associações com concorrentes e ou

parceiros para dominarem fatias maiores do mercado ao mesmo tempo em que descentralizam e terceirizam etapas da atividade produtiva, possibilitando assim o surgimento de articulações de pequenas e médias empresas que organizam novos nós de cooperação e, conseqüentemente, novas redes.

Produz-se o que poderíamos designar de uma e-transformação na estrutura operacional dos processos produtivos: os modelos sequenciais e verticalizados característicos da produção fordista são substituídos por modelos desconcentrados, descentralizados e multifacetários de uma produção cada vez mais adequada às necessidades dos mercados e da acumulação capitalista.

FIGURA 2 – EVOLUÇÃO DO MODELO DE CADEIA PRODUTIVA PARA REDE DE VALOR



FONTE: <http://www.mbi.com.br/mbi/biblioteca/artigos/200910-redes-cooperacao-valor-inteligencia/> - acesso em 20/01/13

Nesse sentido, segundo Castells,

“[...] as redes – não as empresas – tornaram-se a unidade operacional real. [...] mediante a interação entre a crise organizacional [dos modelos hierárquicos-centralizados] e as novas tecnologias da informação, surgiu uma nova forma organizacional com característica da economia informacional/global: a empresa em rede” (CASTELLS, 2000:191)

Enxergando a atividade econômica pelas suas aparências, continuaríamos a ter na empresa a representante legal da atividade produtiva e da acumulação de riqueza, embora esta não se realize mais na empresa propriamente dita e sim na rede. Tal conjunto de relações se configura numa estrutura de negócios que envolvem múltiplas empresas, conectando-se e desconectando-se de acordo com necessidades e interesses. Segundo Magalhães (2009),

“A globalização dos mercados e da produção está pondo em questionamento a competitividade das pequenas empresas, restando a estas a tarefa de implementar e reorganizar sua atuação de forma que consigam sobreviver em um mercado progressivamente mais competitivo. Neste contexto, uma forma de diminuir riscos e obter sinergia pode-se traduzir na formação de alianças entre pequenas e médias empresas, pelo fato de estas possuírem maiores dificuldades ou limitações para competirem isoladamente. Através de relações cooperativas, as empresas podem trabalhar conjuntamente para melhorar o desempenho, partilhando recursos e se comprometendo com objetivos comuns. A configuração em rede também promove ambiente favorável ao compartilhamento de informações, de conhecimentos, de habilidades e de recursos essenciais para os processos de inovação. Desta forma, empresas podem minimizar suas dificuldades individuais e tornarem-se hábeis em alcançar competitividade nos mercados em que atuam, por meio da adesão a redes de cooperação.” http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-6552009000400005&script=sci_arttext – acesso em 10/12/12

A empresa é o nó⁵ de uma série múltipla de ligações que se articulam e se rearticulam de acordo com seu plano de interesses; a sua flexibilidade e adaptabilidade às

⁵ Na ciências exatas o nó é ponto de conexão entre um ou mais elementos. Essa conceituação tem origem na Teoria dos Grafos, desenvolvida pelo matemático Leonard Euler (1736), seu teorema é, dessa maneira, uma representação de rede constituída de nós e arestas que conectam esses nós. Tal teorema foi apropriado pelas Ciências Humanas e

demandas do mercado vão garantir um maior ou menor número de interações. Segundo Castells,

“ [...] seria aquela forma específica de empresa cujo sistema de meios é constituído pela intersecção de segmentos autônomos de objetivos. [...] os componentes da rede tanto são autônomos como dependentes em relação à rede e podem ser uma parte de outras redes e, portanto, de outros sistemas de meios destinados a outros objetivos.” (CASTELLS, 2000:191)

Esse processo de integração tecnologia-estrutura produtiva se dissemina por todo o conjunto de uma economia mundo, promovendo a generalização da estrutura de rede sobre os mais diversos setores da atividade produtiva. Castells (2000), discutindo a emergência da estrutura de empresa em rede, aponta que ela não é resultado apenas de um processo de desenvolvimento tecnológico, mas também da capacidade de cada sociedade, com suas instituições públicas e privadas de cultura, gestar sistemas organizacionais abertos à incorporação das novas tecnologias e à sua transformação na direção do seu melhor aproveitamento pelos sistemas em rede.

Uma interação importante entre as novas tecnologias de informação e comunicação e uma estrutura em rede está no desenvolvimento dos sistemas de mídia. Segundo Levy (1999), através da fusão dos sistemas de telecomunicações, da informática, da imprensa, da edição, da televisão, do cinema e dos jogos eletrônicos em uma indústria da multimídia, constitui-se uma cibercultura⁶ que funda não apenas as relações econômicas, mas todo o conjunto das relações sociais. Segundo Cardoso

Sociais especialmente ao longo da segunda metade do século XX como uma metáfora para a compreensão de diversos sistemas, tornando-se um instrumento para se compreender propriedades e características da estrutura das redes sociais.

⁶ Pierre (1999) em seu livro Cibercultura coloca sua origem no desenvolvimento de um ciberespaço que, realizado pela integração horizontal e compartilhada das tecnologias de informação e comunicação, constrói um padrão de interatividade entre os agentes sociais que se constitui em uma comunidade mundial, ou seja, cria uma universalidade que se estende por meio da interconexão de mensagens e comunidade virtuais formadas por interesses variados e em permanente renovação.

(2006), nós continuamos a (re)produzir relações face a face como todas as sociedades anteriores, mas o fazemos com uma cada vez maior mediação dos meios de comunicação de massa. Dessa maneira, a cultura da era da informação é a

“cultura da virtualidade real, [...], é virtual porque está construída principalmente através de processos virtuais de comunicação de base eletrônica. É real (e não imaginária) porque é a nossa realidade fundamental, a base material com que vivemos a nossa existência” (CARDOSO, 2006:120).

Anthony Giddens (1991), ao tratar da integração dos sistemas de *mass media*, coloca o estabelecimento de uma globalização econômica e comunicacional no lugar de uma sociedade informacional como a forma característica da sociedade rede. O autor destaca que, antes de se falar numa sociedade de informação é preciso que se revele o papel dos meios de comunicação de massa (*mass media*) na construção da qualidade e da legitimidade dessa informação. Em outras palavras, a sociedade não poderá ser considerada integralmente uma sociedade informacional apenas pela presença de sistemas técnicos que favoreçam a dispersão da informação.

Cardoso (2006), discutindo a ideia apresentada por Giddens (1991), reforça que a dimensão econômica e a dinâmica de evolução dos mercados, enquanto necessidades do desenvolvimento do capitalismo aceleram o desenvolvimento de meios de comunicação de massa e sua articulação em rede: “a complexidade espacial e temporal da organização social é o ponto de partida para uma globalização comunicativa” (CARDOSO, 2006:181).

Nesse processo, uma das dimensões que muito contribuem para a consolidação dessa globalização é, sem dúvida, a econômica; entretanto, é preciso que se destaque, como apresenta Cardoso (2006), que a dimensão econômica e a relação dos novos meios de comunicação com o mercado foram uma característica constante no desenvolvimento daqueles e do próprio mercado ao longo de todo o século XX. Nesse

sentido, o que distingue essa globalização comunicativa não é o próprio desenvolvimento dos meios de comunicação, mas o caráter interativo e compartilhado que as diversas mídias estabelecem entre si e entre seus usuários.

Segundo Cardoso (2006:182), os meios de comunicação de massa promovidos pelas novas tecnologias de informação e comunicação promovem uma nova forma de administração e organização do “tempo e do espaço das redes de relacionamento entre empresas, entre familiares, entre Estado e cidadãos ou entre nações”, estabelecendo um novo padrão de comutação entre os media e os padrões de organização social. Mais uma vez, podemos distinguir as verticalidades apresentadas por Santos (2001), aqui discutidas através da disseminação dos meios de comunicação, construindo padrões hegemônicos de pensamentos e comportamentos.

Por outro lado, se as verticalidades impõem um relógio universal, as horizontalidades reagem às padronizações do tempo e do espaço, criando circuitos próprios de relacionamentos a partir de relógios distintos. A sociedade rede organiza novos padrões de governança por parte dos Estados e Instituições da sociedade. A rapidez do acesso à informação e à comunicação exige, de um lado, uma maior flexibilidade de suas políticas regulatórias e, de outro, uma maior transparência e rapidez no atendimento às demandas da sociedade. A internet constitui-se numa ferramenta eficiente para a manifestação de uma autonomia política que se desenvolve, na maior parte das vezes, fora da própria política formal.

No desenvolvimento deste trabalho, várias foram as demonstrações da autonomia produzida a partir das novas redes de comunicação. No campo das políticas de Estado, se, de um lado, os fluxos comunicativos impõem-se de cima para baixo, representando

interesses de um globalitarismo⁷ imposto pelo período atual, de outro lado, eles também se constroem de baixo para cima como uma reação, inicialmente velada e silenciosa, da população aos ditames de regimes ou modos de desenvolvimentos em desacordo com seus interesses.

As manifestações ocorridas ao longo de 2011, denominadas de Primavera Árabe, foram destacadas por jornalistas, “blogueiros”, cientistas políticos e sociais como um exemplo intenso de autonomia. Santos (2001) apresenta essa possibilidade de autonomia a partir do conceito de espaço banal, em que “ [...]os atores são considerados na sua contiguidade, são espaços que sustentam e explicam um conjunto de produções localizadas, interdependentes.” (SANTOS,2001:109).

O espaço banal seria um espaço de solidariedade entre os atores em que a ação do Estado seria limitada e onde sobressairia uma contra racionalidade construída a partir de finalidades específicas. No caso do exemplo citado, com os sistemas de comunicação oficial controlados por governos autoritários, a população se valeu das redes de SMS e das comunidades virtuais como instrumentos de convocação de grandes protestos que culminaram com a queda dos respectivos ditadores.

Os partidos políticos e as organizações da sociedade civil também ganham um maior poder de comunicação e de ação ao utilizarem as redes de informática para informar seus eleitores e associados, para divulgar suas atividades e para receber sugestões e críticas a respeito delas. A internet, dessa maneira, constitui-se numa via de mão dupla que pode ser apropriada tanto para a reprodução da ação política tradicional –

⁷ Termo criado por Milton Santos (2001) agregando o conceito de Globalização à noção de totalitarismo, revela o lado perverso desse processo que impõe, a partir do controle da informação e da emergência do dinheiro como motor da vida econômica e social, um sistema ideológico que justifica ações hegemônicas, constrói fantasias, fragmenta percepções e contribui para um discurso único. SANTOS (2001:38)

aquela que vê os sistemas de mídias apenas como meros panfletos de divulgação de suas ações - quanto para se construir como instrumento de interatividade entre organizações e associados.

As duas últimas eleições presidenciais no Brasil foram um exemplo do crescimento da importância da internet como veículo de popularização de candidaturas, de programas de candidatos e partidos políticos, de notícias sobre pesquisas e de divulgação de informações sobre outros candidatos. Autores como Chaia V. (2007) e Marques & Sampaio (2011), principalmente nas áreas de Comunicação e Sociologia Política, têm se preocupado com o tema e apontam que a Internet tem se tornado uma extensão amplificada dos horários eleitorais gratuitos veiculados pela televisão.

É preciso que se destaque que não existem soluções tecnológicas para os problemas da política, mas a tecnologia pode ser usada a seu serviço, seja para reproduzir verticalidades através de movimentos de divulgação unidirecional de informações e plataformas eleitorais, seja para suscitar horizontalidades, disseminando comunidades virtuais, chats, grupos, páginas pessoais de divulgação de notícias oficiais ou oficiosas e, principalmente, debate em torno das questões da política. Conclui-se assim que a questão da democratização da política não se faz exclusivamente pela base técnica e comunicacional, mas pela forma do seu uso.

A rede também constitui novos padrões de sociabilidade. A acessibilidade e, principalmente, a mobilidade proporcionada pelos novos meios de comunicação resultam não no fim das interações face a face, mas na sua intensificação, pois relações que eram exclusivas do ambiente real passam a se processar no meio virtual, enquanto relações construídas no meio virtual transferem-se para o mundo real.

Com o desenvolvimento da internet e sua propagação na sociedade, as informações, os jogos, a interação com amigos e familiares passam a ser também virtuais. Essa virtualização reinventa uma cultura nômade, fazendo surgir um meio de interação social no qual as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia. A virtualização significa um processo de desterritorialização das relações sociais e das informações que, embora não deixem de ser reais, acontecem agora por meio do computador, propagando-se pela rede de Internet (LÉVY, 1996, p.48).

A troca de informações determina, de um lado, a maneira de acesso do indivíduo ao mundo que o cerca e, de outro, as formas de resistência e/ou assimilação às (das) novas civilidades e transformações de um mundo real que está em constantes alterações sociais, culturais, políticas e econômicas. O entendimento do nosso cotidiano e a simples comparação com outros são dados por tais trocas de informações, ou melhor, pela comunicação que insere o indivíduo em relações permeadas por uma horizontalidade que Santos (2005:160) denomina “densidade comunicacional do espaço”.

Segundo Santos (2005:161), a consolidação de um momento da organização espacial classificado como meio técnico-científico-informacional estabelece uma densidade comunicacional que se sobrepõe a uma densidade informacional, visto que “as relações informacionais são verticais; as relações comunicacionais são horizontais”. Para Santos (2005:161), a densidade informacional dar-se-ia de maneira vertical sobre o local, agindo de maneira externa a ele e induzida por atores que não necessariamente o considerariam um espaço culturalmente significativo.

A densidade comunicacional, por sua vez, é determinada horizontalmente e tem parte de seus elementos “gerados no lugar, e apenas no lugar, a despeito da origem, por acaso distante, dos objetos, dos homens e das ordens que os movem” Santos (2005:161).

Nesse sentido, ela seria determinantemente influenciada pelo indivíduo, pela sua cultura e por toda uma simbologia que age modificando, pela via da tecnologia, os padrões de interação que esse indivíduo produz com o próprio local e com as outras escalas de relações.

Essa ideia não opõe densidade informacional à densidade comunicacional, mas estabelece entre elas uma relação de correspondência por meio da qual, nas condições de uma sociedade rede, a densidade informacional, derivada da densidade técnica, organiza os processos. Na medida em que “a informação se perfaz com a ação”, ela permite que o local seja distinto de outros locais a partir de sua propensão a produzir relação com outros.

A densidade comunicacional, por seu turno, modifica tais processos, diferenciando os espaços, na medida em que esses são constituídos por “sistemas de objetos e sistemas de ações” que são os elementos diferenciadores de uma sociedade que, a partir do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, se organiza numa sociedade rede. Isso não significa que todos os lugares estejam incluídos nessa “nova” sociedade, mas todos são afetados pelos processos que derivam dela.

Segundo Castells (2004), três elementos são determinantes para a criação de uma sociedade organizada pela informação e pela comunicação que a diferenciam das sociedades anteriores. O primeiro é a ampliação da capacidade e da velocidade de processamento que as tecnologias de informação e comunicação apresentam. Se em sociedades anteriores, medíamos a referida velocidade através de unidades de medida que poderiam chegar a vários dias, na sociedade atual, vemos surgir o bite, o megabite, o gigabites e o terabites, viabilizando os mecanismos de integração.

A velocidade do processamento informacional e comunicacional associa-se, para se ampliar ainda mais, à possibilidade que as novas tecnologias de informação e de comunicação têm de se modificar a partir das capacidades anteriores. Alcançando cada vez maiores velocidades, elas possibilitam novos padrões de desenvolvimento tecnológico e de comunicação que geram novas relações sócio-espaciais. Esse elemento é fundamental para a compreensão das mudanças do local, pois, através das novas tecnologias, este se articula ao global, recebe influências do último e cria possibilidades de novas configurações e reconfigurações da rede, reiterando a permanente mutação da sociedade atual.

Um segundo aspecto destacado por Castells (2004) é a capacidade que as novas tecnologias de informação e comunicação e, em especial, a Internet têm de recombinar a informação, o conhecimento e a prática pessoal, produzindo novas redes.

“El valor añadido de Internet em relación con otros medios de comunicación es su capacidad para recombinar productos y procesos de información en determinado tiempo, creando un nuevo resultado que es inmediatamente processado em la Rede, en un proceso interminable de producción de información, comunicación y feedback en tiempo real o en tiempo determinado.” (CASTELLS, 2004:36)

Nesse processo, como diria Santos (2005), as redes seriam, concomitantemente, globais e locais. O caráter global manifestar-se-ia pelo fato de as tecnologias de informação e comunicação criarem cada vez mais uma nuvem digital que recobre todas as áreas ocupadas do planeta. Na sua manifestação local, as redes dependeriam da estrutura técnica e da capacidade das pessoas de se adaptarem a essa estrutura e se organizarem nela.

Segundo Castells (2004), a terceira característica da sociedade da informação e do conhecimento seria a sua flexibilidade, ou seja, a capacidade da tecnologia interagir em diferentes condições e aplicações. Tal característica condiciona mudanças profundas no local, na medida em que este passa a ter as atividades empresariais, os serviços públicos, a mídia e as relações pessoais intermediados pela tecnologia, criando um espaço que extrapola o “espaço dos lugares” para constituir-se como um “espaço de fluxos”.

O espaço de fluxos refletiria então os interesses dos atores hegemônicos de uma economia que se apresenta cada vez mais globalizada, mas seria também dotado de autonomia para impor suas características de origem. Em outras palavras, o lugar não pode ser entendido como um agente passivo frente a tendências homogeneizadoras, mas como um agente ativo cujas marcas características combinariam e recombinaariam tais fluxos.

“É no lugar que se vive o global” Bacelar (2008:256). Com isso, entendemos que o lugar se apresenta no/e absorve o global. A sua expressão está na sua singularidade frente à mundialidade. Segundo Carlos (1996), o

“Lugar diz respeito a sua compreensão enquanto expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva, associada ao positivismo ou ao marxismo. Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade.” (CARLOS, 1996:16)

No desenvolvimento da sociedade rede, constituíram-se nós que não operam como centros, mas como pontos de interconexão da rede cuja importância aumenta, na medida em que absorvem e processam de maneira mais eficiente todo um conjunto de

informações. Constitui-se, pelo desenvolvimento dessas tecnologias da informação e da comunicação, uma nova “arquitetura territorial” (Castells, 2007), representada por “grandes áreas urbanizadas concentrando população, tecnologia, riqueza e poder e se relacionando umas com as outras” (Castells, 2007:23). Segundo Santos (2005:149),

“...o espaço é o teatro de fluxos com diferentes níveis, intensidades e orientações. ...O que tantas vezes se denomina espaço de fluxos não passaria de um subsistema do espaço global, subsistema de objetos dotados de nível superior de tecnicidade e de ações marcadas por nível superior de intencionalidade e racionalidade. Estes (objetos e ações) seriam mais moldados pela informação do que nos outros subsistemas.”

Na análise do local, não existe diferenças significativas entre a compreensão de Haesbaert (1999), Castells (2004) e Santos (2005). Para os três, o local representaria um subsistema em que se manifestam as suas particularidades e as relações do seu cotidiano, influenciado por um sistema de objetos e ações característico de cada época que, por sua vez, influenciaria e seria influenciado pela cultura e pela capacidade de informação e comunicação de cada local.

Segundo Santos (2005:163), “o lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que perca suas marcas de origem, ganha características locais. [...] O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado.” Cabe ao local, nesse sentido, a capacidade de construir um conjunto de atividades comunicacionais que não necessariamente correspondam aos interesses dos agentes hegemônicos da globalização, mas interajam com eles, construindo e reconstruindo novas materialidades e imaterialidades de objetos e ações que ampliem a importância do local.

1.3 A IMPORTÂNCIA DA REDE

A história da humanidade é a história da construção de redes, já que, desde os primeiros momentos das organizações sociais, as redes foram não só instrumentos de sua articulação, mas também da construção de interesses diversos. Das necessidades de estabelecer comunidades primitivas para garantir a sobrevivência de pequenos grupos de humanos às rotas mercantis e aos caminhos carroçáveis que integraram impérios às redes de fios telegráficos, às redes de satélites e às redes de Internet, a história de cada civilização é a história de sua inserção e importância em alguma forma de rede.

Em todas essas organizações diferenciadas de redes, possibilitou-se a distribuição de mercadorias, a circulação de pessoas e o movimento e a veiculação da informação de maneira a realizar determinadas atividades e partilhar resultados. A rede, nesse sentido, não é única, pois ela acontece sobre múltiplas escalas e dimensões em cada momento da organização de qualquer sociedade.

A criação de uma sociedade rede, como definirá Manuel Castells (2004), não é resultado direto da tecnologia. Pelo contrário, a transformação da sociedade leva ao desenvolvimento da tecnologia que então se torna instrumento da sociedade rede que a concebeu. Da mesma maneira que todas as mudanças estruturais ocorridas em outros contextos históricos – a passagem de uma sociedade escravista a uma sociedade feudal, ou a passagem de uma sociedade de base agrária a uma sociedade industrial -, a gênese da nova sociedade dar-se-á na crise de uma sociedade anterior, ou seja, a sociedade rede se concebe no interior da sociedade industrial, promovendo gradualmente um novo modelo de organização social, econômica e política que marcará a sociedade do século XXI. No âmbito dessa crise, os elementos técnicos que caracterizam a nova sociedade

foram constituídos com base no desenvolvimento da microeletrônica, da computação-informática e das telecomunicações.

A transformação começa a ocorrer, segundo Castells (2000), a partir do final dos anos de 1960, quando convergem três grandes motivações que levam ao advento, vinte anos mais tarde, de uma sociedade informacional, uma sociedade rede. A primeira dessas condições está dada pela crise dos modelos estatistas. Os custos desenfreados da corrida militar e aeroespacial, a elevação dos preços do petróleo, o endividamento dos países periféricos, o endividamento público do Estado do Bem Estar Social, a obsolescência dos modelos planificados diante da velocidade da inovação tecnológica e das liberdades das economias de mercado criaram a necessidade de se constituir novos modelos de organização econômica. Esses modelos, tanto capitalistas quanto socialistas, constituíram-se sob uma hierarquia verticalizada e rígida e, apesar de organizados em rede, apresentavam limitações seja na espacialidade, seja na velocidade, seja na capacidade de mudanças e adaptações às necessidades do mercado.

Segundo Castells (2004:29), a demora e a imobilidade faziam com que as redes se constituíssem sob um fluxo único de informação e comando e, desse modo, " las redes eran una extensión del poder concentrado en lo alto de las organizaciones verticales que configuron la hisória de la humanidade". Estados, empresas e Instituições da sociedade organizavam-se de maneira centralizada e hierarquizada em favor da produção, da circulação e da organização social. Segundo o autor, a capacidade das organizações em rede de se modificarem promovendo novos agentes e novas formas de organização foram diretamente dependentes do desenvolvimento de uma base técnica que tivesse capacidade de se modificar, de se adaptar e de se ampliar a cada nova demanda.

Tal base técnica constitui a segunda das condições que o autor destaca para a consolidação de uma sociedade rede. O intenso desenvolvimento tecnológico, gestado no interior da corrida armamentista e aeroespacial, vive seu amadurecimento num ambiente de abertura econômica e globalização capitalista que faz com que as tecnologias da informação revolucionem os elementos técnicos da sociedade industrial vigente e que as tecnologias outrora desenvolvidas para a indústria militar sejam gradativamente incorporadas à indústria civil. Essa transformação se reflete agora na possibilidade de cada nó das redes já existentes e daquelas que venham a ser constituídas tenha a capacidade de multiplicar suas relações e, principalmente, de estabelecer um fluxo interativo – e não unidirecional como acontecia até então - de comunicação e informação.

O compartilhamento sociedade-tecnologia-sociedade constitui o propriamente novo da atual era da informação. O desenvolvimento da tecnologia, segundo Castells (2004), significou, ao longo do tempo, um processo de expansão do corpo e da mente humana e, nas décadas iniciais do século XXI, com a possibilidade da acessibilidade criada pela generalização da internet e da mobilidade proporcionada pelos instrumentos sem fio, habilita cada agente social a interagir com a rede mundial em qualquer momento, de qualquer lugar e de acordo com o seu interesse específico.

A terceira das condições arroladas por Castells (2000) é o surgimento de uma intelectualidade inspirada por um pensamento libertário, alimentado pelos movimentos de contracultura dos anos de 1960 e colocado à disposição da criação de uma tecnologia que anunciava uma ideologia da liberdade. Embora tendo o seu nascedouro no Departamento de Defesa dos EUA, a criação partilhada entre Estado, Universidades e Instituições de Pesquisas e, mais tarde um pouco, a iniciativa privada permitiram que aquela intelectualidade pudesse contribuir para a construção de uma cultura libertária e informacional.

Entendendo que todo o conjunto de relações sociais é amparado numa determinada cultura, o caso das novas tecnologias de informação e comunicação não é diferente, pois a sua cultura é a dos seus produtores colocados num ambiente de liberdades. Nesse ambiente, processa-se primeiro a liberdade da criação, visto que o desenvolvimento da computação e da microeletrônica amplia a capacidade de processamento e armazenamento de informações, possibilitando novos conhecimentos e novas descobertas, fenômeno que Santos (2001) chamou de “maior cognoscibilidade do planeta”.

A liberdade dos mercados é elemento decisivo. A possibilidade da livre mobilidade de mercadorias, capitais e informações cria uma economia mundial em que a inovação nos processos de produção, circulação e consumo são o diferencial. A liberdade do compartilhamento é outro elemento a ser considerado. Através da divulgação dos códigos-fonte, as inovações são testadas, debatidas e aprimoradas. Além disso, as pesquisas científicas são cada vez mais realizadas em sistemas múltiplos e diversos de cooperação, enquanto imagens, textos, áudios e vídeos são distribuídos por uma grande diversidade de sites e páginas pessoais.

O último aspecto, constituído desse sentido de liberdade de comunicação e compartilhamento, cria uma cultura comunitária como definiria Manuel Castells, em que um conjunto de relações sociais se realizam e se modificam através das tecnologias de informação e comunicação. Novos padrões de sociabilidade passam a ser constituídos, organiza-se uma nova arquitetura social referenciada muito mais nos interesses e motivações individuais que em laços hierarquicamente estabelecidos.

Essa mudança está materializada no surgimento das redes sociais, ou seja, estruturas sociais compostas por grupos de pessoas conectadas por um ou vários tipos

de relações, tais como amizade, parentesco, interesse comum, ou que compartilham conhecimentos e ideias num espaço de liberdade de expressão.

Na direção dessa compreensão, pode haver muitos tipos de laços (conexões) entre os nós de uma rede. Castells (2004, 2003) e Cardoso (2006) apontam que as redes sociais operam em muitos níveis, desde as relações de parentesco até as redes políticas estabelecidas a partir de partidos e organizações ocupados em divulgar plataformas e reforçar a transparência dos processos políticos.

É essa conjuntura de transformações que constrói uma nova era permeada pelo desenvolvimento de uma tecnologia sofisticada, representada pelas novas TICs. O sistema tecnológico centrado nas TICs permitiu a formação de uma nova economia, um novo sistema de comunicação, uma nova forma de gestão das empresas e de serviços públicos, uma nova cultura e uma (re)estruturação das instituições políticas e administrativas. Possibilitou também uma maior democratização ao permitir que as pessoas atuem como provedores ativos dos conteúdos que circulam na rede. Em contrapartida, surgiram novos problemas sociais e diferentes maneiras de reivindicação e mobilização popular.

A sociedade rede seria então uma arquitetura global de redes de Estados, empresas, organizações e pessoas capazes de se autoprogramarem e, ao mesmo tempo, serem reprogramadas pelos agentes de cada escala de estudo que se tenha atenção. Seria ainda o resultado de diferentes interesses que modelam a vida cotidiana, influenciando motivações exteriores sujeitas à lógica global. Por fim, tal sociedade refletiria os processos de exclusão da própria sociedade rede, entendida não apenas como exclusão digital – a falta de acesso aos sistemas e instrumentos de informação -, mas como uma exclusão da dinâmica de circulação e acumulação que a rede global

organiza. Em outras palavras, sob o império da informação controlada e do processo de geração de uma mais-valia globalizada, a sociedade rede não resolve as questões da pobreza, do desemprego, da redução de políticas sociais e outras mazelas que reproduzimos.

Ao falar no paradigma do informacionalismo, Castells (2004) não apresenta a informação e o conhecimento como características exclusivas de nosso tempo, posto que ambos sejam tão essenciais ao momento em que vivemos quanto o foram em sociedades e momentos anteriores. O específico da nova sociedade é que tais tecnologias foram colocadas a serviço da criação de um conjunto de relações sociedade-tecnologia, da criação de uma sociedade rede. Se essa estrutura social dominante fosse apenas consequência do desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação, bastaria disseminar tais tecnologias pelo espaço que constituiríamos uma sociedade rede. O que se destaca é que a tecnologia por si não torna a sociedade atual diferente das anteriores, se não for acompanhada por transformações culturais, organizativas e institucionais.

CAPITULO 2 –

A Internet e sua importância: qualificar ou quantificar?

CAPITULO 2 – A Internet e sua importância: qualificar ou quantificar?

2.1 A INTERNET: utopistas e pessimistas

Como já destacamos a Internet e a generalização dos computadores pessoais e telefones móveis constituem os instrumentos popularizados para dar suporte à base técnica em que se assenta a sociedade rede. A sua generalização, a partir da década de 1990, impõe um debate na direção de dois grandes temas das ciências sociais. O primeiro deles trata das capacidades e possibilidades de a Internet ser um instrumento de transformação radical das relações sociedade-tecnologia, e o segundo diz respeito à definição de um índice que permita medir o grau de inserção das novas tecnologias de informação e comunicação entre os cidadãos e os lugares.

Tratando das preocupações a respeito das mudanças provocadas pela Internet no conjunto das relações sociais, dois grupos se colocam em campos opostos. De um lado, estão aqueles que assumem uma posição pessimista em relação às possibilidades de integração social que a Internet representaria, argumentando que, em uma sociedade onde o trabalho, o lazer e as relações sociais se realizam on-line, as pessoas prescindiriam de relações baseadas na proximidade física. Além disso, consideram ainda que relações sociais construídas de maneira virtual seriam menos densas e contínuas que as relações construídas face a face.

De outro lado, colocam-se aqueles utopistas da inovação criada pelas novas tecnologias da informação e comunicação, para os quais a internet e seus equipamentos de uso - computadores pessoais, telefones celulares, notebooks, tablets -, se constituiria

na nova forma de comunicação e compartilhamento de informações que se generalizará pelo século XXI.

A posição apresentada pelos pessimistas das novas tecnologias de informação e comunicação faz com que esses atribuam à Internet um papel de instrumento de isolamento e substituição dos lugares públicos e do contato com os familiares pelas ligações on-line. " A Internet nos permite ocultarmos tras una pantalla en lugar de actuar cara a cara con otros humanos" Castells (2004:276). O autor destaca essa perspectiva de isolamento afirmada por esses antiutopistas que veem os cybercafés e os espaços públicos de acesso à rede como impessoais e transitório, tendo em vista o fato de o lugar deixar de ser o determinante para a realização das relações sociais.

A crítica realizada por Castells (2004) a essa maneira de compreender o advento da internet como meio de comunicação está no fato de esses antiutopistas considerarem-na como um sistema distinto do conjunto dos outros meios de comunicação utilizados pelas pessoas. Na prática, o que se observa é que, na maior parte dos casos, todos aqueles que tiveram acesso à internet não deixaram suas atividades para utilizá-la, ao contrário, passaram a realizá-las, através dessa. Assim, a internet não se constitui num instrumento de isolamento, mas de integração das pessoas e dos sistemas de comunicação.

Nessa direção, pesquisas realizadas já nos primórdios de desenvolvimento da internet, apontam para uma direção contrária àquela afirmada por esses pessimistas da capacidade de socialização das novas tecnologias de informação e comunicação. Hampton e Wellman (1999), em estudo realizado em Netville, subúrbio de Toronto, primeira comunidade interativa conectada por sistemas de banda larga, afirmam que a

conexão de 120 residências de um bairro de classe média baixa contribuiu para estabelecer e consolidar laços fortes de solidariedade entre os moradores.

Em outro trabalho, Wellman (2001) aponta que o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação tem uma grande contribuição para a mudança da estrutura dos relacionamentos quando realizados on-line e da forma de distribuição desses relacionamentos por gênero, idade, renda e escolaridade.

Numa outra perspectiva, estão aqueles que veem a internet de maneira positiva, afirmando que as comunidades on-line significariam uma alternativa aos espaços públicos e às organizações (família, trabalho, igreja, dentre outros). Em outros termos, o mundo digital libertaria as pessoas das restrições da geografia, unificando-as sob interesses não condicionados pelo local.

Nessa direção de pensamento, tornou-se usual, especialmente entre a juventude, a consolidação do imaginário de que nunca ocorreu um mundo sem a Internet e o conjunto das TICs. Depoimentos diversos colhidos em nossas entrevistas relatam que *“não conseguiria falar com todas as pessoas que falo se não existisse a Internet”* (entrevistado. 15 anos), ou ainda *“se não fosse a Internet não conseguiria fazer meus trabalhos escolares”* (entrevistado 16 anos) e *“na internet converso com os amigos, vejo programações da cidade e passo a maior parte das minhas horas de lazer”* (entrevistada. 20 anos). Tais depoimentos revelam uma nova dimensão da comunicação social, que prescinde do contato físico e, em grande parte das vezes, realiza-se com mais liberdade que a comunicação presencial.

Castells (2007) destaca que a comunidade sem proximidade não exclui a possibilidade de as pessoas constituírem laços de amizades sustentados no local, mas indica que a semelhança de interesses passa a ser mais importante que as semelhanças

do entorno. Aqui se observa que os laços de vizinhança, de relações de parentesco e culturais se somam aos laços de interesses numa rede de comunicação que integra o real e o virtual. Não existe a substituição de um pelo outro, pois a vida das pessoas continua ocorrendo no plano do mundo real, além do fato de o virtual ser também o real. Não se trata de uma construção imaginária, mas de uma arquitetura técnica organizada num sistema de cabos, antenas e aparelhos decodificadores de sinais que possibilita uma organização em rede que se abastece na proporção das conexões que a mesma possibilita.

Para Puttnan (2000), o advento de tecnologias mais sofisticadas de comunicação reduziu o que ele chama de capital social⁸. Segundo o autor, o capital social se constituiria a partir da confiança, e relações sem proximidade não favoreceriam tal vínculo. No entanto, esse declínio não é consequência exclusiva do desenvolvimento das novas TICs e da falta de proximidade que estabeleceriam, ainda que tais tecnologias possam ter seu uso associado a formas de comunicação passivas e unidirecionais como a televisão e as TICs. De outro lado, elas também se associam a tecnologias menos passivas como o telefone e o computador pessoal cujo crescente aprimoramento com o advento dos smartphones e iphones torna-os substitutos concomitantes de gravadores, filmadoras, máquinas fotográficas, calculadoras, agendas e inclusive cartões de crédito.

É na diminuição do papel do local que se concentra a crítica a essa perspectiva. É nele que estão implantados os sistemas técnicos que estabelecem a forma, a velocidade e a amplitude dessa interação. As pessoas não usam a Internet despossuídas de seus valores e da sua formação intelectual e cultural e, desse modo, o local também tem a sua influência, sendo capaz de estabelecer as próprias determinações que significariam ações

⁸ Para Marteleto e Silva (2004), *o capital social é definido como as normas, valores, instituições e relacionamentos compartilhados que permitem a cooperação dentro ou entre os diferentes grupos sociais* (2004:04)

contra-hegemônicas capazes, em alguns momentos, de desestabilizarem ordens constituídas.

A comunidade virtual tem sido importante para destacar a possibilidade da criação de relações sociais que vão além dos limites do espaço geográfico e criam uma nova dimensão para o espaço público, destacando a capacidade de as redes on-line - as chamadas redes sociais - se estabelecerem de maneira transversal e multidirecional, tendo a capacidade de transferir relações que se iniciam pela Internet para o mundo real e aprofundar relações de amizade e parentesco através do mundo virtual.

O que se comprova pelos estudos sobre a utilização da Internet realizados por Norman Nie e Lutz Erbring (2000) e por Castells (2004) é que, embora esses autores tenham, na sua pesquisa, verificado que alguns usuários da internet que passam mais tempo conectados têm uma propensão maior a reduzir seus contatos sociais e considerar a Internet como o “suprassumo” da tecnologia de isolamento, para la gran mayoría de los participantes en el estudio afirmaron no haber experimentado ningún cambio en sus actividades sociales (Castells, 2004:280), o que revela que esse potencial teórico de isolamento não se verifica na prática dos usos da Internet.

A crítica a ser feita a esses antiutopistas está no fato de não reconhecerem a capacidade da tecnologia de manter redes sociais já existentes e criar novos laços sociais, fortes ou fracos, que se realizariam no plano do virtual e, condicionados por sistemas técnicos e por uma cultura informacional, se processariam no real, no cotidiano das pessoas e nos lugares. Tais teorias negam a capacidade que as redes sociais, no plano do virtual, têm de mobilizar e organizar pessoas em torno de interesses semelhantes, de criar novas formas de comportamento e reação, de criar negócios, de

tornar mais transparentes e instantâneas as informações e as imagens do cotidiano, enfim, de se consolidar como uma nova forma de comunicação para o Século XXI.

A Figura 3 nos apresenta a articulação dos chamados Social Media, ou seja, os meios de comunicação social viabilizados pelo advento das TICs, nos quais redes sociais (social networks), constituem um dos elementos de interação social que se distribuem também por outros conjuntos de distribuição de objetos de áudio e vídeo, de informação e de entretenimento.

FIGURA 3 – INTERATIVIDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA



FONTE: <http://diamantewebsolutions.com/service/cursos-e-treinamento/> - acesso em 21/01/13.

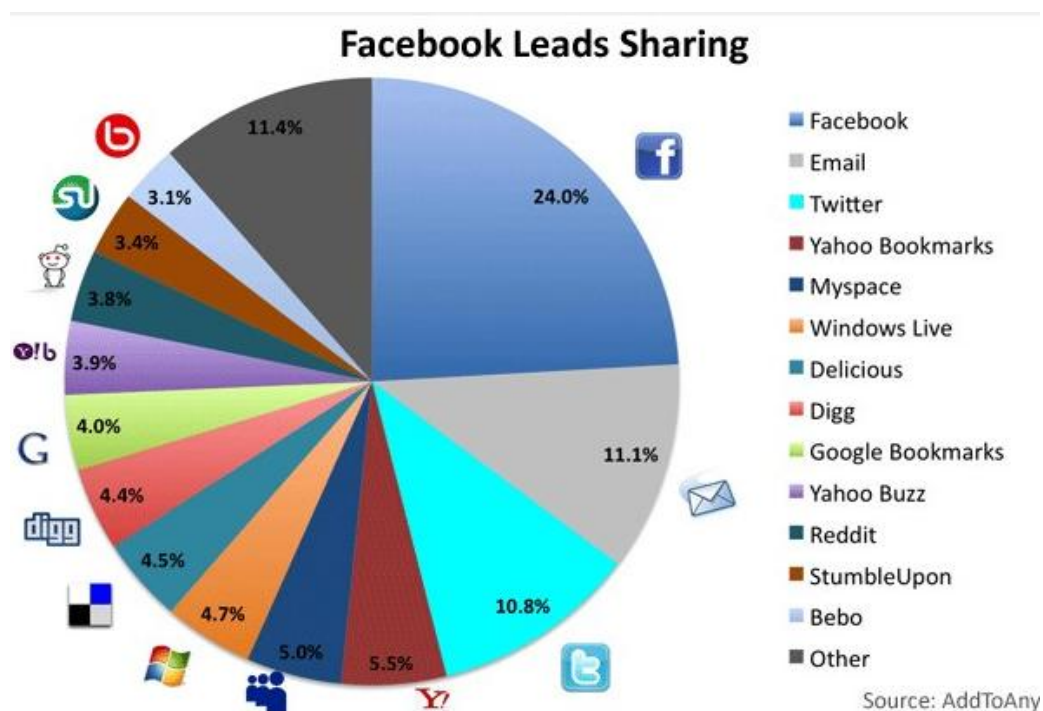
Na Figura 3, as novas TICs, especialmente a internet e a telefonia móvel, são o instrumento que viabiliza relações de múltiplos interesses de ordem individual e coletiva, pública e privada. Através do acesso e da portabilidade, criam-se meios de comunicação social que possibilitam a satisfação de necessidades, desejos e interesses muito diversos.

Esse aspecto é reforçado pela Figura 4 abaixo, que nos apresenta a importância do facebook como instrumento de compartilhamento de links e informações. Ele representa aproximadamente $\frac{1}{4}$ de todos os sites e links compartilhados através da internet, deixando o e-mail numa distante segunda colocação. O outro destaque da figura é o desempenho do twitter que, com cerca de 10% do número de usuários do facebook, já representa quase metade dos compartilhamentos realizados pelo último.

Segundo Castells (2004), quando se tomam estudos mais recentes realizados sobre os usos e padrões de sociabilidade criados pela Internet, evidenciam-se conclusões mais precisas sobre as relações construídas através da Internet. Para o autor, a crescente universalização dos pontos de acesso à Internet, o aumento da velocidade e a generalização dos computadores pessoais possibilitam a criação de uma massa crítica que permite melhores interpretações a respeito dos impactos dos usos da Internet no aprofundamento/enfraquecimento dos laços sociais.

Nas pesquisas pioneiras realizadas, a constatação de que a Internet provocava certo isolamento dava-se muito mais pelo fato de os entrevistados serem novos usuários do que propriamente pelo uso em si. Percebe-se, entre esses novos usuários, que a Internet constituía um meio mais eficiente de ampliar relações sociais naquele grupo de menor nível de apoio social.

FIGURA 4 - IMPORTÂNCIA RELATIVA DAS PRINCIPAIS COMUNIDADES (REDES) SOCIAIS



FONTE: <http://infographics.collentine.com/facebook-leads-sharing-with-24-of-market> - acesso em 20/01/13

Para Castells (2007),

“estar em Internet no significa estar solo, ni sustituye el tiempo invertido en otras actividades. Las relaciones sociales de la mayoría de personas usuárias de Internet no cambiam y la tendência no es a disminuir sino a aumentar” (CASTELLS, 2007:128)

Outros estudos, realizados pela Universidade da Califórnia e pelo Syntopia Project, confirmam o caráter transversal que a Internet apresenta, na medida em que uma proporção expressiva dos pesquisados declararam que já conheceram alguém on-line e parte deles materializou essa relação virtual no espaço real. Ao longo da realização desse trabalho, foram muitos os momentos em que este autor pôde comprovar a autenticidade

desses estudos de que a virtualidade se transpõe para o espaço do real e do cotidiano. Nesse aspecto, proliferam-se pela internet comunidades sociais dedicadas a promover encontros de pessoas do mesmo sexo ou de sexo opostos e veem-se também as comunidades sociais sendo utilizadas por grandes eventos. Na organização da Jornada Mundial da Juventude na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, muitas residências puderam ser colocadas à disposição para hospedar jovens de todo o mundo, prática que já se tornou corriqueira em grandes eventos internacionais como Jogos Olímpicos, Pan-Americanos e outras realizações.

A possibilidade de se colocar a casa à disposição de grandes eventos, significa poder dar uma contribuição como cidadã(o) à realização desses, mas também a oportunidade de conhecer novas pessoas, com outros costumes e línguas e ainda criar uma fonte de renda à família, além de servir como modelo de hospedagem alternativa em que se pode utilizar em futuras viagens ao exterior porque essas, constroem vínculos que não se perdem, e que são muito mais fortes que aqueles estabelecidos ao se preencher uma ficha de um hotel e entrar para dentro de uma acomodação comercial.

Essa transversalidade contraria a hipótese dos antiutopistas de que a presença física é condição necessária para estabelecer laços de ajuda e de apoio social. A generalização do uso e do acesso à Internet aumenta a quantidade de usuários de redes de correio eletrônico, portais e redes sociais e, conseqüentemente, aumenta as possibilidades de laços que cada um pode estabelecer, na mesma medida que aumenta o conhecimento de cada um a respeito dessa nova tecnologia, potencializando e diversificando o seu uso. Mitchell (2002) confirma tal correspondência, “as chamadas “comunidades virtuais” funcionam melhor quando aliadas à possibilidade de encontros pessoais”(MITCHELL, 2002:144).

Na perspectiva oposta ao dos antiutopistas, estão aqueles que vêem, na Internet e nos sistemas de transmissão sem fio, a possibilidade de libertar o homem de suas tarefas do cotidiano. W. Mitchell, em E-topia, relata a “cidade inteligente”, resultado de um “ambiente inteligente” criado pela integração da arquitetura-engenharia, do planejamento e da tecnologia. O desenvolvimento das ciências dos materiais na direção de partículas eletricamente sensíveis que possam ser associadas a tintas, tecidos e folhas de papel permitirá que objetos simples se comuniquem entre si e conosco.

Na realidade, ainda convivemos na infância desses “ambientes inteligentes”. A casa conectada através de instrumentos de telefonia móvel, banda larga e webcam já não estão mais no futuro; os sistemas de monitoramento de trânsito e de segurança estão cada vez mais disseminados pelas cidades; a educação à distância torna-se uma alternativa a parcelas cada vez maiores dos programas de educação; o trabalho flexibiliza-se nos seus horários e relações espaciais. Na infância desses ambientes, as comunidades sociais têm representado uma parcela cada vez maior da utilização da internet. Elas possibilitam uma integração por interesses diversos, com uma intensificação dos padrões de sociabilidade.

Surgem, nesse contexto, as cidades inteligentes, construídas como soluções urbanísticas para minimizar problemas de cidades já estabelecidas. Essas alternativas permitem que se criem ambientes que, através da conectividade, tornem-se sustentáveis e ofereçam qualidade de vida ao conjunto dos cidadãos. Outro aspecto importante a se considerar no desenvolvimento dessas “edge cities” é o interesse e a mobilização das empresas no desenvolvimento dessas tecnologias.

Nos dias de hoje, empresas como Cisco, Siemens, IBM, General Eletric e outras criam departamentos de desenvolvimento de soluções tecnológicas e sustentáveis para

os principais problemas urbanos. Dois exemplos de cidades que têm recebido grandes investimentos nessa direção estão sendo construídas na Coreia do Sul, Songdo, e nos Emirados Árabes, Masdar.

A cidade de Songdo, na Coreia do Sul, vem sendo construída em uma ilha artificial e tem previsão de ser entregue em 2015. Em Songdo, todos os imóveis contarão com conexões de altíssima velocidade e equipamentos de telepresença com resoluções que permitirão os cidadãos irem ao médico, ao supermercado, à escola ou ao trabalho sem se deslocarem da residência e, portanto, sem pressionarem sistemas de trânsito e transporte. (Figura 5)

FIGURA 5 - SONGDO - CASA INTELIGENTE



FONTE: <http://static.minilua.com/wp-content/uploads/2011/06/casa2.jpg> - acesso em 15/05/13

Os sistemas de trânsito, por sua vez, terão seus veículos conectados a sistemas de controle que darão aos motoristas informações sobre as melhores rotas que poderão ser utilizadas para evitar congestionamentos e acidentes. (Figura 6)

FIGURA 6 – SONGDO - SISTEMAS DE TRÁNSITO AUTOCONFIGURÁVEIS



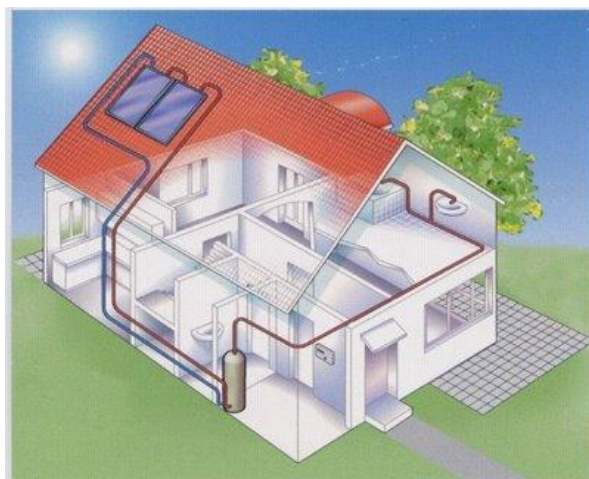
FONTE: http://static.minilua.com/wp-content/uploads/2011/06/VeiculosInteligentesFord_01-1024x768.jpg - acesso em 15/05/13

A sustentabilidade de Songdo também será uma prioridade: os sistemas de aproveitamento da energia solar e das águas do mar e das chuvas serão implantados em todos os imóveis. (Figura 7)

Se, na passagem da sociedade agrária para a sociedade urbano-industrial, perdemos ou reduzimos nossas relações de sociabilidade fundadas no parentesco ou na vizinhança, substituindo-as por relações estabelecidas por interesses corporativos ou ainda de parentesco baseados na unidade familiar; na transição da sociedade industrial para a Sociedade Rede, reduzimos essas relações tradicionais em favor de um padrão de

relações que atendem a uma multiplicidade de necessidades e interesses e têm nas comunidades sociais o instrumento de sua integração.

FIGURA 7 – SONGDO – CASA ENERGETICAMENTE EFICIENTE



FONTE: <http://blog.render.com.br/diversos/construcao-verde-ou-sustentavel/> - acesso em 15/05/13

Segundo Esteve (2012), as transformações na direção da sociedade e da cidade da informação e do conhecimento significarão a reordenação e a reconstrução dos modelos de organização do espaço e do tempo na sociedade industrial. O autor destaca como principais mudanças,

“o rompimento da separação, ao longo da vida, do tempo de aprendizagem, tempo de trabalhar e tempo de aposentar. A aprendizagem ocorrerá ao longo de toda a vida, e será combinada com o tempo de trabalhar e também com o tempo de aposentadoria. [...] Todos os tempos da vida se fazem presentes em um momento dado e se tornam interdependentes. [...] aparece uma nova relação de tempo/distância. As tecnologias da informação permitem o funcionamento em tempo real da economia, das relações sociais. A comunicação é feita de modo imediato e as distâncias se aproximam através da comunicação escrita, sonora e visual. O trabalho tem uma continuidade permanente ao longo do espaço. As diferenças de horário entre os continentes permitem a continuidade nos trabalhos, nas empresas de conhecimento que trabalham em rede, uma vez que o mesmo projeto pode ser continuado ao finalizar a jornada de trabalho em outro país com diferença horária. O fim da divisão entre

espaço do trabalho e o espaço doméstico devido ao fato de que as TICs permitem às equipes trabalhar em rede em diferentes espaços e conectar-se a partir de qualquer lugar e em qualquer momento. As TICs permitem em boa medida criar o momento do “lá” no “aqui”, acompanhando as notícias, criando um ambiente de música e de comunicação, de tradição; permitem a vivência de culturas diferentes num mesmo espaço.” (ESTEVE,2012:115-116)

A amplitude de interesses em que essas comunidades vêm se construindo permite a construção de redes em redes. Em outras palavras, ao participarmos de uma comunidade social que nos possibilita a publicação de um perfil, estamos através dela conectados a outros que, por sua vez, participam de outras comunidades e, indiretamente, nessas e em outras que se conectaram sucessivamente.

Na medida em que esses ambientes inteligentes se tornarem cada vez mais freqüentes, eles contribuirão ainda mais para reforçar esse tipo de sociabilidade. Na sociedade do futuro próximo, conversaremos com os objetos, eles conversarão com outras pessoas e estas ou os próprios objetos nos darão as respostas exigidas. Isso não significará qualquer isolamento, ao contrário, possibilitará ampliarmos os nossos contatos sociais, aperfeiçoarmos o tempo e as necessidades, obtendo através das novas TICs contatos mais estreitos e permanentes com lugares, pessoas e ideias particularmente importantes para cada um de nós.

O próprio Mitchell destaca que

“a telecomunicação digital,[...], amplia e intensifica os efeitos dos sistemas de transportes, dos correios, do telégrafo e do telefone. Atua como um mecanismo de integração econômica e social em grande escala geográfica, ultrapassando as fronteiras tradicionais. Multiplica as relações sociais terciárias e os mecanismos de comércio. (MITCHELL, 2002:140)

Ao falar em relações sociais terciárias, essa ideia poderia contribuir para o argumento daqueles que consideram a internet um instrumento de isolamento das

pessoas, mas tanto Mitchell (2002) como Castells (2003) reforçam que o que se produz não é um individualismo stricto sensu, em que se teria o indivíduo pelo indivíduo, mas a construção de um sistema de relações sociais centrado no indivíduo. O “individualismo em rede constituiria a forma dominante das relações sociais” (CASTELLS, 2001:109).

É esse individualismo em rede que materializa como destaca Castells (2004), uma cultura da virtualidade real, que é virtual, porque se realiza através de redes de comunicação de base digital, mas é real, porque se produz a partir da nossa realidade, reflete os nossos interesses e necessidades, realiza os nossos desejos, constrói os nossos sonhos. A virtualidade real torna-se a nossa existência e, dessa maneira, cada vez mais todos os aspectos da vida social passam a ser permeados pela virtualidade. O real continua a acontecer nas relações pessoais, de trabalho e produção, de consumo, de lazer do corpo e do espírito, mas está acelerado, ampliado e, principalmente, modificado pela virtualidade criada pelas TICs.

Nesse sentido, “o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados” (CASTELLS, 2001:109), ou seja, a flexibilidade e a capacidade de interação que a Internet propicia passam a exercer um papel crescente na organização da sociedade. Em momentos históricos anteriores, a praça do mercado ou lareira das residências foi a arquitetura das relações, nos dias de hoje, a internet propicia o wiki como arquitetura. Criam-se assim wikinomics, wikipolitics, wikimidia, wikiculture, wikisocialships, ou seja, ambientes virtuais em tempo real, os quais, através de um teclado, uma tela e uma conexão, possibilitam que ações individuais e compartilhadas transformem-se em produtos coletivos.

A questão que nos parece central não é se a Internet individualiza as relações, mas o quanto ela permite autonomizá-las. Essa autonomia se revela tanto através da

possibilidade do rompimento - nessa cultura da virtualidade real - de barreiras socialmente estabelecidas, quanto pela possibilidade de se constituir redes sociais diversas e diferenciadas a partir do escopo de interesses de cada usuário. A Internet é uma tecnologia de liberdade que, integrada aos outros sistemas de mídia, permite o desenvolvimento de um sistema de comunicação horizontal, que escapa ao rígido controle das instituições e das empresas.

Segundo Tapscott & Williams (2007:47),

“à medida que a complexidade global aumenta, também cresce a lista de desafios a serem enfrentados que não podem ser solucionados por organizações individuais agindo sozinhas. A luta contra o aquecimento global; a vitória contra a pobreza e as doenças; a descoberta de novas fontes de energia; a construção de supercomputadores de tamanho nano; não apenas para sequenciar o genoma humano, mas realmente entendê-lo. As exigências ou possibilidades de inovação não têm fim. Esses problemas complexos requerem soluções transdisciplinares e interorganizacionais. Até produtos comparativamente simples estão se tornando mais complexos. Toda essa complexidade está aumentando a demanda por abertura e colaborações que cruzam fronteiras.”

Nesse processo, as comunidades especializadas – organizadas ou não através de instituições e empresas - (re)configuram-se no sentido de ampliar e partilhar conhecimentos. Grande número de empresas e instituições já se utiliza de consultores e pesquisadores que não estão formalmente vinculados a seus quadros funcionais. Grandes empresas de ramos diversos da economia estão apertando os seus cintos e terceirizando as funções de P&D em quase todos os estágios da cadeia produtiva, desde as pesquisas iniciais até os testes finais dos produtos. Os executivos dessas empresas descobrem que, mais do que menores custos com mão de obra, a terceirização permite maiores ganhos em eficiência, produtividade, qualidade e rendimento que podem ser conseguidos com suprimento de talentos externos à empresa.

Segundo Tapscott e Williams (2007:83),

“a Era da Inteligência em Rede é promissora. Não se trata apenas da organização em rede da tecnologia, mas da organização em rede dos seres humanos através da tecnologia. Não se trata de uma era de máquinas inteligentes, mas de seres humanos que, através das redes, podem combinar a sua inteligência, conhecimento e criatividade para conseguir grandes avanços na criação de riqueza e de desenvolvimento social.”

As comunidades de relacionamento informam aspectos de nossas vidas e interesses, permitindo o lazer e tornando-se os bares e esquinas da cultura da virtualidade real. As listas de e-mails e os portais de notícias nos aproximam do outro e da informação a partir de nosso local de acesso. Não se pode imaginar com isso que essa tecnologia da liberdade venha para romper todas as barreiras à integração; ao contrário, ela reforçará - e tem reforçado- novas fronteiras e espaços de segmentação, novas geografias, como definiria Santos (2001).

Uma Sociedade Rede, organizada a partir do compartilhamento realizado por cada indivíduo e na qual cada um se apresentará a partir de um currículo de sociabilidade, estabelecerá fronteiras e espaços virtuais segmentados, tais como a divisão em categorias profissionais ou a divisão fundada em conteúdos culturais, políticos e de diversos interesses comuns.

Castells (2007), ao discutir a questão da autonomia promovida pela Internet, destaca o desenvolvimento de seis tipos diferenciados de projetos interesses – empreendedor, sociopolítico, profissional, controle corporal, pessoal e comunicativo -, identificados na população da Catalunha e que podem ser encontrados em outros estudos. No conjunto dos estudos realizados sobre os usos e não usos da Internet podemos reduzir esses projetos a três grandes conjuntos diferenciados de autonomias – a autonomia de empreendimentos e desenvolvimento profissional, a autonomia sociopolítica

e os projetos de autonomia pessoal, comunicativa e de controle corporal. Entendemos que a análise desses níveis de autonomia nos permitirá uma maior compreensão das dinâmicas que o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação impõe às relações sociedade-tecnologia.

A autonomia de empreendimentos e desenvolvimento profissional, o primeiro dos projetos destacados por Castells (2007), deve ser vista a partir de duas perspectivas. A primeira delas, a perspectiva pessoal, ou seja, o interesse, através da Internet, que o indivíduo apresenta de trabalhar por conta própria no desenvolvimento de uma atividade empresarial. Estudos realizados por Castells (2007) na Cataluñia apontam uma grande proporção de entrevistados respondendo favoravelmente a esse interesse. Constata-se, em outros estudos, que a Internet apresenta um grande potencial de exposição de negócios e criação de novos empreendimentos.

Numa outra perspectiva, deve-se considerar o nível de integração da estrutura empresarial. A integração em forma de rede deve predominar na estrutura empresarial, ou seja, os lugares apresentariam uma atividade empresarial que, através das novas tecnologias de informação e comunicação, teriam a maior parte das suas ações informatizadas e condicionadas por decisões que se movimentariam num espaço virtual.

Sobre esse aspecto, existe uma vasta bibliografia no campo da ciência econômica, que também destaca a importância do local e das “redes de firmas” associados à inovação. Segundo Martins (2004),

“o meio inovador é visto como uma rede de relações sociais formais e informais, desenvolvida em uma área geográfica concreta, que propicia o desenvolvimento de sinergias e de processos de aprendizagem coletiva, sendo um elemento crucial no processo de inovação” (MARTINS, 2004:04)

A acessibilidade da estrutura empresarial às novas tecnologias de informação e comunicação e os usos diversos que, entre elas, a Internet disponibiliza devem ser quantificados para contribuir com o debate da qualificação de determinadas localidades.

A definição de um índice de densidade informacional, já discutida por Whitacker (2003), se constitui num instrumento importante para nos orientar a respeito da capacidade informacional das empresas nas suas relações intra e interurbanas e, conseqüentemente, do papel do local no interior da rede urbana. Segundo Whitacker (2003)⁹, a densidade informacional consistir-se-ia

“não apenas da utilização de comunicação e telecomunicação, mas também do tipo de comunicação, verificando-se tanto a tecnologia utilizada na empresa como a tecnologia utilizada entre a empresa e suas relações externas, o que permite inferir a relação em rede dessas empresas e de se compreender a centralidade também como uma expressão desse nível de articulação” (WHITACKER, 2003:01)

Entendemos que a elaboração de tal índice permitiria constatar as diferentes modificações nos padrões locacionais dessas empresas no espaço intraurbano e seus reflexos sobre os níveis de centralidade interurbana que as novas tecnologias de informação e comunicação estabeleceriam para a reafirmação dos locais de conexão.

Na sociedade informacional em que se constitui o trio pesquisa – inovação – produção, exige-se tanto na perspectiva das empresas quanto na dos indivíduos uma predisposição a incluir-se no consumo das novas tecnologias de informação e comunicação. As duas perspectivas se inter-relacionam na construção de uma sociedade

⁹ Segundo o autor, o índice de densidade informacional seria composto pelos seguintes indicadores: utilização de microcomputadores para vendas e *e-commerce*; utilização de microcomputadores para outros usos; página na *Internet*; utilização de microcomputadores para gestão e controles; endereço eletrônico (*e-mail*); utilização de microcomputadores para comunicação com outras empresas; utilização de microcomputadores para comunicação interna e entre estabelecimentos da empresa; utilização de microcomputadores para compras e contatos com fornecedores; microcomputadores conectados à Internet; microcomputadores conectados em rede interna; microcomputadores conectados em rede externa.

rede. Duprat (2006), ao discutir a formação de redes econômicas, nos mostra o papel dos lugares (territórios), dos atores e de seus interesses na construção do trio pesquisa-inovação-produção.

“Cette “réseunace” recherche-innovation-production industrielle est d’autant plus efficace qu’elle repose sur des réseaux d’acteurs, qui peuvent mieux s’entendre et aussi mieux communiquer dans territoires reliés, autour d’une finalité partagée,” (DUPRAT, 2006:237)

Um segundo elemento importante na definição da autonomia, segundo Castells (2007), seria o papel da sociedade e dos cidadãos sobre o controle dos processos políticos. Constatase que, numa sociedade informacional, a Internet pode se constituir num instrumento poderoso de ampliação da participação política do cidadão e de consolidação da democracia. Castells (2004) destaca o papel que a Internet exerce para *“activer la información e ciudadana e la participación política”* Castells (2004:440). Ainda segundo o autor,

“[...] cuanto más se base um processo político em la construcción de autonomía en sus ciudadanos, mayor papel puede desarrollar Internet como medio potenciador de movilización e influencia política” (CASTELLS, 2004:446)

Assim, capitalizada em favor de interesses coletivos, a Internet pode servir como instrumento de conscientização e mobilização coletiva, pode garantir a transparência das instituições e ações de governo e ainda fortalecer organizações não governamentais que contribuam para a construção da cidadania e de uma democracia em rede.

No entanto, Castells (2004) não despreza a possibilidade de que essas tecnologias possam apresentar uma grande possibilidade de ampliar a exclusão e desqualificar o debate político, na medida em que sejam apropriadas de maneira unilateral por parte dos políticos e das organizações formais da política e dos governos.

Entendemos que, mesmo diante das dificuldades de se quantificar tais indicadores de participação política, devemos, em outros estudos, avançar na construção de um índice de densidade informacional para tal critério. Esse índice deveria se dividir em três aspectos na análise do papel da Internet na construção de um projeto sociopolítico.

O primeiro aspecto é a participação política nos partidos e agremiações profissionais e comunitárias. Em outras palavras, deve-se quantificar e qualificar o uso da Internet por parte desses agentes, a propriedade de sites na Internet, a frequência da atualização desses sites, as diferentes formas de uso dos mesmos, o grau de informatização de suas sedes, os usos e não usos por parte de seus membros dirigentes e representantes, a frequência da comunicação virtual destes com o conjunto dos associados das agremiações. Todos esses elementos podem contribuir para a construção de um índice nesse primeiro aspecto da análise de um projeto de construção de cidadania.

Um segundo aspecto importante a se analisar nesse projeto seria a participação da sociedade civil em ações de interesse comunitário, visto que o uso da Internet já permitiu ampliar a mobilização e as causas para tais ações numa estreita relação com o próprio uso em geral da Internet. Poderemos observar nesse aspecto que, quanto maior o uso em geral da Internet (e-commerce, comunicação, informação, atividades profissionais e bancárias, cultura etc), maior a capacidade de mobilização desses agentes em torno de causas cidadãs.

O terceiro aspecto importante na construção de um índice de densidade informacional para se quantificar e qualificar o papel das novas tecnologias de informação e comunicação no desenvolvimento de projetos sociopolíticos representar-se-ia pelo grau de interatividade entre a sociedade civil e as Instituições de Governo, ou seja, a

intensidade da participação da sociedade civil na gestão pública e na informação sobre a condução das políticas. Dessa maneira, ao quantificar o grau de informatização das prefeituras, agremiações políticas e organizações não governamentais, levando em consideração os usos e não usos da Internet desses agentes e a sua relação, interativa ou não, com o conjunto dos cidadãos, poderíamos compreender a extensão de uma cidadania em rede.

A terceira das autonomias que contribuiriam para a construção de uma sociedade rede seria o uso da internet em geral. Incluem-se aqui todas as mudanças que o advento da internet tem provocado nos padrões de relacionamentos das pessoas nos seus diversos extratos sociais. Nesse chamado uso em geral, reunimos a capacidade de a internet promover projetos que, segundo Castells, se representariam por *autonomia pessoal, de controle corporal e comunicativa*.

Nessa linha de análise, a internet se constitui em uma ferramenta importante para suprir seu usuário de um conjunto diverso de informações que se distribuem num espectro de interesses diferenciados de cada usuário (a autonomia pessoal), tais como informações sobre saúde, lazer e religião (controle corporal) e comunicação através do e-mail e das redes sociais. Assim, ao contrário do isolamento, grande parte dos internautas aponta o correio eletrônico como uma ferramenta de fomento de relações pessoais, familiares e profissionais.

Constata-se que o advento da Internet não significa a supressão das outras formas de comunicação e interação já estabelecidas, ao contrário, significa a possibilidade de realizar todas (ou quase todas) às formas tradicionais de comunicação e interação através dela e, nesse sentido, aumentar a intensidade dessas relações sociais. A criação de uma sociedade organizada no indivíduo em rede permitiria a ele ampliar contatos pessoais,

utilizar de maneira plural o conjunto dos meios de comunicação e obter informações sobre saúde, lazer e entretenimentos, entre tantos outros assuntos que possam contribuir ao seu bem estar pessoal.

Uma última consideração importante a se fazer a respeito dos projetos de autonomia é, para qualquer dos três grandes projetos tratados, a sua relação com os níveis de educação da população e a sua distribuição etária e por sexo. As pesquisas realizadas apontam que, com relação à variável sexo - embora a participação dos homens ainda seja superior à participação das mulheres -, percebe-se uma tendência para uma distribuição cada vez mais equitativa entre os gêneros, o que demonstra que a maior participação da mulher no mercado de trabalho, sua maior emancipação na sociedade e sua maior presença no ensino formal têm estimulado a ampliação do uso da Internet por parte do sexo feminino.

Com relação à variável educação, tem-se um padrão mais diferenciado, posto que maiores níveis de educação não pressupõem diretamente um maior grau de utilização da Internet. Observa-se nesse caso que os níveis de uso e os níveis de educação devem ser relacionados com a faixa etária. Assim, entre os mais jovens e de maiores níveis de ensino, há uma intensidade de uso maior que entre os de mesmo nível de ensino e de maior idade. Desse modo, consideramos que o fator idade versus educação tem um papel preponderante na determinação de um maior grau de autonomia pessoal, de controle corporal e comunicativa.

2.2 – Indicadores de quantificação

Em outra perspectiva de quantificação dos usos e não usos das novas tecnologias de informação e comunicação e, em especial, da Internet com os seus “upgrades” de alta velocidade, tem-se produzido, através da União Internacional de Telecomunicações, uma

série de índices com o objetivo de medir o grau de implantação dessas tecnologias e o desenvolvimento de uma sociedade da informação. Embora eles apresentem problemas para serem comparados, criam a possibilidade de se compreender o grau de inserção das novas tecnologias de informação e comunicação, em particular, da Internet sobre os cidadãos e os lugares.

O Índice de Desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (IDI) apresenta os progressos alcançados na inserção da informação e comunicação entre um conjunto de mais de 150 países¹⁰, constituindo-se numa ferramenta útil para se quantificar e qualificar o uso da informação e da comunicação na construção de uma sociedade informacional e para se dimensionar a proporção da exclusão digital por ela gerada.

Três indicadores são utilizados para se calcular o IDI. O primeiro deles verifica o acesso às tecnologias de informação e comunicação, considerando o número de linhas de telefones fixos para cada 100 habitantes, o número de assinaturas de telefonia móvel para cada 100 habitantes, a largura de banda larga de Internet internacional por usuário de Internet, a porcentagem de lugares com computador e a porcentagem de usuários com Internet, participando com um peso de 0,4 na composição do IDI.

O segundo indicador mede a utilização das tecnologias de informação e de comunicação, considerando os usuários de Internet por cada 100 habitantes, as assinaturas de serviço fixo de Internet por banda larga para cada 100 habitantes, assinaturas de banda larga móvel para cada 100 habitantes, também participando com um peso de 0,4 na composição do IDI.

¹⁰ Índice de Desarrollo de las TIC (IDI) (2002 y 2007) em

<http://www.itu.int/itunews/manager/display.asp?lang=es&year=2009&issue=03&ipage=36-table1&ext=html>
consultado em 15/02/2010.

O terceiro indicador utilizado é o grau de conhecimento das tecnologias de informação e de comunicação a partir das taxas de alfabetização de adultos e do número de matrículas no ensino secundário e superior, participando com um peso de 0,2 na composição do IDI.

Esse índice tem grande importância para se qualificar o debate sobre as diferenças na construção de uma sociedade informacional a partir de dois aspectos. O primeiro deles nos apresenta a expansão da utilização das tecnologias de informação e de comunicação entre os mais de 150 países pesquisados, muito embora se mantenha a exclusão digital evidenciada entre os países mais pobres pelo baixo IDI.

O segundo aspecto que destaca a importância do IDI é o fato de nos permitir conhecer o custo das tecnologias de informação e de comunicação em cada país em comparação ao produto nacional bruto dos mesmos¹¹. Nesse aspecto, quando se contabilizam os preços da telefonia móvel, da telefonia fixa e os custos de acesso à internet de banda larga, divididos por três e expressos como porcentagem do PNB, observamos de maneira mais evidente a exclusão digital, pois as diferenças nos custos dos usos dessas tecnologias são brutalmente maiores nos países pobres (TABELA 1).

¹¹ Canastra de precios de TIC 2008 em

<http://www.itu.int/itu-news/manager/display.asp?lang=es&year=2009&issue=03&ipage=36-table2&ext=html>
consultado em 15/02/2010

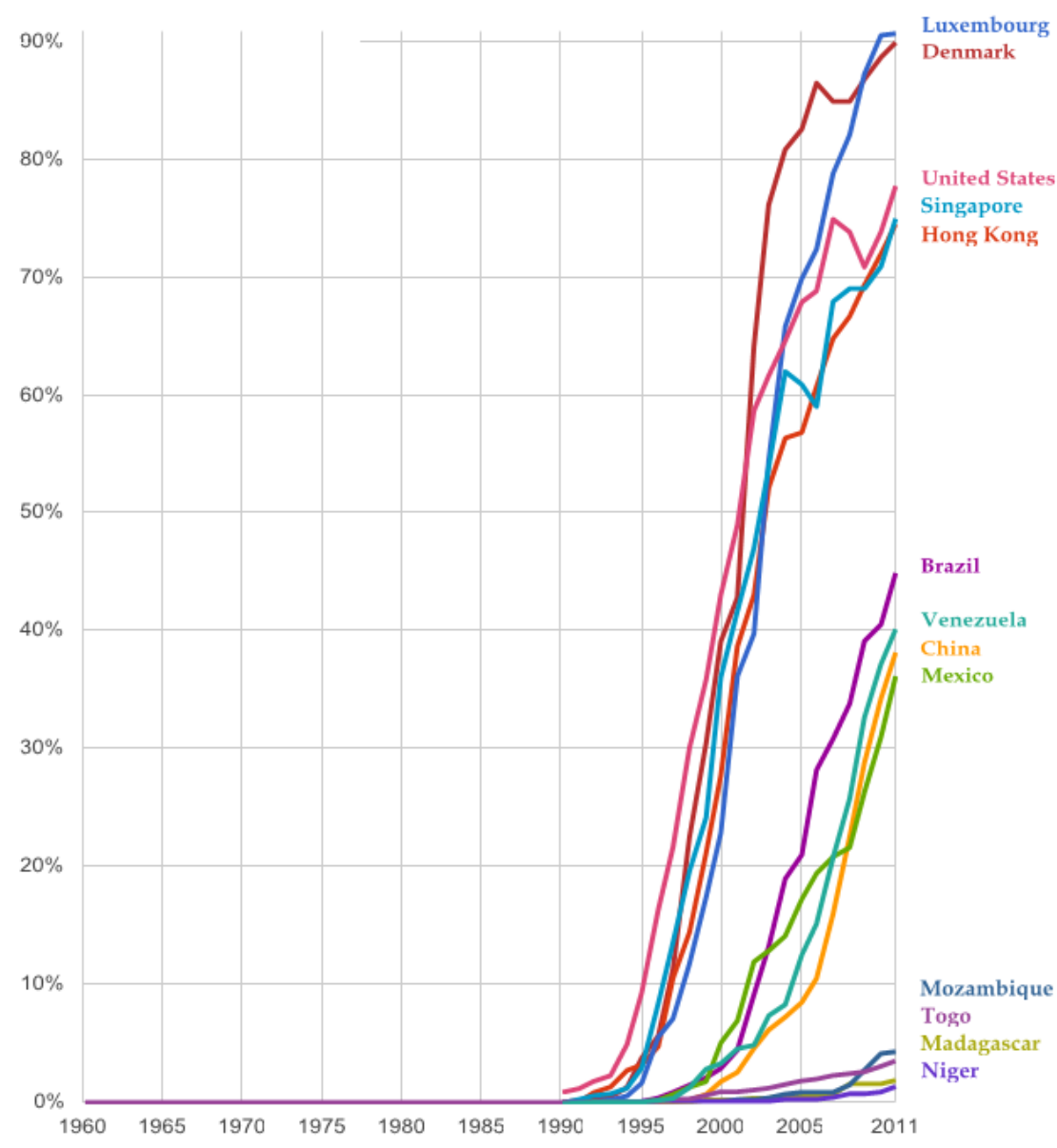
TABELA 1 – Proporção do preço das TICs no PNB per capita para países selecionados (2007)

PAÍSES	Preço das TICs/ PNB per capita
CINGAPURA	0,4
EUA	0,4
LUXEMBURGO	0,5
DINAMARCA	0,5
HONG KONG	0,5
CHINA	0,5
VENEZUELA	3,4
MÉXICO	3,6
BRASIL	7,7
TOGO	67,9
MOÇAMBIQUE	68
MADAGASCAR	71,7
NÍGER	72,4

FONTE: Unión Internacional de telecomunicações, 2007 (adaptado)

A relação entre os preços das TICs e o PNB dos países se reflete diretamente na expansão dos usos da internet no conjunto da população, ou seja, embora a internet se distribua, como meio de informação e de comunicação, alcançando as áreas mais distantes do espaço mundial (Figura 8), o seu crescimento tem um ritmo mais exponencial nos países de maior e melhor distribuição de renda que no mundo pobre. Podemos observar essas diferenças, tomando o crescimento dos usuários da internet entre os países selecionados na Tabela 1 e observados na Figura 8.

FIGURA 8 – PERCENTAGEM DE USUÁRIOS DA INTERNET EM PAÍSES SELECIONADOS DA TABELA 1 (1960-2011)



FONTE: Internacional Telecommunication Union. ICT Data and Statistics, (1960 – 2011). Adaptado.

No sentido de suprir limitações na análise do IDI, em especial no que toca aos usos diferenciados da Internet, outros estudos realizados pela UOC¹², pela UCLA¹³ e pela

¹² Universitat Oberta de Catalunya – Internet Interdisciplinary Institute. In: <http://www.uoc.edu/in3/pic/esp/index.html> acessado em 10/12/ 2009, pesquisa realizada a partir de 55. 600 entrevistas sobre os diversos aspectos das transformações trazidas pelas novas tecnologias de informação e comunicação.

¹³ California University - Ucla Internet Report. In: <http://www.digitalcenter.org/pdf/internetReportYearOne.pdf>

Universidade de Stanford¹⁴ apontam, tal qual o IDI, a uma maior utilização da Internet nos diversos níveis das relações sociais. A Internet, nesses estudos, tem significado uma intensificação das relações virtuais em todas as suas dimensões.

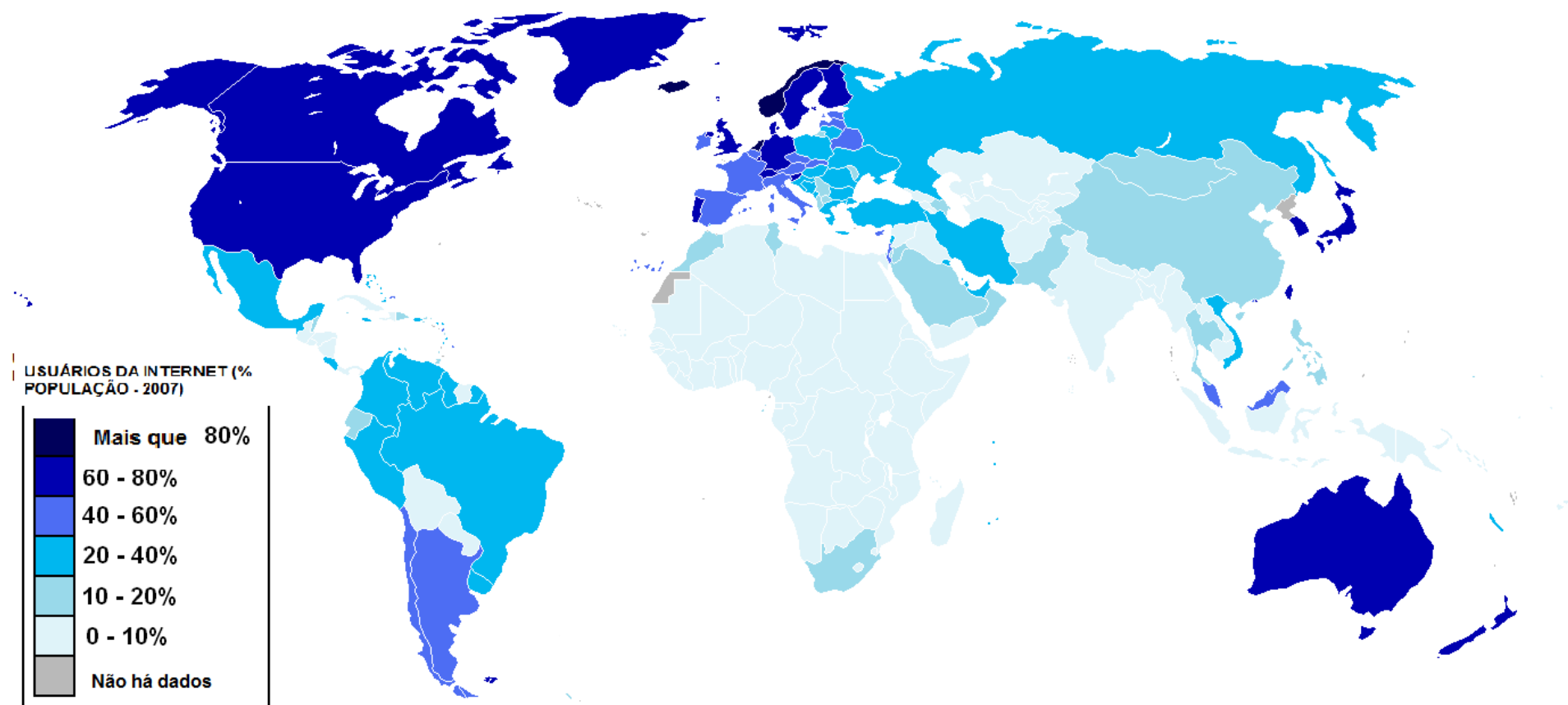
Segundo Castells (2007),

“En cuanto a las razones ligadas a la transformación organizativa de la sociedad y de la economía, la organización flexible en red se mostró como una manera más eficaz y productiva de relación en un mundo marcado por la globalización y la importancia estratégica de la información y el conocimiento.” (CASTELLS, 2007:32)

acessado em 14/02/2012, pesquisa realizada sobre uma amostra de 2096 domicílios em toda a América que estão sendo acompanhados no sentido de captar mudanças nos usos e no não uso da Internet entre os entrevistados.

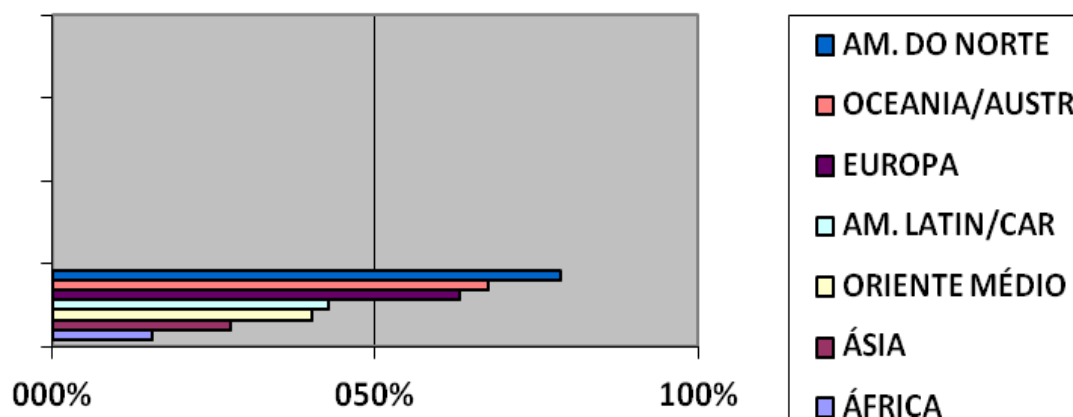
¹⁴ Stanford University - Internet and Society: A Preliminary Report. In: http://www.vermario.com/wiki/lib/exe/fetch.php/internet_society_report.pdf acessado em 20/04/2012, a pesquisa realizada baseou-se numa amostra de 4113 cidadãos americanos, distribuídos por 2689 famílias com acesso a internet. Verificou-se nela os diferentes usos de cada membro da família para a Internet.

Figura 9 – Usuários da Internet em porcentagem da população (2007)



FONTE: University of Southern California – Center for the Digital Future (2007)

GRAFICO 1 - PENETRAÇÃO DA INTERNET POR REGIÃO, JUNHO 2012

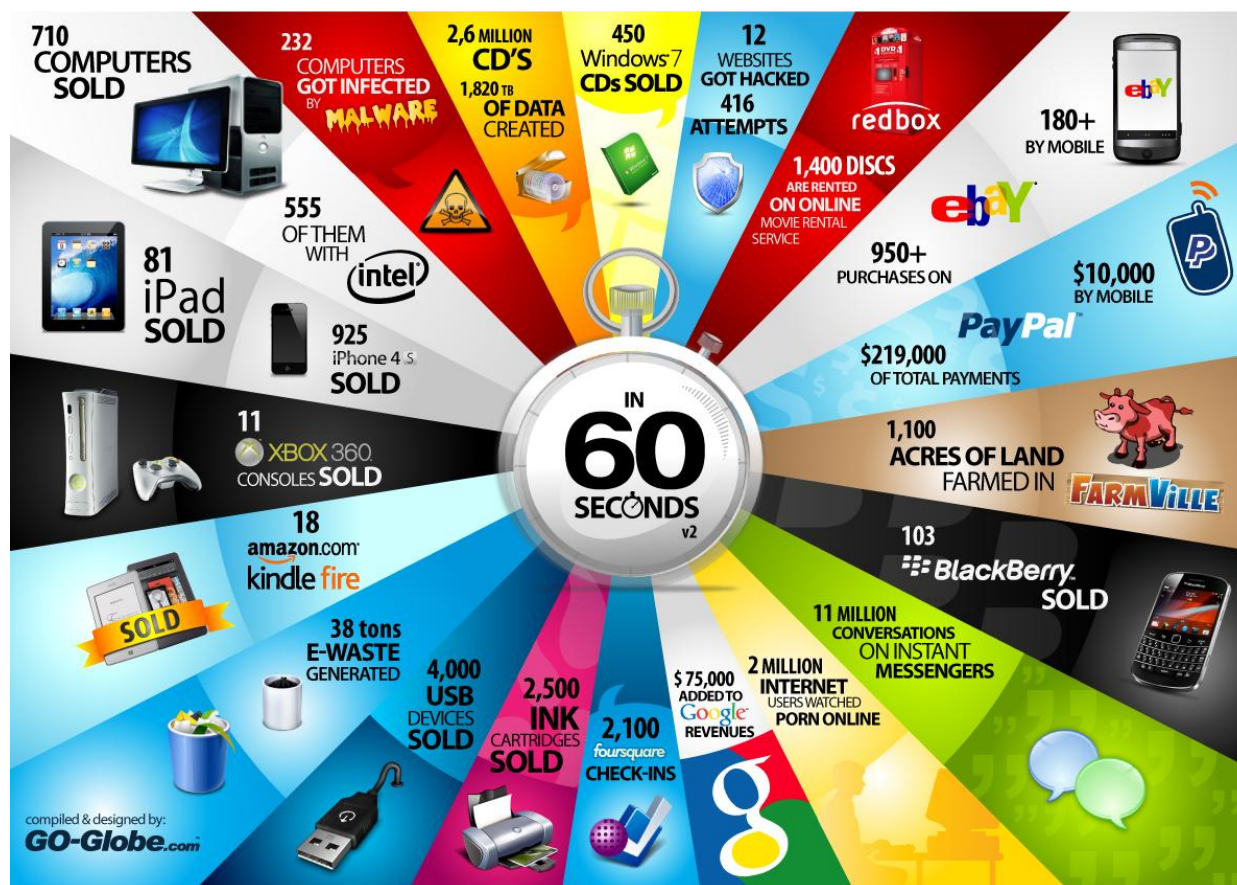


FONTE: DATA SOURCE: INTERNET WORLD STATS, JANUARY, 2013
 acessado em 14/09/2012

No mundo marcado pela globalização e pela importância da informação e do conhecimento, a Internet seria um instrumento de qualificação do grau de desenvolvimento da Sociedade Rede e do próprio território. O Gráfico 1 e a Figura 9 nos apresentam as discrepâncias do uso da Internet por regiões do planeta. Observa-se que, nas áreas mais desenvolvidas – América do Norte, Europa e Austrália –, a penetração da internet no cotidiano das relações atinge a mais da metade da população; de outro lado, as regiões menos desenvolvidas apresentam índices de penetração abaixo dos 30%.

A análise dos múltiplos usos da Internet, da sua intensidade e do local a partir do qual eles são realizados possibilita uma melhor compreensão da “arquitetura” de que trata Castells (2004), que se materializa numa aura de informação e de conhecimento que permeia e modifica as relações. (FIGURA 10)

FIGURA 10 – ACONTECIMENTOS ONLINE EM 60 SEGUNDOS



FONTE: <http://www.ticbeat.com/tecnologias/pasa-internet-60-segundos-infografia/> - acesso em 10/06/13

A Figura 10 traduz a multiplicidade de ações e usos que a internet promoveu. Segundo a Go-Gulf.com - empresa especializada em web design com atuação em mais de 25 países -, a cada segundo, trocam-se milhares de e-mails, visitam-se outras milhares de páginas, realiza-se outro tanto de transações bancárias on-line, compram-se 2,6 milhões de CD's, mais de 180 i-phones, 4000 dispositivos de USB e produzem-se 38 toneladas de lixo eletrônico.

É preciso que se considere, mais uma vez, que essa arquitetura e a sua essência, que é a sociedade do conhecimento e da informação ou sociedade rede, como discute Castells (2004), apresenta-se numa distribuição muito irregular. Da maneira como já apresentamos através do Gráfico 1, as disparidades de renda, de informação e de desenvolvimento de infraestrutura técnica geram grandes desigualdades no uso da internet, tendo como referência a posição dos países no ranking de lares conectados. A Tabela 2, pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, coloca os países da Europa e da América do Norte no topo da lista.

TABELA 2 – RANKING MUNDIAL DE ACESSO A INTERNET PARA PAÍSES SELECIONADOS - 2010

País	Acesso a Internet	Ranking 2010
Mundo	33	-
Suécia	97	1
Islândia	94	2
Dinamarca	92	3
Holanda	91	4
Cingapura	89	5
EUA	85	17
Japão	71	31
Brasil	33	63
Argentina	31	66
Venezuela	27	76
Egito	10	101
Índia	3	126
Congo	1	141
Rep. Centro Africana	0	151
Madagascar	0	153
Myanmar	0	154

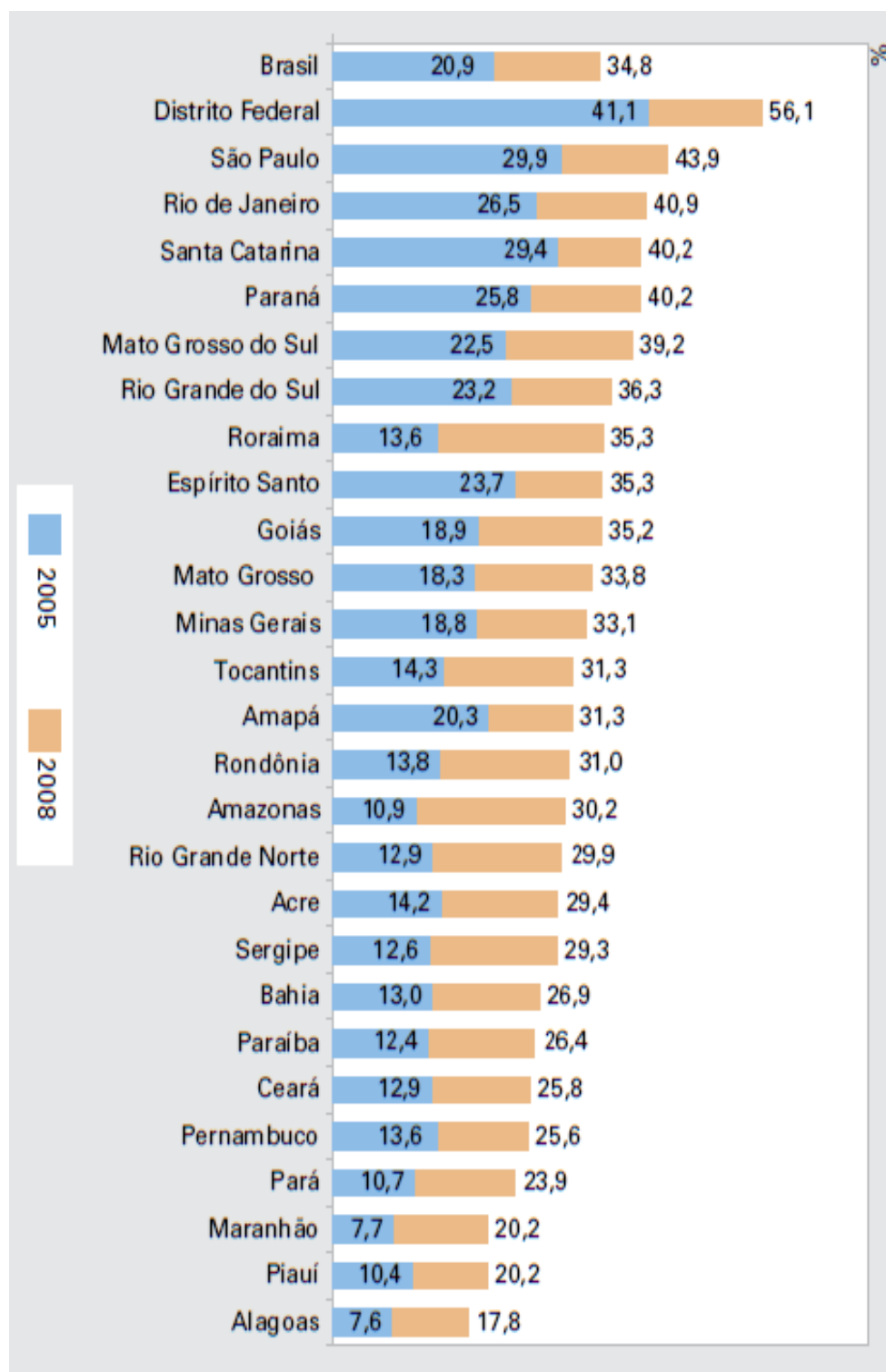
FONTE: Mapa da Inclusão Digital – CPS/FGV adaptado pelo autor.

2.3 – A expansão da internet no Brasil

Nessa pesquisa, realizada sobre um conjunto de 154 países, o Brasil aparece na 63ª colocação com um índice de aproximadamente 1/3 dos lares conectados à Internet. Ao pensarmos a disseminação do uso da Internet pela sociedade brasileira, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) apresentou, para os anos de 2005 e 2008, um suplemento com a análise do uso da Internet e da posse de telefone celular móvel na população brasileira. O objetivo de tal suplemento foi compreender o grau de utilização das novas tecnologias de informação e de comunicação na sociedade brasileira, com o intuito de construção de indicadores de medida e de comparação com outras estatísticas internacionais de medida da sociedade de informação.

A PNAD apresenta dados importantes com respeito ao amadurecimento da sociedade brasileira na direção de uma sociedade de informação. Considerando o uso da Internet, ocorreu uma expansão de mais de 50% em relação aos dados de 2005 (FIGURA 11). Na primeira pesquisa, apenas 20,9% da população com mais de 10 anos havia utilizado a Internet nos últimos três meses da pesquisa. Esse número se amplia para 34,8% da população.

FIGURA 11 – BRASIL - USUÁRIOS DA INTERNET (2005-2008)



Trabalho e
08.

É preciso destacar, no entanto, que esses números nacionais são muito diversos, quando os estratificamos pelos estados da federação. Entre todos eles, o Distrito Federal é o que apresenta as maiores taxas de utilização – 56,1% em 2008, seguido dos estados do Sudeste, exceto Minas Gerais e Sul do Brasil. Nesse grupo de médias superiores à média nacional, ainda encontramos poucas diferenças nos estados de Roraima, Mato Grosso do Sul e Goiás.

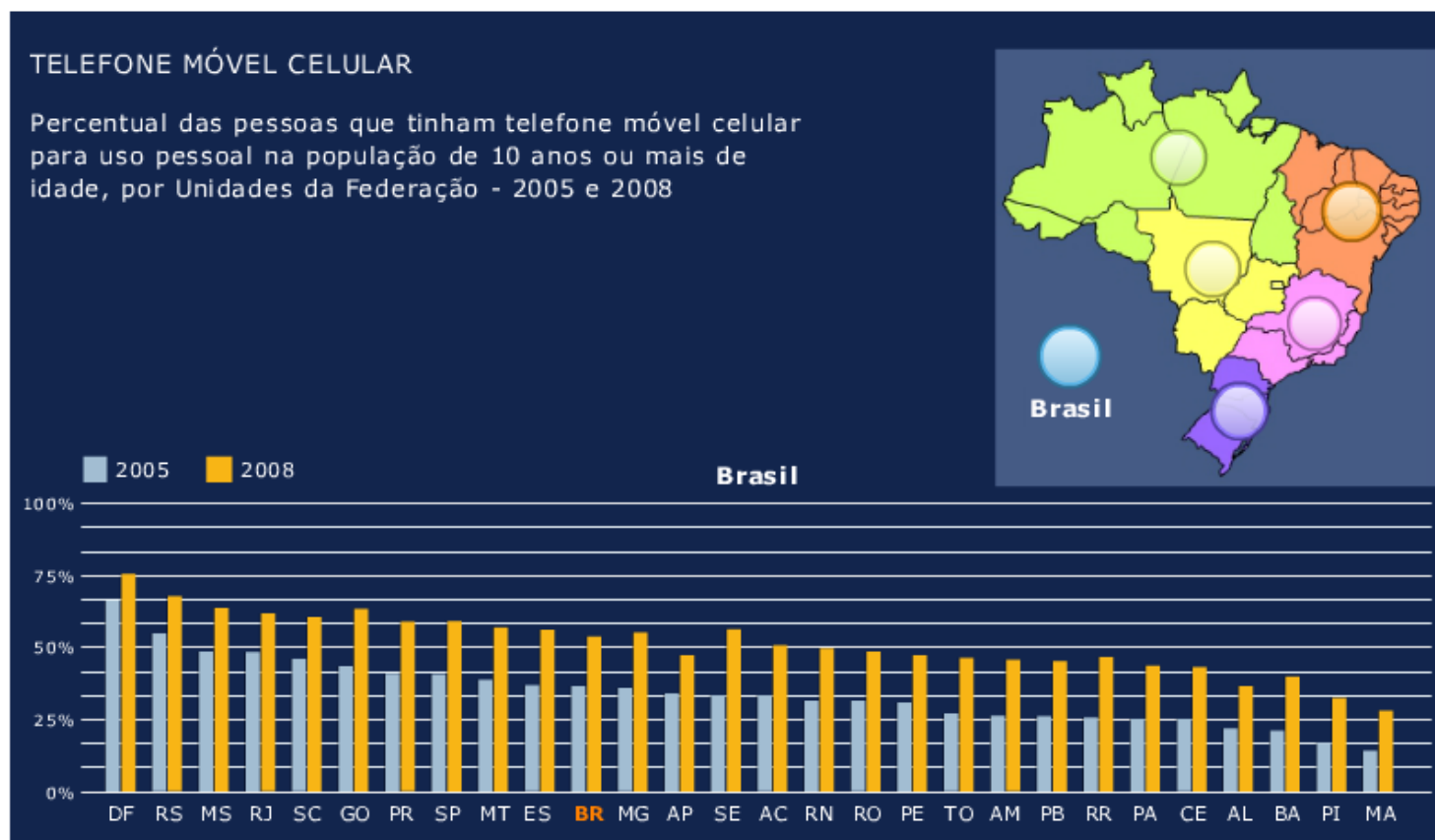
O conjunto dos outros estados da federação apresenta médias de usos da Internet inferiores à média nacional, entre eles, Minas Gerais e Mato Grosso completam o grupo de estados do Centro-Sul com médias pouco inferiores, Já os estados do Norte e do Nordeste apresentam os piores indicadores – Pará, Maranhão, Piauí e Alagoas ocupam as últimas colocações no ranking de usos da Internet.

Outro aspecto importante a ser discutido, ao pensarmos no uso da Internet a partir desses dois suplementos realizados, é a intensidade do seu crescimento no período 2005-2008. Quando tomamos essa referência estratificada pelos estados da federação, também se percebem grandes diferenças. Enquanto a média brasileira apresentou uma expansão de 66,5%, os Estados do centro-sul registraram aumentos inferiores à média – o que demonstra que tais Estados já apresentavam, em 2005, uma infraestrutura de Internet que já possibilitava uma intensidade maior do uso.

O Distrito Federal é um dos exemplos desse grupo de Estados que apresentam usos da Internet na população superiores à média nacional, mas apresentaram um crescimento no seu uso inferior à média brasileira. Nesse grupo de estados, destacam-se os Estados da região Norte, que apresentaram

um crescimento, no período 2005-2008, muito superior à média nacional, fato que consideramos ser, em parte, devido ao crescimento da telefonia celular móvel (FIGURA 12)

FIGURA 12 – BRASIL - EXPANSÃO DA TELEFONIA MÓVEL (PNAD 2005-2008)

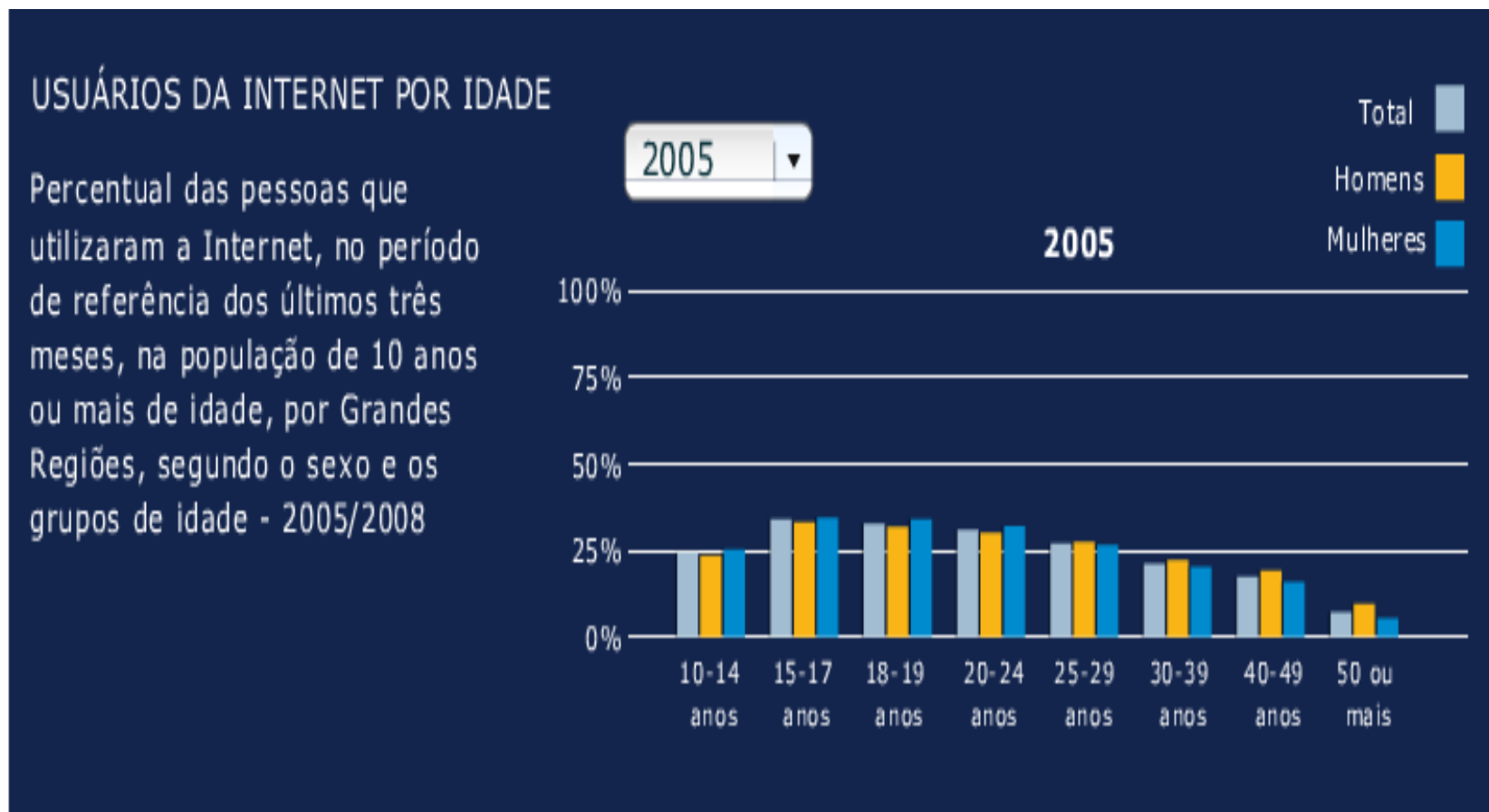


FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

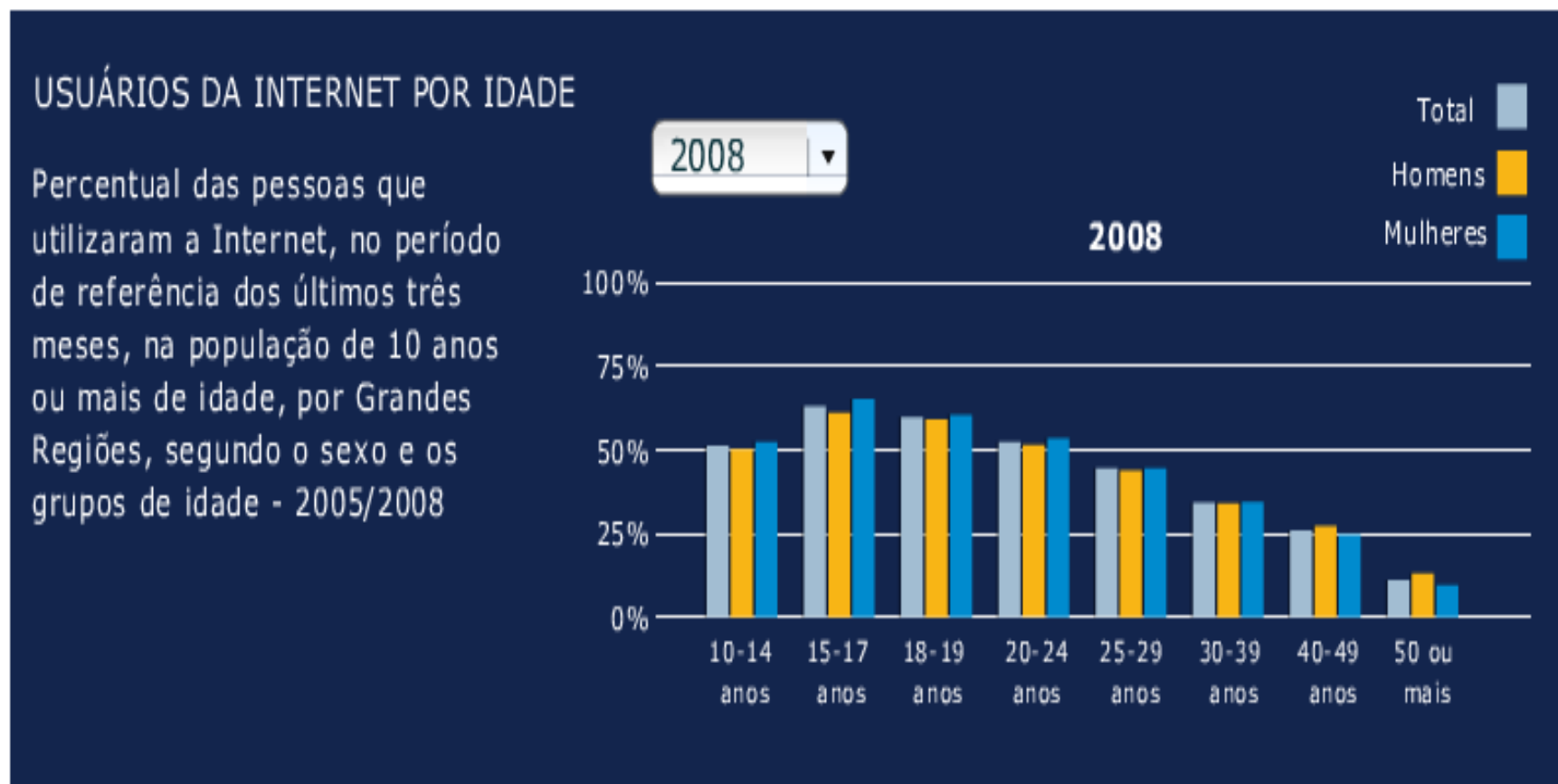
No outro extremo do quesito uso da Internet, os Estados da federação com intensidade de uso menor que a média nacional, apresentaram um grande crescimento do uso para o período 2005-2008. Verifica-se, para o Pará, o Maranhão, o Piauí e Alagoas, um crescimento superior a 100%. A extensão de serviços de telefonia móvel, a implantação de planos de banda larga, de baixa velocidade e Internet discada de maneira mais acessível à população e a generalização dos usos da Internet, mesmo entre as populações de menor renda, são fatores que justificam a ampliação do uso nos estados do Norte e Nordeste.

Outro elemento importante que a pesquisa nos apresenta é a distribuição do uso pelas diferentes faixas de idade e de sexo. No quesito gênero, não há grandes diferenças no uso da Internet. Entre as faixas de idade mais jovens (10-14, 15-17, 18-19, 20-24 anos), verifica-se uma ligeira liderança das mulheres; nas faixas de idade mais avançada (40-49, 50 anos ou mais), ocorre uma ligeira liderança dos homens (FIGURAS 13 e 14).

FIGURA 13 – BRASIL - USUÁRIOS DA INTERNET POR FAIXA DE IDADE E SEXO - 2005



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

FIGURA 14 - USUÁRIOS DA INTERNET NO BRASIL POR FAIXA DE IDADE E SEXO – 2008

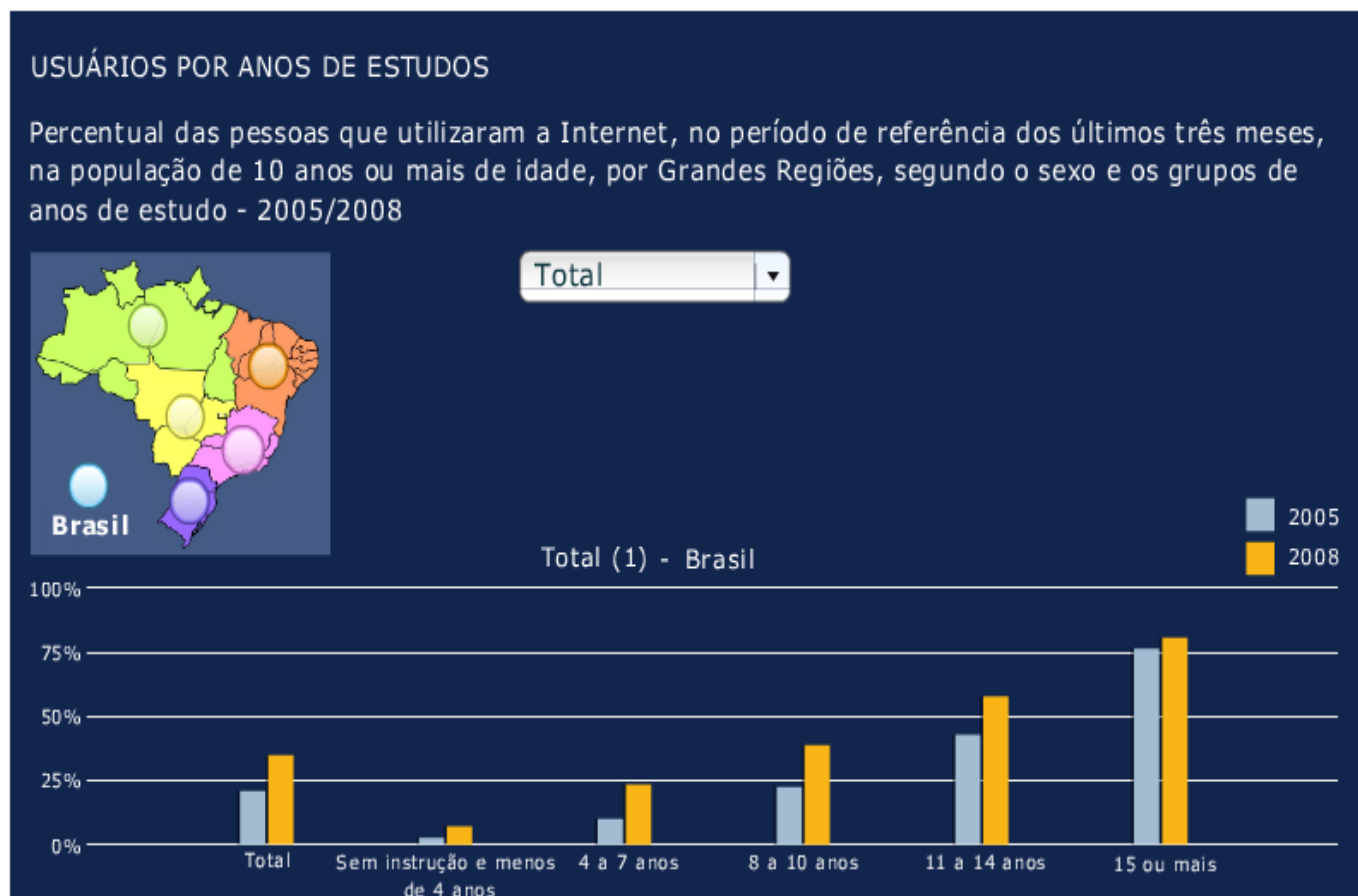
FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

Esse quadro se modifica, quando tomamos a divisão por gênero segundo a média brasileira e a distribuição por macrorregiões. Nesse caso, os homens apresentam uma vantagem de dois pontos percentuais em relação às mulheres na média nacional e, na distribuição pelas macrorregiões, as maiores diferenças em favor dos homens encontram-se entre as regiões Sudeste e Sul – 3,5 e 2,3 pontos percentuais.

Ao se tratar do quesito idade, as faixas de idade correspondentes à população mais jovem foram as que apresentaram um crescimento mais expressivo. No grupo mais jovem pesquisado (10-14 anos), o crescimento no uso entre as pesquisas de 2005 e 2008 ultrapassou os 100%. Considerando a novidade e os múltiplos usos que a Internet significa, é a população jovem que está mais aberta ao desenvolvimento de novos padrões de sociabilidade - através de chats, blogs, jogos, e-mails, comunidades virtuais e outras formas de interação. Essa população tem promovido, segundo Castells (2007), uma “cultura jovem”, para a qual os usos lúdicos, exploratórios e de sociabilidade são mais importantes que os usos instrumentais.

Analisando-se a PNAD a partir dos níveis de escolaridade da população, o IBGE aponta para um crescimento, no período 2005 – 2008, dos usos em todos os níveis de escolaridade (FIGURA 15). Como a idade, os níveis de escolaridade são um indicador importante da consolidação de uma sociedade informacional. Na análise dos suplementos de 2005 e 2008, observa-se que aquela parcela da população com menores níveis de escolaridade tem apresentado um crescimento do uso maior que a parcela de maior nível de escolaridade. Constata-se, dessa maneira, a ideia de que a educação é uma

grande barreira ao uso da Internet, mas, uma vez superada essa barreira através de políticas de inclusão digital, a educação passa a influir menos na intensidade do uso.

FIGURA 15 – BRASIL - USUÁRIOS DA INTERNET POR ANOS DE ESTUDO – 2005 - 2008

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

A respeito dos diferentes usos da Internet quando relacionados aos níveis de escolaridade da população, confirma-se uma relação diretamente proporcional, já verificada em pesquisas realizadas pela UIT e pelo professor Manuel Castells. A relação também é verificada na população brasileira: quanto maior o nível de escolaridade, maiores a intensidade de uso e a importância dada à Internet.

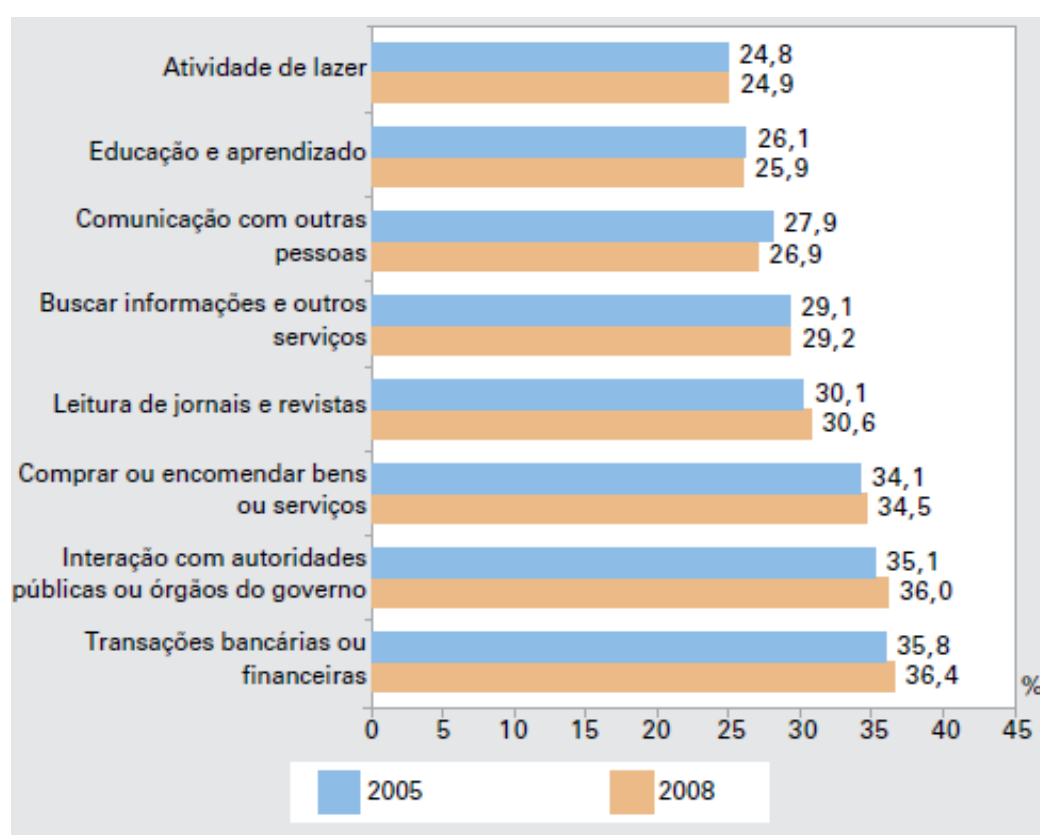
Segundo Castells (2007), o nível de educação influencia no conteúdo do uso, ou seja, a parcela da população que apresenta maiores níveis de escolaridade tem a Internet integrada a suas ações cotidianas, o que se revela em uma pequena variação no período 2005-2008, já que, na primeira pesquisa, a parcela da população com maior escolaridade já possuía relativo conhecimento da Internet.

Para o autor, a referida integração se representa, em suas pesquisas, num maior uso da Internet por parte da população de maior escolaridade para a consulta de bibliotecas, leitura de jornais, operações bancárias, busca de informações de viagens, espetáculos e serviços públicos e ainda para a realização de trabalhos a partir da residência. De outro lado, aqueles com menor nível de escolaridade têm um padrão de uso mais voltado a práticas de sociabilidade e interação – participação de chats de discussão de temas genéricos, jogos, downloads de músicas e conexão com amigos.

Essa tendência pôde ser verificada pela PNAD/2008 na população brasileira, tendo-se como referência a idade média dos usuários de distintas atividades realizadas através da internet (FIGURA 16). Percebe-se que a idade

média aumenta, na medida em que se sofisticam as ações na rede. Assim transações bancárias e interação com autoridades públicas apresentam médias de idade próximas de 10 anos maior, o que significa que atividades mais complexas requerem maior grau de escolaridade e informação, elevando a média de idade dessas ações.

FIGURA 16 – BRASIL - IDADE MÉDIA DOS USUÁRIOS SEGUNDO FINALIDADE DE ACESSO - 2008



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

Considerando a finalidade de acesso, através da PNAD, reconhecemos que o uso para comunicação torna-se cada vez mais presente em todos os segmentos que se possa analisar (FIGURA 17). A Internet como instrumento de comunicação tem, cada vez mais, se tornado um veículo para reduzir gastos com telefonia de empresas, instituições e cidadãos, tem se constituído num

poderoso instrumento de marketing de todos os tipos de bens materiais e imateriais e tem se convertido no mais rápido meio de integração das pessoas através do correio eletrônico, chats e comunidades sociais.

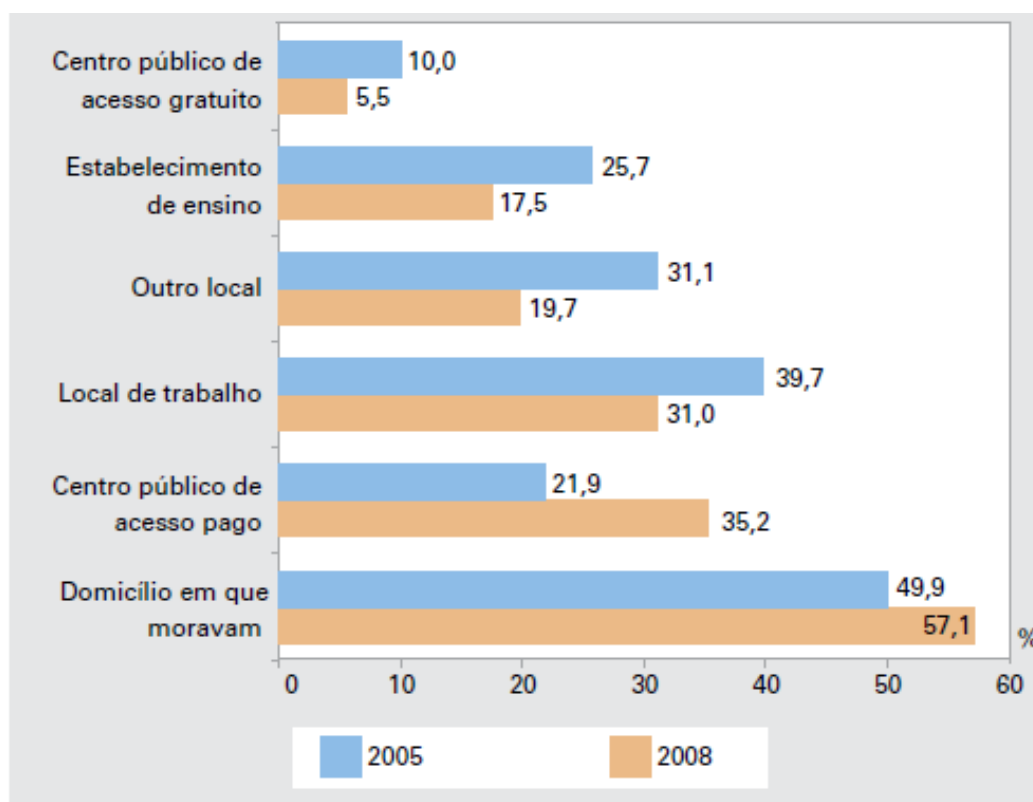
FIGURA 17 - BRASIL - PERCENTUAL DAS PESSOAS QUE UTILIZARAM A INTERNET COM A FINALIDADE DE COMUNICAÇÃO COM OUTRAS PESSOAS, NA POPULAÇÃO DE 10 ANOS OU MAIS DE IDADE NO PERÍODO DE REFERÊNCIA DOS ÚLTIMOS TRÊS MESES - 2008



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2008; Diretoria de Geociências, Coordenação de Geografia.

Segundo o suplemento produzido pela PNAD-2008, outro aspecto importante a se analisar é o local de acesso à Internet. Na amostra produzida pela PNAD, observa-se que mais da metade dos entrevistados (57,1%) acessaram a Internet a partir do domicílio em que moravam, seguido do centro público de acesso pago, com 35,2% dos entrevistados (FIGURA 18). Esses dois locais foram aqueles que aumentaram sua participação entre as pesquisas de 2005 e 2008, indicando que a popularização da Internet tem estimulado sua utilização a partir do domicílio e o desenvolvimento de atividades de negócios (lan-houses, cybercafés etc.) voltados à comercialização do acesso da mesma.

FIGURA 18 – BRASIL - LOCALIDADE DE ACESSO DOS USUÁRIOS DA INTERNET (2005-2008)



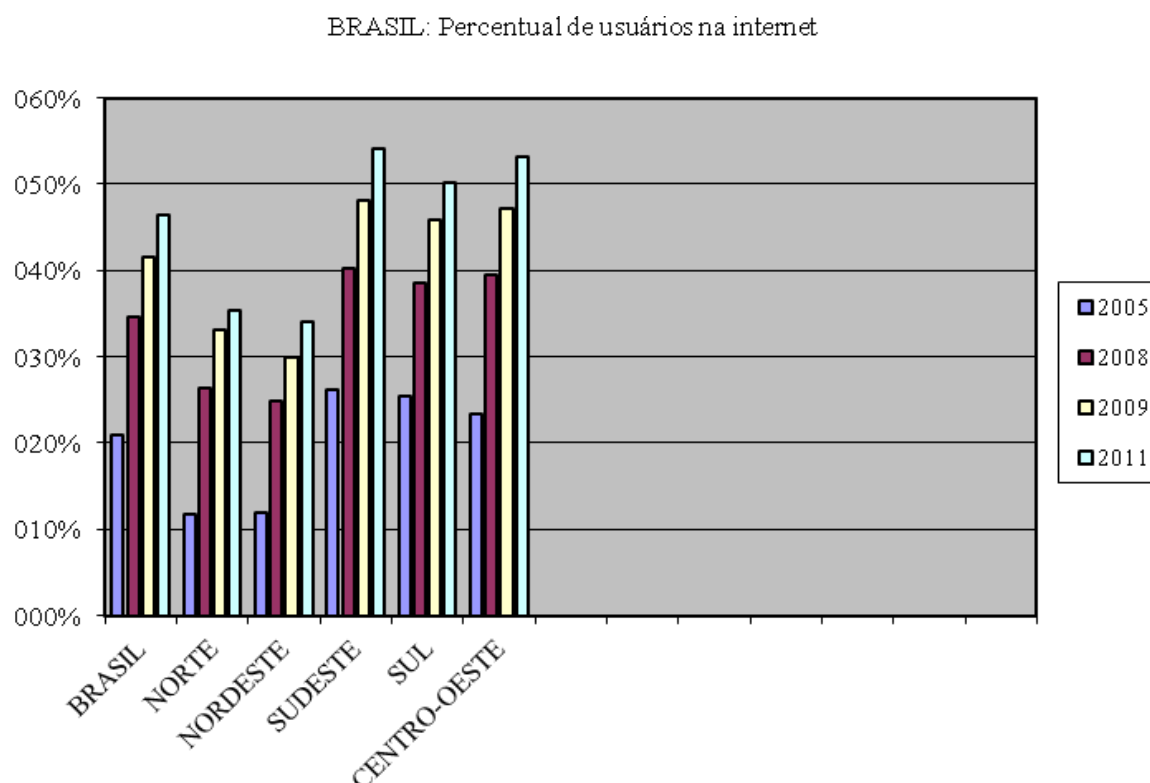
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

Ainda a respeito dessas duas localidades, domicílio e centro público de acesso pago, a pesquisa identificou diferenças significativas entre as macrorregiões: enquanto o domicílio é o local de uso mais frequente entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, exceto Goiás, o centro público de acesso pago torna-se a principal forma de acesso para Goiás e as macrorregiões Nordeste e Norte, exceto para Alagoas e para o Acre, que apresentam uma maior utilização da Internet nos domicílios.

Creditamos tal característica, para ser confirmada em pesquisas ulteriores, a uma renda per capita da população desses Estados abaixo da média nacional associada à falta de infraestrutura, o que criaria obstáculos ao acesso a computadores e às redes de Internet nos domicílios. O suplemento sobre os usos da internet realizado junto a PNAD/2011 confirma a expansão do uso da internet no Brasil. Segundo a pesquisa, os usuários já representavam 46,5% da população, e a consolidação desse uso se deu na faixa de idade de 15 a 34 anos, com nível médio e superior de escolaridade e faixas de renda intermediária e alta.

Como podemos observar no Gráfico 2, no comparativo 2005 – 2011, ocorre um crescimento na ordem de 122,5% na proporção de usuários da internet. Mais uma vez é importante afirmar que esse crescimento reflete desigualdades espaciais.

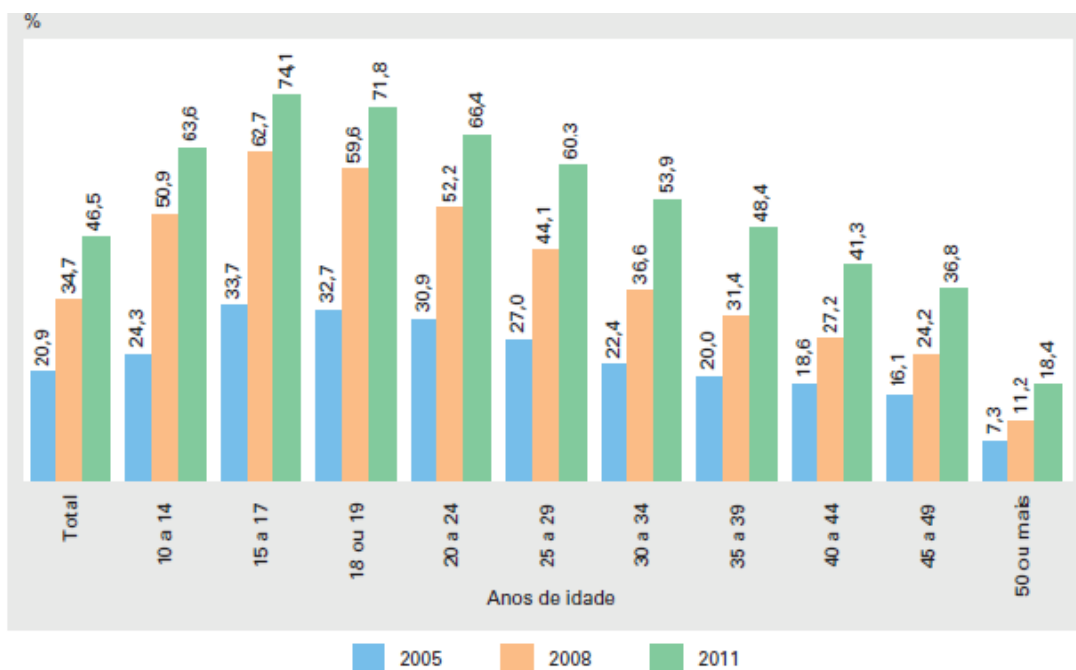
GRÁFICO 2 – BRASIL – PERCENTUAL DE USUÁRIOS DA INTERNET (2005 – 2011)



FONTE: PNAD/2011 – organizado pelo autor.

As regiões mais dinâmicas e de maior grau de urbanização apresentam uma proporção de usuários, nos anos representados, maior que a média brasileira, o que nos leva a afirmar que o mapa da inclusão tem o seu inverso no mapa da exclusão digital. Na distribuição por grupos etários na PNAD/2011, confirma-se a tendência apresentada nas pesquisas anteriores de uma maior participação da população jovem no conjunto dos usuários da internet. (Figura 19)

FIGURA 19 – Brasil - Percentual de pessoas que utilizaram a Internet, no período de referência dos últimos três meses, na população de 10 anos ou mais de idade, segundo os grupos de idade - 2005/2011



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2011.

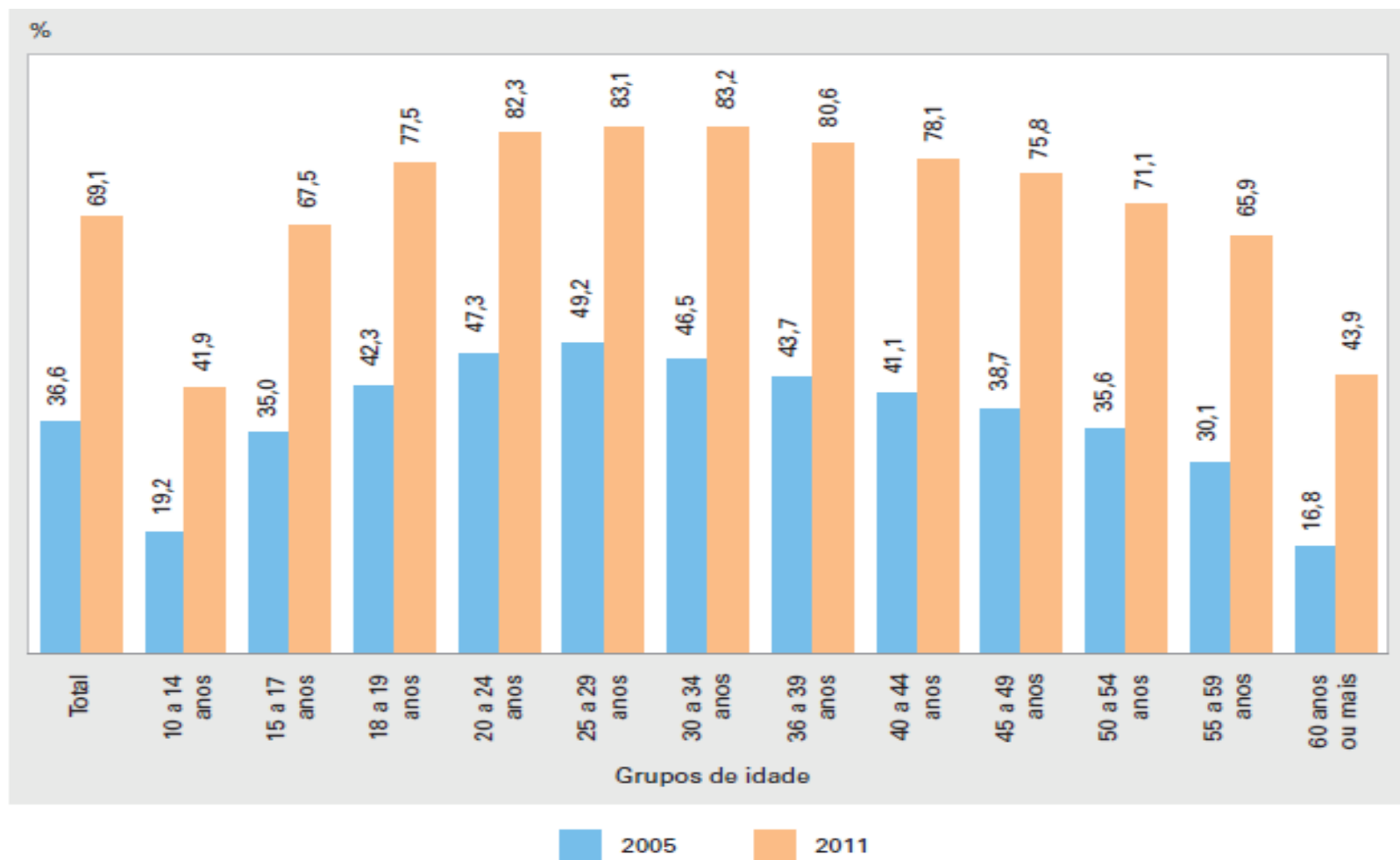
Na PNAD/2011, os grupos da população correspondentes às idades entre 15 a 24 anos, apresentam uma proporção de usuários em mais de 15 pontos percentuais superior à média brasileira, confirmando a tendência, já apresentada pelas PNADs de 2005 e 2008 e pelos estudos sobre a internet, de que é o público jovem o seu maior consumidor.

Na distribuição por idades apresentada pela PNAD/2011, outro aspecto a ser destacado é que, embora não se apresente de modo tão discrepante, a variação na proporção de usuários da internet entre as pesquisas de 2008 e 2011 é maior para as idades fora do intervalo de 15 a 24 anos, o que, pelos estudos já referidos neste trabalho, se verifica pelo crescimento do uso da internet não apenas como ferramenta de lazer, informação e comunicação, muito utilizada pelo público jovem, mas também para as compras, para as

transações bancárias e as informações sobre saúde, para o trabalho, para os deslocamentos e outras finalidades com intensidade maior entre o público de maior idade.

Credita-se também esse crescimento do número de usuários da internet, especialmente entre aqueles de 50 anos ou mais – a variação no período alcançou 64,3% -, à expansão da telefonia móvel que possibilitou uma proximidade maior a essa geração que consolidou sua forma de viver com objetos que faziam cada um uma só função, de acessibilidade através da portabilidade. No entanto, é preciso destacar que o intenso crescimento da telefonia móvel se deva aos usuários mais jovens, em especial até a faixa de 30 a 34 anos. A partir daí, o uso da telefonia cai nas faixas posteriores, mas é positivo em relação a PNAD/2008. (Figura 20)

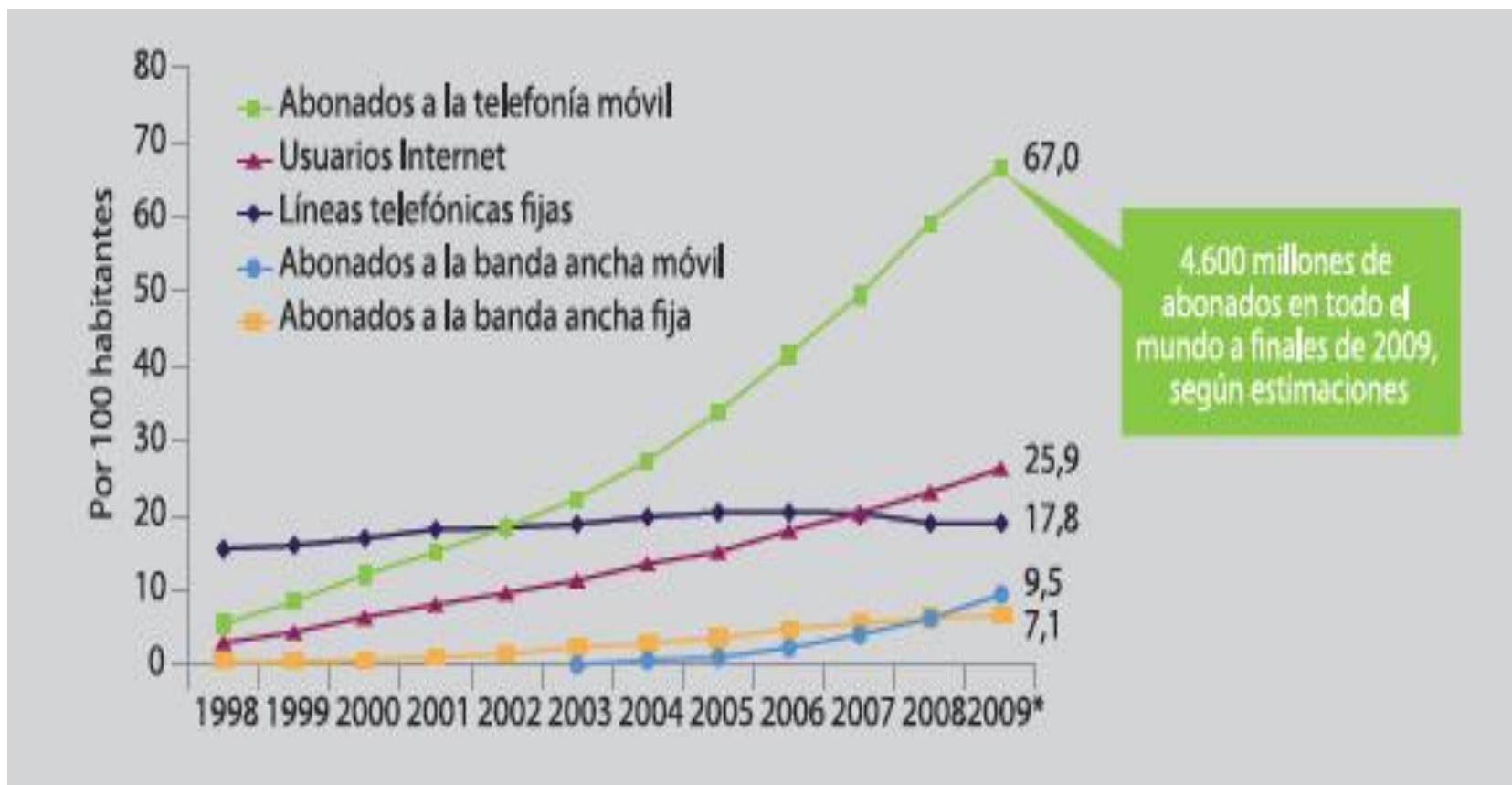
FIGURA 20 – BRASIL – ACESSO A INTERNET POR GRUPOS DE IDADE (2005-2011)



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2011.

Segundo a ANATEL, em relatório de março de 2012, o Brasil contava com 250,8 milhões de celulares, com uma densidade de crescimento próxima de 1 milhão de celulares mês, o que nos coloca hoje com aproximadamente 265 milhões de celulares ou próximos de 135 linhas para grupo de 100 habitantes, alcançando a 5ª colocação no mundo em termos de mercados de celulares. A Figura 21 expressa os dados de crescimento das assinaturas de telefonia móvel que alcançaram, em 2010, a marca de 5 bilhões em todo o planeta.

FIGURA 21 – MUNDO - ASSINATURAS DE TELEFONIA MOVEL, TELEFONIA FIXA, INTERNET E BANDA LARGA FIXA E MÓVEL- 2009



FONTE: UIT - <http://www.itu.int/net/itune/news/issues/2010/02/23-es.aspx> - acesso em 23/02/13

Outro aspecto importante a se destacar na PNAD/2011 é a divisão por faixas de renda. A expansão do uso ocorreu em todas as faixas de renda, mas foi maior entre os de renda mais baixa. Tabela 3

TABELA 3 – BRASIL – PROPORÇÃO DE USUÁRIOS DA INTERNET POR GRANDES GRUPOS DE FAIXA DE RENDA- PNAD 2005 - 2011

	2005	2011
SEM RENDIMENTO	3,8 %	21,4 %
DE ¼ DE SAL. MINIMO	7,8 %	30,0 %
DE ½ SAL. MÍNIMO A 1	15,8 %	39,0%

FONTE: PNAD/2011 – organizado pelo autor

A Tabela 3 traz à discussão dos usos da internet dois aspectos importantes a se questionar a respeito desse crescimento nos setores de renda mais baixa, que são: *o por que se usa?* e *o que se faz?*. A resposta às duas questões não pode ser reduzida apenas à melhora da infraestrutura técnica e à popularização de linhas de telefones móveis.

O crescimento dos índices de usuários entre a população de baixa renda deve-se muito mais ao reconhecimento da importância da internet por parte deles, ou seja, a internet cria, para essa parcela da população, possibilidades de informação, de trabalho e também de sociabilização.

Dessa maneira, construir uma página pessoal em uma comunidade social ou postar um vídeo não exige muitas letras e não estabelece discriminações a ninguém; ao contrário, constitui-se, para essa parcela da população, num veículo democrático de informação, trabalho, lazer e sociabilização que as instituições e organizações do mundo real não representavam. Nesse sentido, para essa faixa de renda, a internet passa a ser um passaporte ao mundo (quase) globalizado, na medida em que a barreira do idioma passa a ser um fator de diferenciação do uso da internet para os usuários de baixa renda.

Essa condição de passaporte democrático e libertário é uma qualidade das redes constituídas através da internet. Sejam redes de colaboradores, redes de negócios, de solidariedade ou redes sociais, todas elas se fazem abertas a indistintos setores de renda.

Nesse aspecto, as redes sociais consolidam-se como uma nova forma de comunicação que, sendo multidirecional, revoluciona os padrões de sociabilização anteriores. Para os mais jovens, elas se convertem num ponto de encontro e de marcação de encontros, apresentam um oceano de novidades e lazeres a serem conhecidos e experimentados, tornam cada vez mais entediante a relação tradicional e presencial com os familiares e com a vizinhança.

Àqueles de meia idade, elas também reservam um espaço para o lazer e para os encontros, mas passam a ser mais utilizadas no trabalho para a promoção pessoal e para o compartilhamento de interesses diversos. Para

essa faixa etária, elas significam a oportunidade de romper os isolamentos impostos pela passagem dos anos da vida, constituindo-se assim numa possibilidade de contato mais próximo com familiares distantes e de oportunidade do entretenimento.

Podemos afirmar que os resultados da PNAD/2011 e sua variação apresentada no período 2005 – 2011 foram muito ampliados pela velocidade com que a participação em comunidades sociais se expandiu. Segundo estimativas da e-Marketer, a quantidade de usuários de algum tipo de comunidade social deve alcançar, em 2013, a marca de 1,85 bilhões de internautas.

O Brasil contribui em parte significativa para essa expansão, muito embora estejamos distantes dos líderes absolutos de usuários das comunidades sociais, já que nos colocamos entre os primeiros, quando o critério é a densidade de participação em comunidades no conjunto dos usuários da internet.

Segundo dados da eMarketer, 87,6% dos usuários de internet no Brasil participam de pelo menos um site de relacionamento Tabela 4, ocorrendo, nos últimos cinco anos, uma migração do Orkut para o Facebook, que se constitui no de maior participação seguido do Youtube.

TABELA 4 - PROPORÇÃO DE PARTICIPANTES EM COMUNIDADES SOCIAIS EM PAÍSES SELECIONADOS - 2013

BRASIL	87,6 %
INDONÉSIA	87,5 %
EUA	49,9 %
CANADÁ	49,3 %
CORÉIA DO SUL	46,6 %
AUSTRÁLIA	44,4 %

FONTE: Emarketer, 2013

Outro aspecto importante na expansão das redes sociais é o fato de elas deixarem de ser exclusivamente redes de relacionamentos pessoais. Sua popularização por todas as camadas de renda, escolaridade, gênero e, principalmente entre os mais jovens, transforma-as em redes de negócios. Cresce o número de pequenas e médias empresas, divulgando seus produtos e melhorando suas relações com os clientes através do Facebook, do LinkedIn, do Orkut, entre outros.

Nessas redes de negócios, as opções de curtir, compartilhar e seguir tornam-se veículos de pesquisa sobre novos negócios e sobre os níveis de autopromoção representados pelo número de seguidores ou de amigos numa dessas comunidades. Uma rápida pesquisa por empresas e nomes mundialmente conhecidos nos aponta que as opções de “curti-los” são um

termômetro do grau de popularidade, conhecimento e aceitação que essas empresas e nomes representam.

Outro aspecto a se considerar sobre as referidas redes é sua capacidade de mobilização. De início, essa capacidade foi canalizada para as ações de lazer do público mais jovem, mas, à medida que as comunidades se popularizaram entre essa faixa de idade, elas se tornam um importante instrumento de ressonância de seus interesses e de convocação para grandes manifestações de oposição às instituições e às políticas públicas.

A respeito desse aspecto, entendemos que devemos, no próximo capítulo deste trabalho, fazer uma análise sobre as relações entre a internet e a juventude para que possamos captar as características particulares dessa geração e, diante disso, concluir sobre as novas potencialidades que o desenvolvimento das TICs lhe propiciou.

CAPITULO 3 –
A JUVENTUDE E A INTERNET

CAPITULO 3 – A JUVENTUDE E A INTERNET

Não é nosso objetivo, com o título desse capítulo, expor aqui todas as discussões que se tem realizado a respeito desses dois temas. Na Psicologia, na Pedagogia, na Sociologia e na Comunicação Social, podemos encontrar estudos que se ocupam da análise da juventude informacional que se criou com o advento da Internet.

Ainda sem uma preocupação em definir a juventude a partir de uma faixa etária da vida, consideramos importante qualificá-la como um momento particular da vida em que se busca a construção de uma identidade própria, se afirma a criatividade, a individualidade e a sociabilidade e se determina a forma de inserção num conjunto de relações sociais exteriores à vida familiar. Segundo Pistori (2012),

“Esta transição do mundo privado das relações familiares para a ocupação do espaço público, em geral, é marcada por uma atitude de experimentação e ao mesmo tempo de afirmação da individualidade, que se manifesta como forma de insubmissão diante dos pais ou dos adultos. A busca por autonomia pode ser vista como uma espécie de luta individual pela soberania sob o próprio corpo, que durante a fase da infância é completamente controlado pelos adultos.” PISTORI (2012:18)

Nessa perspectiva, a análise dos temas juventude e internet nos remetem a uma discussão que envolve todo um conjunto de gerações impactadas pelo desenvolvimento tecnológico do período pós II Guerra Mundial. A geração que efetiva a relação entre esses dois temas é a denominada Geração W.

3.1 - AS GERAÇÕES

Compreenderemos a expressão “geração” como um grupo de indivíduos nascidos em determinado período do tempo histórico e caracterizados/identificados por determinadas práticas e comportamentos, isto é, por uma cultura. Nesse sentido, a compreensão dessa Geração W nos seus projetos de busca por suas individualidades e autonomias, num ambiente permeado pelas tecnologias da informação e comunicação, exige que se pense o conjunto de gerações que viveram cada momento da revolução tecnológica.

As definições das Gerações de Jovens a partir de letras finais do alfabeto surgiram a partir do termo Geração X, criado por Jane Deverson (1964) em um trabalho sobre a juventude inglesa da década de 1960. O termo referia-se a uma geração de filhos dos nascidos no período de crescimento da natalidade e da economia dos países ricos no pós II Guerra Mundial, os denominados *baby boomers*.

Os *baby boomers* são aqueles nascidos entre 1946 e 1963 que têm como características marcantes a negação dos valores da tradição de gerações anteriores, a valorização do sexo oposto (através das conquistas do movimento feminista) e a busca por uma identidade que privilegiasse a individualidade - através dos movimentos pela paz, pela ecologia, pela cultura e pela liberdade - sem perder a consciência da coletividade.

Com essa caracterização, a geração dos *boomers* esteve à frente da criação do *Rock and Roll* nos anos de 1950 e dos movimentos estudantis nos anos de 1960. Constitui-se numa geração que adotou uma postura

contestatória frente aos valores da tradição, tendo o movimento *hippie* e a luta pela paz – diante da guerra do Vietnã e dos momentos de tensão produzidos pela corrida nuclear - como os ícones de sua representação.

Nos anos de 1970, eles alcançaram a maturidade como uma geração treinada para a liderança das empresas e da política. Segundo Santos (2011), eram indivíduos que, nascidos num período de crescimento econômico acelerado, se fizeram profissionais otimistas, preocupados com a carreira e a ascensão profissional.

Chegaram assim aos anos de 1980 e 1990 na condição de geração de comando da política, dos negócios e das empresas – Bill Clinton (1946) e Bill Gates (1955) são exemplos. Os representantes dessa geração deram características particulares às formas de fazer política e de dirigir as empresas. Como líderes de movimentos estudantis, dos direitos civis, das mulheres, dos homossexuais e de uma cultura de liberdades nos anos de 1960, eles levaram sua liderança às instituições da política e às organizações empresariais.

Sexagenários (ou quase) chegam aos anos 2000, vivendo a falência dos sistemas de seguridade social e previdência, testemunhando o desemprego amplificado pelas condições de crise das economias ricas e vendo-se cada vez mais ameaçados e atordoados pela velocidade da inovação tecnológica e pela competência tecnológica da geração que os sucedeu.

A geração sucessora à geração dos *boomers* é chamada de Geração X. Nascida entre os anos de 1964 e 1982, ela foi chamada de juventude competitiva por Veloso, Dutra e Nakata (2008). Nos países ricos,

particularmente nos EUA, é representada por filhos únicos e/ou de pais divorciados, que foram educados com os seus pais exercendo atividades profissionais fora do ambiente da casa.

A preocupação com o bem estar, herdada da geração *boomer*, faz os “Xs” seguirem os passos desta na qualificação e na promoção profissional, o que os torna mais independentes. Eles buscam mais cedo, e frequentemente, as alternativas do morar fora de casa ou do trabalhar. Trata-se de uma geração que já nasceu consumindo a televisão em cores, as transmissões ao vivo e via satélites, as ligações DDD, o fax, vivenciando o nascer e o óbito dos videocassetes, ouvindo as primeiras músicas nos discos de vinil e tornando-se consumidora contumaz dos CDs e DVDs.

A Geração X teclou as primeiras palavras em máquinas de datilografar, algumas ainda exclusivamente mecânicas, mas formou-se, nos cursos técnicos e superiores, nas linguagens da informática, constituindo a primeira geração que verdadeiramente dominou os computadores e representou a Era da Informação.

Nesse sentido, coloca-se como uma geração tecnicamente muito experiente, para a qual o trabalho em equipe passa a ser valorizado, com a tecnologia reduzindo a importância das hierarquias e ampliando as relações cooperativas nos processos de trabalho.

No que se refere à relação com as organizações, a Geração X apresenta um apego menor a elas que a Geração dos *boomers*, apresentando-se mais leal à carreira e à profissão. Qualificada pelas novas tecnologias, ela as usou

no seu desenvolvimento profissional e não enfrentou problemas ao incorporá-las no seu cotidiano. A internet e a telefonia móvel são para essa geração, um instrumento de acesso à informação que eles ainda conheceram, superando a distância que os separava das bibliotecas e livros. Nos usos da Internet, a Geração X, tal qual a geração dos *boomers*, não tem a versatilidade das gerações posteriores, pois seus usos se limitam ao e-mail, às transações bancárias, à busca de informações profissionais ou sobre saúde e a algumas compras on-line.

A Geração Y, os nascidos entre 1982 e 1993, configura-se como a primeira geração que já foi concebida nos marcos de um mundo informacional. Esses jovens nasceram às vésperas da era da internet e da aceleração dos estímulos à criatividade e à comunicação. São a geração do imediato. Os mais jovens já foram alfabetizados em teclados de computadores, suas possibilidades de acesso à informação e ao conhecimento deixaram de serem passivas e unidirecionais – os pais, o professor, o livro, a televisão – para se tornarem ativas e multidirecionais – a internet, a telefonia móvel.

A geração que se fez a partir da acessibilidade à informação consolida-se pela portabilidade, ou seja, mais importante que o acesso está a capacidade de fazê-lo a partir de qualquer local e em qualquer tempo. A portabilidade é o instrumento que cria a necessidade do imediato, do resultado.

É uma geração que se fez sob um novo padrão de organização familiar que não se representa mais necessariamente pelas figuras do pai e da mãe presentes. Esta característica, que era fato ainda pouco frequente na Geração

X, torna-se marcante entre os “Ys”. Muitos conviveram com irmãos de pais diferentes, madrastas, padrastos, companheiros (as) de pais e mães.

Essa Geração contaminada pela busca do sucesso profissional exemplificado pelos pais – a Geração X - terá, desde os primeiros anos de vida, uma agenda de atividades que envolvem a escola, a prática de esportes, a língua estrangeira e outras que as transformam em crianças que não têm tempo para ser crianças, ou seja, em jovens-adultos.

A intensidade dos compromissos e a portabilidade oferecida pelas novas tecnologias criam uma juventude que aprecia o fazer várias coisas ao mesmo tempo, o compartilhar suas ações, pensamentos, sentimentos, em busca de desafios e oportunidades. Não se pode afirmar se conservadora ou progressista – um pouco dos dois -, mas aberta à diversidade e ao convívio com a diferença já desde dentro de seus lares. Trata-se de uma juventude que convive bem com as diferenças étnicas, religiosas e de gênero.

A geração Y ingressa, na primeira e na segunda década dos anos 2000, no mercado de trabalho, e a facilidade com que lidam com as novas tecnologias coloca oportunidades e desafios a serem vencidos. Engelmann (2009) apresenta a ideia de que o ambiente virtual cria, sobre essa geração, uma nova maneira de pensar. Com um pensamento organizado a partir do hiperlink, ela exercita com mais intensidade a relação entre o geral e o particular, entre o global e o local, tornando-se muito mais competitiva em suas carreiras profissionais.

Aqui se pode argumentar que o grande volume de informações construiria um pensamento mais difuso e generalista com dificuldades de produzir uma construção sistêmica. No entanto, o que se vê é uma geração mais preparada para os desafios do mercado de trabalho e para a construção de uma sociedade a partir do compartilhamento de relações que se processam do virtual para o real e vice versa.

Tomando como referência alguns aspectos da vida cotidiana dessas várias gerações discutidas e exemplificadas, podemos explicitar no Quadro 1 as diferenças mais marcantes entre elas.

QUADRO 1 - COMPORTAMENTO DAS GERAÇÕES VIS-A-VIS ASPECTOS DA VIDA SOCIAL

ASPECTOS	GERAÇÕES		
	BABY	GERAÇÃO X	GERAÇÃO Y
PERÍODO DE NASCIMENTO	1946 – 1963	1964 - 1982	1982 - 1993
FAMÍLIA	TRADICIONAL	TRANSIÇÃO	DIVERSA
EDUCAÇÃO	TRADICIONAL	INFORMÁTICA	INFORMACIONAL
FILHOS	3	1 a 2	1 a 0
CARREIRA	EM REGRA	APEGO À	VERSATILIDADE
ESCOLA	TRADICIONAL	INFORMATIZADA	CONECTADA
INFORMÁTICA	ENGAJAMENTO	INSTRUMENTO	FATO
CULTURA	LIBERTARIA	DESPOJADA	CIBERCULTURA

FONTE: CAMACHO, J. F. (2013)

Como observamos no Quadro 1, as diferenças geracionais nos levam a uma Geração Y, particularmente aqueles nascidos a partir dos fins dos anos de 1980, que já vivem a sua infância num ambiente e numa sociedade modificada pelas TICs. Na família, ela se distanciou das gerações anteriores, na medida em que, está inserida em unidades familiares menores e organizadas das mais diversas maneiras – inclusive por pais do mesmo sexo. Num outro aspecto, a carreira profissional e a fidelidade à empresa também sofrem sucessivas transformações. Os *boomers* tiveram uma maior fidelidade às instituições, enquanto os “Ys” são a geração da autonomia e da versatilidade profissional,

sendo hoje os iniciantes no mercado de trabalho que criam novos modos de organizar o trabalho numa virtualidade compartilhada.

A cultura é outro elemento importante de diferenciação entre as gerações. A cultura libertária dos *boomers*, desenvolvida num ambiente de crescimento econômico, favorece à Geração posterior condições de bem estar e de acesso a uma gama de bens que gradualmente incorporam as tecnologias da microeletrônica e da informática – os videogames e walkmans substituem a televisão e os relógios da geração anterior.

À Geração Y coloca a inserção cultural num outro ambiente, a Cibercultura. Segundo Pierre Levi (1997), esta se associa ao mundo virtual de duas maneiras diferentes. De maneira direta, na medida em que se representa pela digitalização da informação e sua consequente virtualização através das possibilidades de ser copiada e transferida para uma rede e, de maneira indireta, com a criação de redes digitais que permitem uma interatividade de maneira simples, ou seja, as informações copiadas e/ou transferidas para qualquer dispositivo de armazenamento e depois postadas nas redes digitais podem ser facilmente lidas, copiadas e modificadas por outros usuários. Essa interatividade característica das redes digitais, também destacada por Levy (1999), apresenta-se através das possibilidades do multidíálogo, ou seja, a capacidade de resposta em tempo real que as redes podem oferecer. Cria-se, nesse sentido, um ambiente de comunicação e vivência que amplia os condicionantes elementares – família, relações de grupo, história - de formação da cultura.

Outro aspecto importante a se considerar a respeito da Geração Y diz respeito aos sistemas de educação. Na realidade, não se pode dizer que essa geração tenha recebido fortemente a influência de sistemas de educação virtuais; ao contrário, embora, para os mais novos, a tecnologia tenha sido uma companheira desde os jogos da infância, ela não se constitui num instrumento a revolucionar o modelo de escola e de formação profissional vigente. O que de fato ocorre é uma transição de um modelo tradicional – constituído por livros, professores, quadros - a um modelo de escola à distância, de salas informatizadas e, principalmente, de alunos conectados e realizando múltiplas atividades.

Segundo pesquisas realizadas pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos, crianças que usam programas online nos seus processos de formação registram pontuação nove pontos acima da média geral, o que os qualifica como indivíduos multitarefas. O conhecimento de uma ou mais línguas estrangeiras e a alfabetização através de mídias digitais possibilitam aos jovens da geração Y, ao mesmo tempo em que estudam ou assistem aulas, lerem notícias na Internet, ouvirem músicas, visitarem páginas nas comunidades sociais, conversarem com os amigos através do celular ou do skype, MSN e outros. Assim suas relações com a educação, a escola e a formação profissional constituem-se através de indivíduos multitarefas que vivenciam um compartilhamento permanente de seu cotidiano. (Figura 22)

FIGURA 22 – AS GERAÇÕES E SEUS SÍMBOLOS



FONTE: <http://cafeeconteudo.blogspot.com.br/2009/12/geracao-y.html>

Segundo Castells (2004), os aprimoramentos dos processos de aprendizagem virtual significam uma mudança de paradigmas no sistema educacional que colocam em questão a escola tradicional, a sala de aula e o professor. As primeiras experiências de aprendizagem virtual ocorrem a partir de 1995, quando o desenvolvimento da *World Wide Web* possibilita o surgimento de escolas e cursos virtuais e ainda a adaptação dos cursos tradicionais aos processos de aprendizagem eletrônica. Cria-se, nesse sentido, uma aprendizagem cooperativa em que a presença não se faz como uma condição *sine-qua-non*. Segundo Castells (2004),

“El aprendizaje virtual ofrece a profesores y estudiantes la oportunidad de organizar la enseñanza y el aprendizaje de manera radicalmente diferente. Ni uno ni otros tienen que estar (siempre) presentes en el aula. Pueden libertarse de la necesidad de estar en lugar específico y en un tiempo determinado.” (CASTELLS, 2004, 351)

Concluimos que, nas relações juventude e internet, os temas educação e novas tecnologias impactam diretamente e de maneira diferente sobre as Gerações X e Y. À primeira, caberá a necessidade de se formar nas novas linguagens, modificando metodologias de exposição que incorporem as inovações e passando a realizar um sobretrabalho no remodelamento de suas aulas e preparação de materiais adequados à expansão de uma aprendizagem virtual.

Educados sob um modelo de educação tradicional, eles serão educadores de uma aprendizagem virtual. Assumem o sobretrabalho da repreparação de conteúdos, planificações e metodologias no sentido de fazer a conexão conhecimento – alunos num modelo de virtualidade real.

Entretanto, nem tudo são problemas para a Geração X. Formada pelas novas tecnologias de comunicação e de informação, ela apresenta capacidade de adaptar-se e desenvolver processos de aprendizagem cooperativos e transdisciplinares. O desenvolvimento destes é condicionado pela presença de uma equipe que proporcione, através da convivência de diferentes habilidades e competências, a sua realização.

Para a Geração Y, o impacto das tecnologias de comunicação sobre os processos de ensino – aprendizagem será diferente, pois eles serão os educados por essas novas tecnologias de comunicação e de informação, e sua

capacidade cognitiva será construída de maneira aberta à informação, apresentada de maneira caleidoscópica. Sofrerão, por isso, a tentação do permanente do uso dessas informações em todos os momentos do dia e para a realização de um conjunto diferente de atividades. E, claro, serão continuamente censurados pelo seu uso exagerado.

Tal geração convive com um absorver da informação de maneira diferenciada, reduzindo os estímulos que a escola e o professor produziram para a geração X. No turbilhão de informações recebidas, não haverá tempo para transformar todas em conhecimento, mas isso não será uma peculiaridade dessa geração, pois, nas gerações anteriores, também a informação esteve além da capacidade de transformá-la em conhecimento. O que é diferente agora é o volume e a velocidade com que a informação nos chega.

Aqui se coloca a necessidade de destacar que essa discussão geracional é apropriada para compreendermos o comportamento de parcelas, em alguns casos, expressivas, da população jovem do mundo rico, mas não pode ser generalizada ao conjunto dos países pobres. As desigualdades econômicas contribuem para construções culturais diferenciadas, ainda que, de alguma maneira, influenciadas pelos movimentos ocorridos nos países ricos.

Segundo a UNESCO (2009), as novas TIC podem contribuir para o fortalecimento e para o planejamento e a gestão da educação, ampliando o acesso à aprendizagem, melhorando a qualidade desta e contribuindo para a redução das desigualdades nos países mais pobres.

A realidade da formação geracional no Brasil reflete as desigualdades do desenvolvimento econômico e do processo de urbanização acelerada e de transição demográfica da população brasileira. Enquanto nos países ricos produzia-se, nos anos de crescimento econômico do pós-guerra, a geração dos *baby bommers*, o Brasil vivia a construção de uma sociedade urbana com todas as suas carências para o grande conjunto da população, convivendo com um processo de crescimento acelerado da população em consequência da manutenção de elevadas taxas de natalidade associadas a condições de redução das taxas de mortalidade.

Constituímos a partir dos anos de 1950 um país de jovens, e a geração dos “*boomers*” brasileira – embora não seja correta a utilização desse termo aos nascidos nos países subdesenvolvidos -, vai viver os anos de 1960, tornando-se gradativamente uma geração urbana e recebendo a influência dos movimentos de contracultura e de contestação que caracterizaram a década. Na música, no teatro e nos movimentos sociais, essa geração foi a inspiração para a Geração X nacional.

A Geração X brasileira terá sua formação num ambiente de generalização do consumo de massa. Os anos de 1960 e 1970 significam momentos de crescimento da economia, de integração do território pelos sistemas de comunicação e, através deles, de formação de uma geração quase que integralmente urbana e receptiva a essa modernidade.

O modelo tradicional de família e escola ainda será marcante para essa geração. A maioria ainda conviverá com a presença do pai e da mãe no

ambiente da casa, estudarão em escola pública e alguns poucos privilegiados chegarão ao ensino superior. Foi uma geração que ainda presenciou o funcionamento de calculadoras e máquinas de datilografia mecânicas, mas viu a sua substituição rápida por correspondentes elétricas e, pouco mais de uma década, por teclados de computadores.

A Geração X brasileira teve que se reinventar, ou seja, aprender um conjunto novo de tecnologias que modificavam as relações familiares, pessoais e profissionais e permanentemente a colocava em confronto com a geração posterior. Nascida no ambiente urbano, ela foi a responsável pela renovação do rock nacional dos anos de 1980, viveu a redemocratização do país e iniciou-se na atividade profissional num momento de intensa transformação das formas de organização do trabalho e da produção.

As diferenças na Geração Y (os nascidos entre 1982 e 1993) entre os países ricos e o Brasil serão menos marcantes. Estabelecida no início dos anos de 1980, tal geração será atingida com uma maior simultaneidade pelas inovações e mudanças de comportamento, além de já ter convivido com modelos familiares menos tradicionais.

Para a geração anterior, a presença da televisão e do telefone em casa ainda eram sinônimos de distinção social; para a Geração Y, a presença de mais de uma televisão e do computador passaram a realizar esse papel. Os nascidos na segunda metade dos anos de 1980, já podem se considerar como uma geração de nativos de um mundo informacional.

A juventude que dá como pressuposto a presença da Internet e não imagina um mundo sem a sua existência cresceu vivendo a expansão da telefonia móvel, transformando-a na sua permanente ferramenta de comunicação. A convivência desde a infância com as TICs torna os jovens sujeitos ativos nos usos desses instrumentos.

Eles estão mais acostumados a consultas e contatos rápidos, a falar em tempo real na rede com seus amigos e a estabelecer novas relações com desconhecidos. Além disso, usam os seus telefones móveis com telas sensíveis ao toque para obter a informação de que necessitam seja para o lazer, seja para as relações sociais, seja como ferramenta de trabalho.

Os nativos digitais ou a geração Web converteram-se em protagonistas da era da informação, participando de maneira ativa na produção e reprodução dessa informação, abastecendo a rede de conteúdos e apresentando-se não apenas como sujeitos receptivos, mas principalmente como reativos e criativos.

Essa qualidade comum – a quase permanente interatividade apresentada pelos mais jovens da Geração Y e pela Geração Z, aqueles nascidos a partir de 1994 - estende-se de maneira intensa sobre o mundo subdesenvolvido, há menos de vinte anos do surgimento da Web e menos de dez anos da Web 2.0 (banda larga). Segundo a UIT, União Internacional de telecomunicações, a China coloca-se como o país com o maior número de usuários da Internet. Dados da Instituição mostram que, no mundo em 2000, havia 250 milhões de usuários de Internet, em 2010, esse número ultrapassou os 2,0 bilhões de usuários.

3.2 - O Brasil e suas gerações da Internet

No Brasil, a realidade não é diferente. Segundo a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil de 2008, realizada pelo Cetic.br, um quarto dos domicílios brasileiros possui computadores e desses 71% possuem acesso a Internet. Nessas condições, a juventude brasileira conta com 10 milhões de lares conectados à rede mundial. Segundo dados do IBOPE/Net ratings, os usuários da Internet corresponderiam, no final de 2012, a um total aproximado de 72 milhões de brasileiros.

Na distribuição desses usuários por faixas etárias, a maioria está colocada entre as faixas de 15 a 35 anos, o que os qualifica como representantes das gerações que, como já discutimos, absorveram de maneira mais intensa as inovações tecnológicas. Segundo a PNAD (2010), em termos regionais, o acesso apresenta grandes desigualdades. Enquanto o Norte e o Nordeste apresentam uma intensidade de uso de pouco mais de 10% da população com mais de 10 anos de idade, o Sudeste, o Sul e o Centro-Oeste verificam proporções de acesso acima da casa dos 20%, sendo que, no caso do Centro-Oeste, essa participação é elevada pela participação do Distrito Federal, que apresenta uma taxa de acesso acima dos 40% para a população destacada.

No conjunto da população acima de 10 anos de idade, o uso da internet é mais intenso entre os jovens de 15 a 17 anos de idade – com 34,6% de participação. Quando estendemos esse grupo às faixas de idade que corresponderiam às Gerações Y e Z, ou seja, tomando todos aqueles que na

data da pesquisa tinham idades maiores que 10 e menores que 30 anos de idade, o acesso à internet encontra-se, para todas as faixas de idade, acima da média nacional.

A pesquisa ainda revela que o acesso à internet para a faixa de idade de 10 a 14 anos (24,4%) é superior ao acesso realizado pela faixa de idade acima dos 30 anos (21,3%). Embora apresentem uma discrepância pouco significativa, esses números são reveladores na discussão dos impactos das TICs sobre as gerações.

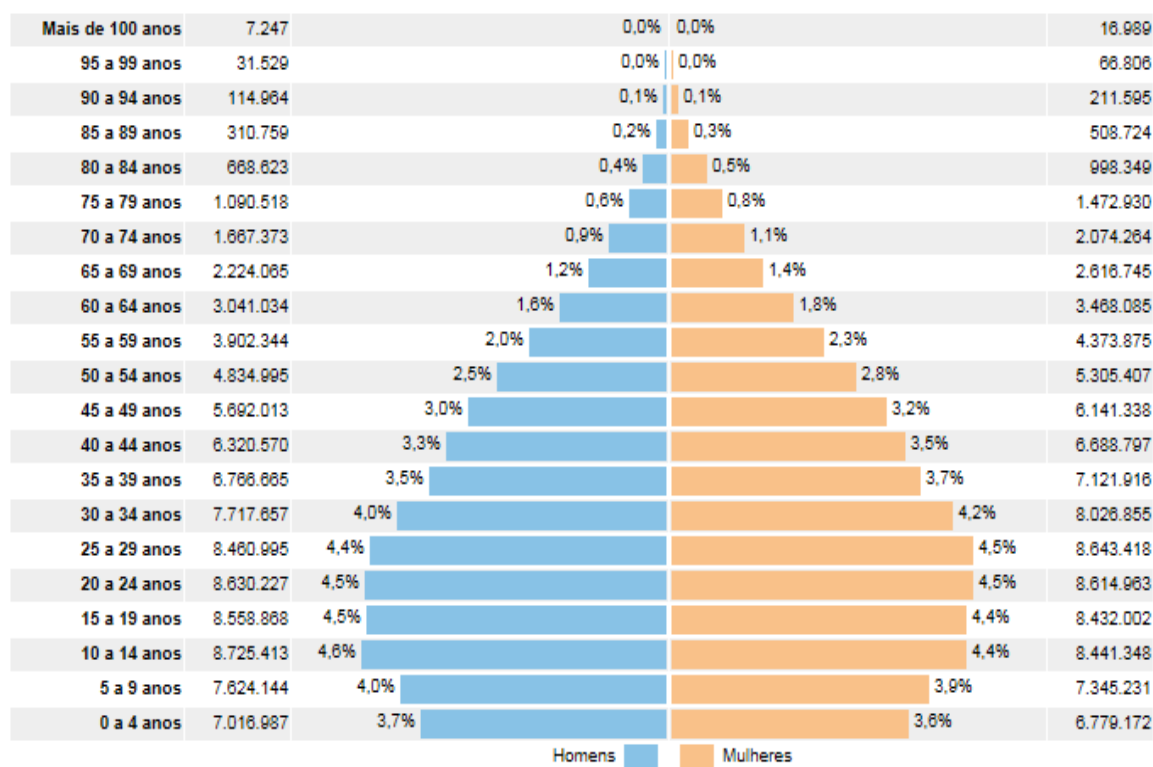
A faixa com idades superiores aos 30 anos e inferiores aos 40 anos corresponderia, na sociedade brasileira, à parcela da população constituinte da Geração X. Nela se verifica que o uso da internet cai acentuadamente quanto maior a idade, o que confirma a conclusão de que essa geração, quando absorveu o uso das TICs, já tinha alcançado a maturidade.

Analisando o grupo representante das Gerações Y e Z, observa-se a sua capacidade e sua disponibilidade para, diante da consolidação da Internet, dar-lhe usos diversificados. Quando, no entanto, comparamos essas gerações no Brasil com as correspondentes nos países ricos, há profundas diferenças. Nesses países, os jovens já constituem uma minoria da população, e as políticas públicas garantiram à maioria condições de acesso à modernidade proporcionada pelas TICs.

No Brasil, a transição demográfica tardia nos coloca com uma grande parcela de jovens na população. Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), Figura 23, são aproximadamente 45 milhões de jovens colocados nas

faixas etárias de 15 a 29 anos de idade, o que corresponde a aproximadamente 23% da população brasileira. Esses jovens demandam escola, lazer, cultura, informação, emprego e têm, de maneira muito desigual, sido atendidos. São em torno de 73% inseridos no mercado de trabalho - trabalhando ou à procura de trabalho. Desses 73%, apenas 18% conseguem conciliar a atividade de trabalho com atividades de estudo, e apenas 14% só estudam.

FIGURA 23 – BRASIL - PIRÂMIDE ETÁRIA – 2010



FONTE: IBGE, Censo Demográfico/2010.

Essa realidade se torna especialmente dramática para o jovem brasileiro, na medida em que ele vai sendo exposto a condições de competição cada vez maior em escala global sem dispor de ferramentas que o possibilitem realizá-la. São decisões próprias da juventude, estudar ou trabalhar, casar ou

continuar morando com os pais, ter filhos, constituir um patrimônio. Tais decisões contribuem para a construção de valores, atitudes e preferências que possibilitem a formação de uma personalidade num momento de experiências positivas, mas também para um conjunto de riscos que diferenciam a sua condição de adulto.

As condições das Gerações X e Y na juventude brasileira apresentam preocupantes obstáculos quando comparada às dos jovens dos países ricos, onde a juventude contou com amplas possibilidades de acesso aos serviços essenciais. Nessa comparação, adiciona-se um elemento representado pela necessidade cada vez maior da formação de um capital social para a gestão dos processos produtivos e das organizações da sociedade. Em outros termos, a preocupação com a juventude passa a ser fundamental para a criação de condições tanto de uma economia competitiva, quanto de uma sociedade inserida nessa Era da Informação.

Diante dessa realidade, nunca se fizeram tão necessários os investimentos sobre a juventude. Superar o círculo vicioso da pobreza e da incapacidade da inserção no mercado de trabalho significa pesados investimentos em educação, que devem ser realizados prioritariamente nas duas pontas desse setor, ou seja, na universalização da educação infantil – que com creches e escolas maternas ofereçam a possibilidade dos pais exercerem as atividades de trabalho melhorando a renda das famílias – e na garantia de conclusão do ensino médio e acesso ao ensino superior, de maneira a qualificar as novas gerações às necessidades do mercado de trabalho.

Um passo importante na direção dessa incorporação do jovem à realidade das políticas públicas foi a aprovação, em 2010, da PEC da juventude. Tal proposta, além de acrescentar a expressão “Jovem” ao Capítulo VII, Título VIII da Constituição Federal, exige a implementação de um Estatuto da Juventude e de um Plano Nacional da Juventude, a ser executado nos próximos 10 anos, pelos governos federal, estaduais e municipais.

A aprovação dessa proposta de emenda constitucional foi precedida da criação do Conselho Nacional da Juventude em 2005, que também instituiu a criação da Secretaria Nacional da Juventude e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens. Tais políticas ocorrem pela necessidade e mobilização da população brasileira em torno de uma resposta dos governos à nova realidade demográfica, mas também em razão do interesse do próprio jovem de ver garantido seus direitos civis, entre eles, ter a possibilidade de acesso à saúde e condições de saneamento que lhe garantam uma vida saudável, ter um lar em que o convívio da família seja um formador de valores para a sua maturidade, ter condições de educação e formação profissional que lhe garantam acesso ao mercado de trabalho, ter oportunidades de primeiros empregos que lhe ofereçam possibilidades de demonstração de suas competências, ter áreas de lazer e convívio social que lhes ofereçam as possibilidades de ampliar seus laços de relações e, com isso, incluir-se na Sociedade Rede.

Segundo o Instituto Ibase/Polis (2005), 57% dos jovens tem interesse e disponibilidade para se encontrar com outros jovens e dialogar sobre problemas relativos a juventude. Não encontramos números mais atualizados para essa estatística, mas quando a relacionamos à expansão dos usuários da

internet e da telefonia no Brasil e à fidelidade dos usuários brasileiros à participação em comunidades sociais – 87% dos usuários participam de ao menos uma - e, ainda considerando a grande participação do público jovem no uso das TICs, podemos concluir com certeza que, em 2013, a porcentagem dos jovens que se relacionam com outros jovens em torno de assuntos da juventude é muito superior.

As recentes mobilizações ocorridas em um grande número de cidades brasileiras são uma das demonstrações dessa maior interação entre a juventude, posto que elas surgiram convocadas por bandeiras do movimento de estudantes – a luta pelo passe livre e a redução das passagens de ônibus nas grandes cidades -, foram convocadas através das comunidades sociais e incorporaram outras bandeiras da sociedade e da própria juventude.

Segundo pesquisa realizada pelo IBOPE com 2000 manifestantes de diversas capitais, 38% dos manifestantes foram mobilizados em torno dos temas do transporte público e outros 30% foram sensibilizados pelos temas da política – especialmente o combate à corrupção. Em relação ao perfil desses manifestantes, a pesquisa aponta outros números reveladores: 52% são estudantes, 43% tem ensino superior completo, 43% têm menos de 24 anos – são representantes das gerações Y e Z--, 93% não se sentem representados por qualquer partido político, 49% tem renda superior a 5 salários mínimos.

A análise desse perfil permite-nos afirmar que as manifestações foram um momento de particular demonstração do papel das redes sociais na mobilização de parcela da sociedade. O perfil desses manifestantes revela um

público constituído por jovens das Gerações *webizadas* pelas novas TICs. O Scub, empresa de monitoramento de redes sociais, revela que esses manifestantes que utilizaram as redes sociais são, em sua maioria, jovens do sexo masculino, que não consideram mais os ícones revolucionários de seus país, apreciam o rock como estilo musical, protestam contra tudo – o que revela uma descrença nas instituições e organizações da política e o reconhecimento, nas comunidades sociais, da trilha que essas pegadas digitais percorrerão na organização de um novo modelo de sociedade.

3.3 – AS POLÍTICAS PARA A JUVENTUDE NO BRASIL

Segundo Pistori (2012), o tema da juventude no Brasil tem sua importância ampliada na medida em que um conjunto de políticas públicas passam a ser implementadas. O estabelecimento dessas estaria relacionado a quatro fatores: a magnitude dessa faixa de idade no conjunto da população brasileira (FIGURA 23), a condição de sujeitos e vítimas da maioria dos problemas e da violência urbana, o fato de ser essa faixa de idade mais intensamente submetida às instabilidades emocionais e de inserção no mercado de trabalho e a sua importância como agentes de transformação da sociedade e da atividade econômica.

Segundo Pistori (2012),

“Este enfoque, via de regra, assinalou a juventude como um momento crucial para interiorização de valores, normas e comportamentos, sendo a chave para a continuidade social. Portanto, a ênfase da sociologia funcionalista no tema da juventude recaiu sobre o processo de socialização vivido pelos jovens e sobre as possíveis disfunções nele encontradas. Como a juventude é pensada como um

processo de desenvolvimento social e pessoal de capacidades e ajuste aos papéis adultos são as falhas nesse desenvolvimento e ajuste que se constituem em temas de preocupação social. É nesse sentido que a juventude só está presente para o pensamento e a para a ação social como “problema”: como objeto de falha, disfunção ou anomalia no processo de integração social; e, numa perspectiva mais abrangente, como tema de risco para continuidade social. Assim, não é por acaso que a problematização é quase sempre moral. É nesse sentido também que na maior parte das vezes a problematização social da juventude, como nos demonstrou Abramo (1997), é acompanhado do desencadeamento de uma espécie de “pânico moral” que condensa os medos e angústias relativos aos questionamentos da ordem como conjunto coeso de normas sociais”. PISTORI (2012:63)

Numa outra perspectiva Pistori (2012) aponta a juventude como agente de transformação social e, no caso da Geração Z, como portadora de “uma energia individual e coletiva naturalmente disponível a inovação e mudança”. Aqui entendemos que essa compreensão se enquadra na análise das recentes manifestações ocorridas no Brasil, ou seja, a juventude dos anos de 1990 torna-se, através das ferramentas criadas pelas novas TICs, em agentes de uma transformação da política e da sociedade.

A referência ao termo juventude deve ser considerada de maneira mais ampla que os limites etários quando tomamos as mobilizações pelo Brasil e pelo Mundo. Segundo a Lei 11.129/2005 são considerados jovens todos aqueles da população brasileira entre 15 e 29 anos, ou seja, numa classificação a partir de gerações, esses corresponderiam às gerações Y e Z. Essa conceituação não encontra unanimidade quando se compara a juventude dos outros países. (Tabela 5)

TABELA 5 - CLASSIFICAÇÃO DA JUVENTUDE SEGUNDO DIFERENTES PAÍSES LATINO AMERICANOS (2004)

PAÍSES	FAIXA ETÁRIA	PAÍSES	FAIXA ETÁRIA
Argentina	14 a 30 anos	Guatemala	15 a 25 anos
Bolívia	15 a 24 anos	Honduras	25 anos ou menos
Brasil	15 a 29 anos	México	12 a 29 anos
Chile	15 a 29 anos	Nicarágua	18 a 30 anos
Colômbia	12 a 26 anos	Panamá	15 a 29 anos
Costa Rica	12 a 35 anos	Paraguai	15 a 29 anos
Cuba	15 a 29 anos	Peru	15 a 24 anos
El Salvador	7 a 18 anos	República Dominicana	15 a 24 anos

FONTE: PISTORI, E. (2012:69)

Dessa maneira, compreendida em uma faixa etária com um intervalo de 15 anos de idades, torna-se difícil falar em uma única juventude. Segundo a UNESCO em um trabalho com o título “Juventude, Juventudes: o que une e o que separa” a existência de uma diversidade de situações existenciais torna imprecisa a designação da juventude a partir de uma faixa etária. Nesse aspecto, é mais apropriado que se considere a passagem para a vida adulta, a partir de uma condição de construção de uma autonomia profissional e emocional que, em razão das transformações da sociedade atual, tem avançado sobre idades que antes representavam a faixa de adultos da população.

Ocorre, como trata Sposito (2004), uma descronologização da condição juvenil, a transformação e a crise das instituições tradicionais da sociedade têm promovido mudanças no momento da passagem da infância à juventude e, dessa, à vida adulta. Essa passagem que estava representada pela inserção do jovem no mercado de trabalho e pela sua saída da casa dos pais com a constituição de uma nova família tem sido alterada nas duas pontas dos limites etários da faixa representativa da juventude.

Para muitos, a realidade da necessidade de completar a renda da família exige a inserção no mercado de trabalho antes de se completar o ciclo de estudos do ensino médio e, em alguns casos até do ensino fundamental, antecipando, dessa maneira, o final da infância. Para outros, a constituição de uma família em razão da (pa)maternidade precoce antecipa o término da juventude; em muitos casos ainda, o insucesso dessas experiências afetivas precoces acaba representando o retorno desses jovens à casa dos pais e aos estudos como forma de promoção na atividade profissional.

O que se mostra, a partir dessa análise, é que as políticas públicas implementadas para as juventudes (Tabela 6) não foram suficientes para atender suas demandas, o que gera um sentimento de frustração quanto as suas possibilidades de futuro. Pistori (2012) destaca dois enfoques de políticas públicas implementas no período 2000-2010, o peso do enfoque da integração do jovem sobre o da sua autovalorização é um determinante para a criação de um sentimento de indignação.

TABELA 6 – RELAÇÃO ENTRE TEMATIZAÇÃO SOCIAL E ASPECTOS DA POLÍTICA

TEMATIZAÇÃO SOCIAL DA JUVENTUDE		
ASPECTOS DA POLÍTICA	Ator Estratégico do Desenvolvimento	Sujeito de direitos
Enfoque	Os Jovens	As relações entre as gerações
Problema Político	Exclusão dos jovens na sociedade	A desigualdade nas relações sociais adulto-jovem
Meta	Integração dos jovens na sociedade	Autonomia e autodeterminação dos jovens
Orientação Política	Reprodução da sociedade	Mudança Social e Política
Concepção de desenvolvimento	Produção de capital humano e capital social	Mudança Social e Política
Ênfase prioritária	Competitividade/modernização	Autoestima/capacitação
Valor ético	A experiência (como acumulação) do adulto	A experimentação (como Vicência) da cidadania
Políticas a serem adotadas	Integração	Autovalorização

FONTE: PISTORI, E. (2012:74)

A tradição de se implementar políticas públicas para a juventude brasileira, mesmo que intensificada nos últimos dez anos, remonta, ainda que de forma débil, à década de 1950. Segundo Spósito y Carrano (2003), poderia se periodizar desde ações, imagens e orientações de políticas públicas para a juventude a partir de quatro modelos de políticas que se sobrepuseram em alguns períodos.

O período 1950 – 1980, caracterizado como um momento em que o jovem é encarado como problema pelas políticas de Estado, orienta-as a programas de educação e uso do tempo livre (entre 1950-1980). Essas políticas são influenciadas por um momento de grandes transformações na composição etária da população brasileira que passa a apresentar um crescimento do número de jovens, assim as políticas nesse modelo, associam a necessidade de minimizar a condição do jovem visto como problema através da possibilidade de construí-lo como futuro através de políticas de educação e uso do tempo livre.

Um segundo modelo de políticas que se sobrepõe temporalmente ao primeiro, ocorre no período 1970 – 1985, influenciado por um jovem urbano e que deve ser inserido na atividade produtiva, dessa maneira, as políticas se dirigem a programas de qualificação profissional como alternativa de inserção no mercado e, ao mesmo tempo, controle social dos jovens.

O terceiro modelo discutido por Spósito y Carrano (2003) e periodizado entre 1985 e 2000, corresponde a um conjunto de políticas dirigidas ao enfrentamento da pobreza e redução da criminalidade que refletem novas

dinâmicas na população – redução de seu ritmo de crescimento; na economia – tentativas diversas de estabilização econômica até 1994; e na política – um processo de redemocratização que estimula o movimento social organizado. Sobrepondo-se a esse modelo, no período 1990 – 2000 prevalecem às ações dirigidas aos jovens excluídos na direção de sua inserção no mercado de trabalho.

Para Spósito y Carrano (2003:04),

“Vive-se a simultaneidade de tempos no debate sobre a juventude, o que faz a convivência, muitas vezes dentro de um mesmo aparelho de Estado, de orientações tais como as dirigidas ao controle social do tempo juvenil, à formação de mão-de-obra, e também as que aspiram à realização dos jovens como sujeitos de direitos. No que pese o maior ou menor predomínio de determinada tendência ao longo da história, algumas formulações em torno dos segmentos juvenis e da juventude têm sido mais fortemente reiteradas nos últimos anos.”

A simultaneidade de tempos no debate sobre a juventude coloca-se pelas múltiplas necessidades criadas aos jovens pelo mundo globalizado. É preciso a continuidade de políticas, de redução da exclusão social e melhoria das condições de vida, de qualificação e inserção no mercado de trabalho, de redução da violência e da criminalidade, mas, deve-se priorizar políticas de autovalorização e promoção do jovem que o encarem como um sujeito de direitos.

O marco mais recente no estabelecimento dos direitos juvenis se dá a partir da criação do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -, em julho de 1990, essa ação que estabeleceu políticas importantes a faixa da infância não conseguiu os mesmos êxitos quando se fala na juventude, esse resultado se

dá pelo fato de que a adolescência não pode ser demarcada por um limite etário.

“Se tomadas exclusivamente pela idade cronológica e pelos limites da maioridade legal, parte das políticas acaba por excluir um amplo conjunto de indivíduos que atingem a maioridade, mas permanecem no campo possível de ações, pois ainda efetivamente vivem a condição juvenil.”
SOPSITO Y CARRANO (2003)

Outro limite das políticas estabelecidas pelo ECA está no dirigismo de suas ações à crianças e adolescentes excluídos. Sem questionar os aspectos positivos dessas ações, elas, no entanto, excluem grande parcela de jovens que não se enquadram nos indicadores de exclusão, mas reclamam políticas de proteção. Abramo (1997) destaca essa insuficiência das políticas dirigidas à juventude.

“em contraste com a elaboração de informação, conceituação, pedagogias e metodologias específicas para lidar com a infância, que se começa a produzir no Brasil, em consequência de toda a movimentação em torno da defesa das crianças, quase não se encontram subsídios mínimos para um tratamento singularizados dos adolescentes, muito menos dos jovens. É quase como se, apesar de terem crescido o número de ações e programas destinados a adolescentes e jovens, eles continuem apenas desfocadamente visíveis, obscurecidos por uma sensação de que esta falta de instrumentos e “jeito” se deve ao fato de que a “adolescência é mesmo uma fase difícil” de se lidar.” ABRAMO (1997:27).

A autora ainda destaca que os projetos nas áreas de saúde, particularmente aqueles envolvendo sexualidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, são uma exceção a essa regra na medida em que priorizam o enfoque do jovem como sujeito de transformação.

Abramo (1997) aponta que, além de excluídos das prioridades das políticas, os jovens se excluem da própria participação na política, ou seja, se outrora os movimentos estudantis e as organizações partidárias dirigidas aos jovens tiveram representatividade significativa, a partir dos processos de redemocratização brasileira e de organização do espaço mundial sobre o signo das novas tecnologias da informação e comunicação o que se vê é um descrédito da juventude às organizações de representação da sociedade.

“A maior parte dos atores políticos queixa-se da distância que os jovens têm demonstrado para com as suas proposições, bandeiras e formas de atuação, o que reflete, em primeiro plano, uma preocupação com a renovação de quadros no interior dessas organizações, mais do que em tratar e incorporar temas levantados pelos próprios jovens. Essa preocupação vem acompanhada de um diagnóstico que identifica nos jovens um desinteresse pela política e de um modo mais geral pelas questões sociais, como resultado da acentuação do individualismo e do pragmatismo que se afirmam como tendências sociais crescentes, tornando-os “pré-políticos” ou quase que inevitavelmente “a-políticos”.” ABRAMO (1997: 27)

Entendemos que esse individualismo dos jovens que os torna avessos à política e suas representações tradicionais não necessariamente significa um desinteresse dessa faixa etária pelos problemas e alternativas coletivas de solução desses, mas, um descrédito às instituições oficiais da política que priorizam o interesse pelo jovem em razão da necessidade de reposição dos seus quadros em detrimento do entendimento do momento vivido pela juventude e da formulação de políticas adequadas a esse.

Esse descrédito manifesta-se por um novo modelo de ações que, embora reforcem o individualismo na medida em que se constituem através de uma espontaneidade natural desses jovens, representam a repulsa desses à

forma de política e a sua indignação diante da ineficiência das políticas dirigidas aos jovens.

“a presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas. No entanto, a maior parte dessas ações continua sendo relacionada aos traços do individualismo, da fragmentação e agora mais do que nunca, à violência, ao desregramento e desvio (os meninos de rua, os arrastões, o surf ferroviário, as gangues, as galeras, os atos de puro vandalismo). De certa forma há uma retomada de elementos característicos dos anos 50, na concentração da atenção nos problemas de comportamento que levam a situações de desvio no processo de integração social dos adolescentes (drogas, violência, envolvimento com a criminalidade e comportamentos anti-sociais). Fruto de uma situação anômala, da falências das instituições de socialização, da profunda cisão entre integrados e excluídos, de uma cultura que estimula o hedonismo e leva a um extremo individualismo, os jovens aparecem como vítimas e promotores de uma “dissolução do social”.
ABRAMO (1997: 31-32)

Nessa perspectiva, de promotores de dissolução social, a juventude não exerce o direito de ser reconhecida, ouvida e compreendida como faixa da população que deve ser sujeito da sua ação autônoma e de seus direitos. As políticas a ela dirigidas, ao priorizarem faixa etária e grau de exclusão, não reconhecem “as juventudes”. Essas, por sua vez, num planeta integrado pelas novas TICs, não se satisfazem apenas com políticas e ações relacionadas apenas a problemas juvenis; os governos autoritários, a corrupção e a crise econômica passam a ser também reclames dessas.

“Projetos e programas são concebidos na esfera federal – por servidores públicos e agentes de Ongs consorciadas – e executados por municípios que, ansiosos por verbas federais, não questionam diretrizes, métodos e metas pré-fabricadas. Por sua vez, as ONGs e demais grupos da sociedade civil acabaram por se conformar ao modelo proposto face ao pacote federal de ações. Muitas vezes,

buscaram, a partir das estreitas faixas de ação autônoma, imprimir contornos próprios mais próximos de seus objetivos institucionais. Por essas razões, como a realidade das cidades é mais complexa que as correias de transmissão da centralização política, há sempre a possibilidade de saídas locais tanto envolvendo a gestão criativa e participativa dos recursos, quanto para a reprodução dos velhos clientelismos políticos no trato com jovens “participantes” das atividades propostas por programas induzidos pelo poder central.” SPÓSITO Y CARRANO (2003: 23)

Spósito y Carrano (2003) apontam para uma das razões dessa ineficiência das políticas juvenis, conduzidos na forma tradicional de fazer política tais projetos não privilegiam a participação do jovem como sujeito, ao contrário, são considerados como objetos das políticas e essas acabam, na maior parte dos casos, reproduzindo “velhos clientelismos” que alimentam ainda mais o sentimento de indignação sobre aqueles excluídos dessas políticas.

Após o ECA, outro recente e importante momento nas políticas para a juventude dá-se a partir de 2004 quando, segundo Pistori (2012) por iniciativa pessoal do presidente Lula, cria-se um grupo interministerial para conceber uma Política Nacional para a Juventude, a partir das elaborações no interior desse grupo é criada, em 2005, a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ), o Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Tais iniciativas são consideradas um marco nas políticas à juventude na medida em que, através delas, pode-se elaborar e propor políticas (SNJ), acompanhar e avaliá-las (Conjuve) e executá-las através de um programa de inclusão (Projovem).

Segundo cartilha de políticas Públicas de Juventude organizada pela Secretaria Nacional da Juventude,

“Nesse período ampliou-se a visão do Governo Federal sobre a importância da juventude na construção da democracia e, particularmente, na formulação, validação e acompanhamento das PPJ, e o Estado avançou na superação da visão de “jovem problema” para o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos.” - SNJ (2013:09) acesso em 25/05/13.

É necessário reconhecer que, a partir de 2005, se tem um conjunto mais integrado de políticas que compreendem a juventude no seu conceito plural, a própria segmentação etária¹⁵ criada para orientar suas políticas reflete essa compreensão mais ampla dos problemas e aspirações de segmentos diferenciados dela.

Esse esforço de construir uma Política Nacional para a Juventude se materializou no ano de 2013 com a sanção do Estatuto Nacional da Juventude; em termos legais, o Estatuto passa a ser o instrumento de orientação das políticas à juventude dispondo, a partir dos princípios da autonomia – emancipação – valorização e promoção do jovem, sobre os direitos dos jovens à cidadania, à participação social e política, à representação juvenil, à educação, à profissionalização, ao trabalho, à renda, à saúde, à diversidade e igualdade, à cultura, à comunicação e à liberdade de expressão, ao desporto e lazer, ao território e à mobilidade, à sustentabilidade e ao meio ambiente, à segurança pública e ao acesso a justiça. O Estatuto ainda institui o Sistema

¹⁵ A SNJ estabelece a juventude como a faixa da população entre 15 e 29 anos de idade e a subdivide em: jovem-adolescente (15 a 17 anos), jovem-jovem (28 a 24 anos) e jovem-adulto (25 a 29 anos).

Nacional de Juventude – SINAJUVE, que distribui as competências das políticas juvenis por responsabilidades da União, dos Estados e Municípios.

Segundo Pistori (2012) esse esforço da regulamentação de políticas efetivas a juventude tem sido caracterizado pela sobreposição de um enfoque do jovem considerado como Ator Estratégico do Desenvolvimento sobre o enfoque dele considerado como um Sujeito de Direitos. O peso dos programas (Tabela 7) com ênfase na redução da exclusão, na integração e na maior competitividade do jovem frustra a expectativa deste ser, sujeito de direitos.

Segundo Pistori (2012:79),

“É preocupante a falta de investimento na juventude, evidenciada por fenômenos como as altas taxas de evasão escolar, as escassas oportunidades no mundo do trabalho, os índices alarmantes de homicídios entre jovens ou a dinâmica de reprodução de desigualdades centenárias entre as novas gerações, sugerindo que o país não está tirando o melhor proveito do bônus demográfico que sua “onda jovem” possibilitou”

TABELA 7 - PRINCIPAIS PROGRAMAS E PROJETOS DA POLÍTICA NACIONAL DE JUVENTUDE

Programa	Característica
PROJOVEM	Visa atender aos jovens entre 15 e 29 anos fora da escola e sem formação profissional. Criado a partir da integração de seis programas já existentes - Agente Jovem, Saberes da Terra, ProJovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica. Funciona nas modalidades ProJovem Adolescente, ProJovem Urbano, ProJovem Campo e ProJovem Trabalhador.
ProUni – Programa Universidade para Todos	Programa de concessão de bolsas de estudo de ensino superior para jovens de baixa renda.
Programa Livro Didático para Ensino Médio	Distribui materiais educativos para jovens estudantes do ensino médio.
PROEJA	Programa de educação profissional integrada ao Ensino Médio que tem como finalidade ampliar a oferta de vagas nos cursos de educação profissional a jovens e adultos que não tiveram acesso ao ensino regular.
Programa Alfabetizado	Brasil Promove a alfabetização para jovens acima de 15 anos. Os cursos são promovidos por instituições de ensino em um período de oito meses.
Projeto Rondon	Recruta jovens nas universidades para que desenvolvam, durante as férias, trabalhos voluntários em vários estados do país, nas suas áreas de estudo. Visa oferecer a esses estudantes a oportunidade de conhecer a realidade e contribuir para o desenvolvimento social e econômico do Brasil
Soldado Cidadão	Oferece cursos de capacitação e formação profissional para jovens recrutas prestando serviço militar.
Segundo Tempo	Promove o acesso de crianças e jovens-adolescentes da rede pública de ensino à prática esportiva, assegurando a eles complemento alimentar, reforço escolar e material esportivo.
Escola Aberta	Oferece atividades educacionais, esportivas, culturais e de lazer em escolas públicas do Ensino Médio e Fundamental, que são abertas nos fins de semana exclusivamente para atender a comunidade.
Pontos de Cultura	Implanta e moderniza espaços culturais, permanentes ou itinerantes.
Bolsa Atleta	Oferece bolsas mensais que variam de R\$ 300 a R\$ 2.500 durante um ano, com possibilidade de renovação para aqueles que se destacam em competições de nível estudantil e que ainda não tenham patrocínio.
Nossa Primeira Terra e Pronaf Jovem	Asseguram crédito e financiamentos com juros subsidiados para a compra de imóveis rurais, projetos de diversificação econômica e agregação de valor na agricultura familiar, para jovens de 18 a 28 anos que queiram permanecer no meio rural.
Programa Juventude e Meio Ambiente	Formação e fortalecimento de lideranças ambientalistas jovens em cinco eixos: educação ambiental, fortalecimento organizacional, educomunicação, empreendedorismo e participação política. A capacitação é feita na forma presencial e à distância.
Saúde do adolescente e do Jovem	O Ministério da Saúde, por meio da Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem, vem elaborando políticas nacionais integradas, principalmente com a participação juvenil, voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde de adolescentes e jovens, de forma a garantir uma atenção integral à saúde desta população. Isso significa reduzir as principais doenças e agravos, melhorar a vigilância à saúde e contribuir para a qualidade de vida destes 54 milhões de cidadãos brasileiros, na faixa etária entre 10 e 24 anos de idade.

FONTE: PISTORI. E. (2012:78)

Pistori (2012) ainda destaca que, para além da falta de investimentos tem-se uma política equivocada; na sua direção – que não é reconhecida com o devido status político e traz paradigmas de gerações anteriores – e, nos seus obtusos propósitos de realizar inclusão social e combate a pobreza, criando poucos mecanismos de autovalorização e emancipação.

Outro aspecto importante na orientação das políticas públicas para a juventude brasileira é a sua distribuição espacial pelo conjunto de cidades, dividindo-as em grupos de cidades a partir do tamanho demográfico e da sua dinâmica econômica, Pistori (2012), revela a grande concentração desses nas capitais e grandes cidades (Tabela 8); locais, não coincidentemente, das recentes grandes mobilizações.

TABELA 8 - TIPOLOGIA AGREGADA DAS CIDADES BRASILEIRAS, PROPORÇÃO QUANTITATIVA, POPULAÇÃO GERAL E POPULAÇÃO JOVEM.

TIPOLOGIA	NÚMERO DE CIDADES	POPULAÇÃO GERAL	POPULAÇÃO JOVEM (15 a 29 anos)
Grande Urbano (Centro Sul)	460 (8%)	78.265.935 (42,5%)	19.566.483 (40,7%)
Grande Urbano (Norte e Nordeste)	121 (2%)	28.178.845 (15,3%)	9.453.653 (19,7%)
Médio Urbano em Rural Próspero	323 (5%)	13.896.097 (7,5%)	3.196.103 (6,7%)
Médio Urbano em Rural Misto	806 (15%)	31.185.322 (16,9%)	7.484.477 (15,6%)
Pequeno Urbano em Rural Próspero	996 (18%)	7.291.523 (4,0%)	1.749.965 (3,6%)
Pequeno Urbano em Rural Misto	2.858 (52%)	25.366.542 (13,8%)	6.595.300 (13,7%)
	5.564	184.184.264	48.045.988

FONTE: PISTORI. E. (2012:129)

A Tabela 8 é esclarecedora para estabelecermos uma relação, que trataremos de maneira mais aprofundada no capítulo 4 deste trabalho, entre o instrumento das redes sociais, a juventude e as recentes mobilizações. Tais movimentos, ocorridos com maior intensidade nas grandes e médias cidades, canalizaram das redes sociais às ruas as aspirações, ansiedades e indignações da juventude dessas aglomerações urbanas. Os problemas locais

foram o empuxo dessas manifestações que através das redes sociais foram convocadas e tiveram suas bandeiras ampliadas.

Castells (2012), tratando dos movimentos sociais em rede, discuti essa frustração transformada em esperança através das mobilizações sociais, ou seja, tais manifestações rompem o monopólio da política, rejeitam as bandeiras dos partidos políticos e, motivadas inicialmente por questões localizadas, como o aumento das tarifas de transporte público, passam a através das redes sociais mobilizarem um grande conjunto de jovens em torno de temas que revelam a sua indignação ao modelo de desenvolvimento e suas correspondentes políticas de sustentação.

As características principais das Gerações Y e Z serão analisadas por nós no quarto capítulo deste trabalho, no qual, através da análise de questionários aplicados entre um público de estudantes - na sua maioria de 15 a 24 anos de idade -, procuraremos confirmar os resultados apresentados através dos estudos da PNAD e do professor Castells a respeito dos diferentes usos da internet e das mudanças que esses usos têm trazido para a constituição de uma Sociedade em Rede.

CAPITULO 4 –

A INTERNET, SEUS USOS E CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÕES

CAPITULO 4 – A INTERNET, SEUS USOS E CAPACIDADE DE MOBILIZAÇÕES

Na análise dos dados a respeito dos usos da Internet entre os jovens, trabalhamos com dois grandes grupos de amostras, nos quais foi aplicado questionários durante os anos de 2011 e 2012. O primeiro deles é representado por alunos universitários, matriculados nos cursos de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia e da Faculdade Católica de Uberlândia. Nesse grupo, foram realizadas 597 entrevistas, sem identificação do entrevistado, nas quais se teve a oportunidade de captar os impactos dos usos da Internet sobre uma faixa de idade que corresponderia na sua maioria, aos nascidos entre os anos finais da década de 1980 e início da década de 1990, constituindo parcela da Geração Y.

Em outro conjunto de entrevistas, abordamos 264 alunos da 1ª. série do ensino médio de uma escola privada e de uma escola pública, também sem identificação do entrevistado, nas quais se captaram as percepções dos usos da Internet sobre uma faixa etária entre 15 e 18 anos de idade e, nesse sentido, se verificaram as mudanças desses usos em parcela da Geração Z, ou seja, uma geração que já nasceu sob o *signo* das novas TICs.

Para ambos os conjuntos de pesquisados, aplicaram-se também 50 entrevistas qualitativas aplicadas aleatoriamente, sem identificação dos sujeitos, no sentido de perceber, de maneira mais aprofundada, as mudanças que os usos da Internet significaram nas relações e percepções que os jovens têm com/ da Sociedade em Rede.

Para análise dos dados, utilizamos o programa estatístico SPSS, através do qual cruzamos gênero, idade, tempo nos usos da Internet, formas e locais de conexão e as mudanças que o advento da Internet possibilitou no relacionamento com a família, com os amigos e com os vizinhos, além das mudanças na busca por informação por parte desses jovens.

4.1 Tempo de utilização da Internet

Nas relações entre sexo e tempo de utilização de Internet na vida cotidiana (Tabela 9), reunindo os dois grupos de entrevistados – universitários e estudantes de ensino médio -, observou-se uma distribuição muito próxima dos dados da PNAD/2011. Do conjunto de 861 entrevistados, apenas 17 (1,97%) não responderam a questão do gênero ou não se enquadraram no critério tempo de utilização; no conjunto dos que responderam a questão, a distribuição de gênero se constituiu de 434 (50,4%) do sexo feminino e 410 (47,6%) do sexo masculino.

TABELA 9 – UBERLÂNDIA - SEXO X TEMPO DE ACESSO À INTERNET – 2012

						Total
	não usa	menos de 1 ano	de 1 a 3 anos	de 3 a 5 anos	mais de 5 anos	
Masculino	1	0	20	58	331	410
Feminino	0	4	28	82	320	434

FONTE: CAMACHO, J.F. 2012

No que diz respeito ao tempo de uso da Internet, a maior concentração dos entrevistados, 75,6 %, respondeu por uma utilização de 5 anos ou mais anos. Nesse quesito, o segundo maior grupo está entre aqueles que utilizam a Internet de 3 a 5 anos, correspondendo a 16,3% do conjunto. Considerando o momento da realização da pesquisa, podemos afirmar que grande parte dos usuários foi introduzida nas novas tecnologias de informação e de comunicação no início dos anos 2000, ou seja, num momento de expansão da economia e dos programas de telefonia móvel e Internet banda larga e do desenvolvimento do chip e dos *smartphones*.

“Quando comprei meu smartphone minha vida mudou completamente. Fiz novos amigos e me aproximei das pessoas e dos lugares do mundo” (entrevistado – 20 anos)

Ao relacionarmos as faixas de idades discutidas anteriormente a partir dos conceitos de Gerações de *boomers*, X, Y e Z ao tempo em que esses usuários acessam a Internet (Tabela 10), observa-se que os usos que ocorrem há mais tempo estão concentrados na faixa etária dos 15 a 19 anos : foram 268 menções (31,1%) para acesso há mais de 5 anos e 126 menções (14,6%) para acesso há mais de 3 anos, embora, nesse critério, foram perdidos 34 questionários (3,9%) nos quais os entrevistados não responderam corretamente ao quesito idade ou tempo de acesso à Internet. Os números confirmam a tendência de serem as gerações Y e Z aquelas que, assumem o uso da tecnologia no momento do seu desenvolvimento, ou seja, já nascem incluídos no mundo da Internet.

Na pesquisa, aqueles que declararam apresentar mais de 40 anos de idade já fazem uso da Internet há mais de cinco anos, mas constituem-se em um grupo menor que aqueles da Geração Y (20 – 29 anos), que a utilizam mais recentemente. Isso demonstra que seus usos continuam a crescer principalmente entre o público mais jovem. Muito embora não seja o foco deste trabalho, deve ser destacado o empenho de muitos adultos na inserção no mundo das TICS, como pode ser observado na fala abaixo:

“o conhecimento do mundo da Internet foi o mesmo que conhecer um velho casarão de minha infância, em que ao se abrir cada porta se encontrava uma infinidade de novidades, belezas e curiosidades. A Internet me reaproximou de amigos que há muito não encontrava, me possibilita falar com os familiares com mais frequência e, tem sido um meio de encher o tempo da solidão”
(entrevistado - 55 anos)

A fala destacada das entrevistas é um dos exemplos desse público de 40 anos ou mais que foi contagiado pelo fenômeno de comunicação e de

integração que a Internet significa. No entanto, esse caso não é a regra, pois, quando tomamos os dados das PNADs e da pesquisa, constata-se uma relação inversa entre idade e intensidade de uso da Internet.

Não creditamos essa relação apenas ao fato de ser a Internet um fenômeno da juventude. A velocidade da inovação tecnológica associada à quebra de paradigmas por ferramentas criadas pela Internet – como o hiperlink ou as redes – fazem com que as pessoas, de 40 anos ou mais tenham a sensação de serem analfabetas, analfabetas tecnológicas.

A dificuldade da memorização dos códigos de comando e da compreensão de uma lógica da informação de maneira multifacetada, a falta de agilidade nos teclados e nas telas *touch screen*, além da necessidade da realização de cursos são empecilhos ao uso apresentados pela população mais velha. Um último aspecto muito citado nas entrevistas refere-se ao receio da exposição da vida privada. Ademais, a falta de informação ou de confiança das ferramentas de segurança da Internet faz com que uma parcela dessa população rejeite, ou pelo menos, reduza a sua utilização.

“tenho conhecidos que tiveram senhas e fotos roubadas por terceiros mal intencionados, em razão disso, não utilizo a internet, tenho muito medo de perder minha privacidade ” (entrevistada – 45 anos)

TABELA 10 – UBERLÂNDIA – RELAÇÃO FAIXAS ETÁRIA e TEMPO DE USO DA INTERNET - 2012

Faixas etárias x tempo de uso da Internet						
	Não usa	Menos de 1 ano	de 1 a 3 anos	de 3 a 5 anos	Mais de 5 anos	TOTAL
faixas de idade						
15 - 19 anos	1	2	17	126	268	414
20 - 24 anos	0	0	29	49	217	295
25 - 29 anos	0	2	2	11	48	63
30 - 34 anos	0	0	0	5	22	27
35 - 39 anos	0	0	0	0	6	6
40 anos ou +	0	0	0	0	22	22
TOTAL	1	4	48	191	583	827

Fonte: CAMACHO, J. F. 2012.

Em razão de nossa amostra ser composta, na sua maioria, por estudantes de nível superior e médio, a relação das faixas de idade com o local de utilização da Internet frequentemente se distorce, na medida em que o local de residência e a Universidade/Escola se sobrepõem aos outros locais de uso da Internet. O seu uso como veículo de sociabilidade, de informação e de diversão torna os teclados e telas extensões dos dedos. Nesse sentido, se, por um lado, sua sociabilidade foi amplificada, por outro, a atenção e o interesse pelo tradicional – a família, a escola – se reduzem.

Observa-se ainda que o local de trabalho aparece como a terceira indicação, o que aponta um número de estudantes que exercem atividades de trabalho e ou utilizam a Internet para tal. Entretanto, a indicação não é maior em razão de limitações ao uso da Internet colocadas pelos locais de trabalho. A proibição ao acesso às páginas de redes sociais e a e-mails pessoais, o monitoramento de páginas visitadas, o maior controle do setor de recursos humanos sobre o tempo de trabalho desperdiçado com o uso da Internet são

alguns dos obstáculos que dificultam um maior acesso à Internet a partir do trabalho.

TABELA 11 – UBERLÂNDIA - FAIXAS ETÁRIA x LOCAL QUE UTILIZA INTERNET COM MAIS FREQUÊNCIA - 2012

Idade x local que utiliza Internet com mais frequência							
	Local de residência	Casa de parentes	Lan house	No trabalho	Na escola/unive rsidade sem máquina própria	Na escola/ universida de com máquina própria	Total
Idade							
15 - 19 anos	381	7	0	5	23	6	422
20 - 24 anos	207	2	0	19	64	3	295
25 - 29 anos	33	0	0	12	11	7	63
30 - 34 anos	17	0	1	0	8	1	27
35 - 39 anos	3	0	0	3	0	1	7
40 anos ou +	14	0	0	3	5	1	23
TOTAL	655	9	1	42	111	19	837

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

O uso da residência como local de acesso à Internet confirma a tendência já apresentada pelas PNADs da diminuição da diferença entre lares com computadores e lares com acesso à Internet. A escola/universidade confirma a importância que as Instituições têm no sentido de garantir acesso a estudantes que não possuem condições de fazê-lo a partir do local de moradia. Por fim, o local de trabalho aponta para a inserção de uma parte desse grupo de estudantes em alternativas de ocupação – muitas vezes realizadas pela própria necessidade de manter as condições de estudos – e para a possibilidade de a Internet também servir às atividades de trabalho.

Cabe considerar ainda que, entre os entrevistados que apresentavam 40 anos ou mais, a casa também aparece como o local citado para a maior frequência ao acesso à Internet, confirmando as tendências já evidenciadas pelas pesquisas anteriores do crescimento do número de lares conectados e de a Internet ser também um instrumento de sociabilidade, informação, divertimento e superação de momentos de solidão vividos por essa faixa de idade.

4.2 Duração média de acesso à Internet

As relações entre sexo e média diária de acesso à Internet (Tabela 12) nos mostram que, na composição das duas amostras, o público feminino usa por mais tempo a Internet que o público masculino. A maior presença, entre o conjunto dos entrevistados, de pessoas cursando o nível superior, além de as possibilidades que a Internet constrói de laços sociais fortes e fracos serem mais frequentes entre as mulheres podem ser possíveis razões para uma maior intensidade de uso da Internet pelo público feminino.

TABELA 12 – UBERLÂNDIA - SEXO x DURAÇÃO MÉDIA DE ACESSO DIÁRIO À INTERNET – 2012

Sexo x duração média de acesso a Internet/dia		Até 1 hora	De 1 a 3 horas	De 3 a 5 horas	Mais de 5 horas	TOTAL
Sexo	Feminino	47	211	114	62	434
	Masculino	76	222	58	60	416
	Não respondeu	0	3	3	4	10
TOTAL		123	436	175	126	860

FONTE: CAMACHO, J. F.. 2012

A análise do grau de informação, por parte dos entrevistados, dos usos que a Internet pode oferecer, quando consideramos a sua capacidade de enviar mensagens com ou sem anexos, de participar de chats de conversas e comunidades virtuais, de realizar *downloads* de arquivos mostra que o público estudado se apresenta bastante instruído quanto às formas de realizar essas funções. (Tabela 13)

“nunca senti dificuldade em fazer qualquer uso da Internet, se você por acaso erra ao realizar uma ação basta voltar à configuração anterior do computador e tudo se passa como nada tivesse acontecido. E a gente só aprende fazendo.” (entrevistado – 17 anos)

TABELA 13 – UBERLÂNDIA – CAPACIDADE DE REALIZAR OPERAÇÕES ATRAVÉS DA INTERNET

Capacidade de realizar operações através da Internet									
Sabe ler e enviar mensagem eletrônica sem anexo	%	Sabe ler e enviar anexos através de mensagens eletrônicas.	%	Sabe participar de comunidades virtuais. (MSN, Orkut...)	%	Sabe utilizar um site de busca (Google, Yahoo, etc.)	%	É capaz de baixar arquivos da Internet (fazer download)	%
838	97,3	838	97,3	860	99,9	838	97,3	838	97,3

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

Nas relações da variável realizar determinadas operações através da Internet às diferentes faixas de idade, observa-se forte concentração desses usos na faixa etária de 20 – 24 anos (Tabela 14), compreendendo um conjunto de nossos entrevistados que nasceram nos anos finais da década de 1980 e início dos anos de 1990. Embora eles ainda se incluam na Geração Y, tiveram sua alfabetização num ambiente informacional. A informação sobre os múltiplos

usos da Internet chegou, como já discutimos, a essa geração e à Geração Z posterior desde o conhecimento das primeiras letras.

TABELA 14 – UBERLÂNDIA – FAIXAS DE IDADE e CAPACIDADE DE REALIZAR OPERAÇÕES NA INTERNET.

	Sabe ler e enviar mensagem eletrônica sem anexo	Sabe ler e enviar anexos através de mensagens eletrônicas		Sabe participar de comunidades virtuais.		Sabe utilizar um site de busca (Google, Yahoo, etc.)	É capaz de baixar arquivos da Internet (fazer download)	
	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Não
Idade								
15 - 19 anos	258	255	3	258	0	258	254	4
20 - 24 anos	394	394	0	394	0	394	374	9
25 - 29 anos	103	102	1	101	2	103	103	0
30 - 34 anos	57	57	0	61	6	60	66	1
35 - 39 anos	21	21	0	21	0	21	21	0
40 anos ou +	28	28	0	18	0	25	29	0

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

Além de uma educação informacional, outro aspecto importante a ser destacado, de maneira especial, sobre as Gerações Y e Z é o ambiente que a Internet propiciou, ou seja, a informação que antes chegava por meio da voz ou da escrita e tinha que ser transcrita para um arquivo digital agora está numa nuvem de armazenamento. Muito contribui para isso o advento do Google, dos sites de armazenamentos de vídeos e áudios e de enciclopédias digitais. Essa realidade torna a Internet um espaço de liberdades que encontra no jovem uma predisposição para romper medos, para se inteirar sobre novas formas de

comunicação e para se incluir na moda a partir dos exemplos de amigos e familiares.

Outro indicador a respeito do grau de informação dos nossos entrevistados foi medido através do uso de língua estrangeira na Internet. A esse respeito, como podemos observar na Tabela 15, a utilização exclusiva da Língua Portuguesa se restringe a um número muito pequeno de usuários, 14,8%.

TABELA 15 – UBERLÂNDIA – QUE IDIOMA UTILIZA NA INTERNET

Idioma que utiliza na Internet					
apenas o Português	Inglês	Espanhol	Francês	Outros	Não respondeu
128	319	91	14	179	14

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

O Inglês, por outro lado, na condição de língua universal da Internet, recebeu 319 indicações entre os nossos pesquisados, significando aproximadamente 37% delas. Ainda a respeito do uso de língua estrangeira, o Espanhol somou pouco mais de 10% das indicações. A fala abaixo exemplifica a amplitude que o conhecimento de uma língua estrangeira cria para o usuário da Internet.

“fui alfabetizado em duas línguas, desde os primeiros anos de escola faço curso de Inglês, com a chegada da Internet me senti numa sala global, a facilidade com a língua estrangeira me permitiu conhecer pessoas, lugares e compreender com mais facilidade os códigos de comunicação da internet.” (entrevistado – 26 anos)

4.3 Um Novo Padrão de Interações

A participação em comunidades sociais, já apresentada na Tabela 14, quando relacionada à questão da sensação criada pelas mudanças que o uso da Internet provocou, na conversa com os amigos, nas atividades com a família, na sensação de estar estressado, isolado da sociedade ou deprimido (Tabela 16), mostra que, para a grande maioria, a Internet não significou alterações perceptíveis, mas esse resultado pode ser melhor analisado quando tomamos alguns aspectos particulares.

O primeiro deles, na conversa com os amigos, o número de apontamentos para o quesito “aumentou” é quase 100% maior que a indicação “não se alterou”, o que mais uma vez demonstra o papel que a Internet tem como instrumento de comunicação e sociabilização do público mais jovem. Se, para as Gerações dos *boomers* ou mesmo para a Geração X, a espera da carta ou do telefonema do amigo ou namorada(o) eram momentos quase intermináveis, para as Gerações Y e Z, o tempo da comunicação é imediato. O celular, os *smartphones*, *iphones*, *ipods* e *ipads*, *pcs*, *note* e *netbooks* constituíram-se instrumentos de uso imprescindível para essas gerações. Nessa direção, selecionamos algumas falas que revelam as novas condições de comunicação:

“ao acordar pela manhã a primeira coisa que faço ainda deitado é olhar o meu celular e verificar as mensagens e postagens de meus amigos no facebook todos os dias, só depois acordo de verdade.” (entrevistada – 17 anos)

“quando não tinha Internet em casa eu me sentia deslocado de meu grupo de amigos, tinha que telefonar a eles, às vezes não conseguia deixar recados, quando não

os encontrava. Com a Internet estou o dia e a noite em contato com todos” (entrevistado – 23 anos)

“quando, por alguma razão, falta o sinal da Internet em minha residência tenho a sensação de faltar alguém em casa ou que falta alguma coisa para fazer, ficar sem Internet é sentir um dia incompleto” (entrevistado – 19 anos)

As falas acima citadas são exemplificativas do cotidiano dessas Gerações Y e Z. A Internet, como destacamos anteriormente, constitui-se na ágora do século XXI, representando, para essas gerações, algo tão importante e algumas vezes até mais importante que necessidades básicas como vestir-se, alimentar-se ou realizar a higiene pessoal.

TABELA 16 – UBERLÂNDIA – MUDANÇAS NOS PADRÕES DE INTERAÇÃO SOCIAL ATRAVÉS DA INTERNET

	Conversas com amigos	Atividades com a família	A sensação de estar estressado	A sensação de estar isolado da sociedade	A sensação de estar deprimido
Aumentou	541	39	186	76	104
Diminuiu	43	214	95	173	44
Não se alterou	246	436	303	435	449
Não percebeu	19	60	266	176	253
Não respondeu	11	11	10	10	10

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

Outra questão interessante que as mudanças nos padrões de interação produzidos pela Internet nos trazem é a diminuição das atividades com a família, muito embora, para a maioria, os padrões de interação não tenham se alterado. Para aproximadamente 28% dos entrevistados, as atividades com a família diminuíram, ou seja, a Internet significou um instrumento de

distanciamento do público jovem das relações familiares. Não devemos encarar essa realidade como algo nocivo a essas Gerações, ao contrário, devemos compreendê-las sob a perspectiva de uma realidade de sociabilidade em rede que essa juventude está construindo no Século XXI. Esse novo padrão de interação questiona a tradição, a família, a escola, as Instituições, e isso se demonstra nessa relação inversa entre as atividades com a família e as conversas com os amigos.

Cabe considerar que, entre aqueles que mencionaram que a Internet não alterou as atividades com a família, está o grupo em que a Internet tornou-se uma atividade de toda a família e, nesse sentido, o seu uso se faz concomitante às atividades. Um exemplo cada vez mais frequente desse fenômeno é encontrarmos, em restaurantes, aeroportos e filas de eventos, famílias inteiras nas quais cada membro está com o seu celular ou similar conectado em um site diferente e realizando a atividade familiar sem prescindir da Internet.

As respostas por aumentar a sensação de estar estressado e deprimido foram consideravelmente maiores que as respostas por diminuir. Acreditamos que esse fato esteja relacionado a três situações criadas pelo uso demasiado da internet e dos celulares. A primeira, diz respeito à ansiedade criada, ao se negligenciar determinadas atividades em favor do uso da internet associada à pressão do cumprimento dessas obrigações; outro fator determinante do estresse e a da depressão corresponderia ao vício dos jogos *online*, pois a necessidade do cumprimento de metas diárias cria quase que uma obrigação de conexão a esses sites; uma última razão dessas mudanças estaria no papel

desempenhado pelo celular que cria um portador diuturnamente de plantão, criando sensações de responsabilidade de responder mensagens e de culpa quando tal fato não ocorre.

A análise dessas mudanças no padrão de interação através da Internet ainda nos mostrou que, quando perguntamos sobre a sensação de se sentir isolado da sociedade, uma parte expressiva dos entrevistados, aproximadamente $\frac{1}{4}$ deles, respondeu que essa sensação diminuiu, confirmando assim que, se a Internet cria a possibilidade de aumentar as conversas com os amigos (Tabela 16), ela, dessa maneira, se coloca com um instrumento de sociabilidade e não de isolamento social.

A Tabela 17 confirma essa realidade, quando perguntamos a frequência da comunicação através da Internet com familiares, vizinhos e amigos. Constata-se, como já argumentamos, que os amigos tornam-se os principais sujeitos de sociabilização através da Internet, posto que aproximadamente 71% dos entrevistados declaram conversar todos ou quase todos os dias com eles.

Outro aspecto importante a se destacar é a diminuição das relações de vizinhança. Se essas foram tão importantes em sociedades pré-industriais e, na sociedade industrial, já tiveram sua importância reduzida pelos processos de urbanização, agora, na sociedade em rede, elas praticamente desaparecem. Na nossa pesquisa, 70% dos entrevistados declararam quase nunca ou nunca estabelecer relações de comunicação através da internet com os vizinhos.

TABELA 17 – UBERLÂNDIA – FREQUÊNCIA DE COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA INTERNET - 2012

frequência de comunicação através da internet			
	FAMILIARES	VIZINHOS	AMIGOS
Todos ou quase todos os dias	252	81	612
Pelo menos uma vez na semana	243	131	148
Pelo menos uma vez ao mês	168	36	42
Quase nunca, ou nunca	195	610	48
Não respondeu	2	2	10

FONTE: CAMACHO. J.F.. 2012

“não tenho o costume frequente de conversar com os vizinhos através da Internet, exceto aqueles que considero amigos, os quais falo todos ou quase todos os dias; com os outros, minhas relações são apenas de cordialidade”
(entrevistado – 22 anos)

Ainda a respeito das mudanças nos padrões de interação através da Internet, ao pesquisarmos o uso do celular para realizá-la, não encontramos uma frequência expressiva: apenas 11% dos entrevistados afirmou utilizá-los (Tabela 18). Creditamos esse resultado ao momento de realização da pesquisa, pois tivemos, nos últimos dois anos, um crescimento expressivo do número de celulares no Brasil.

TABELA 18 – UBERLÂNDIA - USO DO CELULAR PARA CONEXÃO À INTERNET - 2012

Utiliza o celular para acessar a internet	
Sim	99
Não	756
Não respondeu	6

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

Convém destacar ainda a velocidade de modernização. Mais uma vez, o *chip*, as telas de *touch screen* e os novos materiais desses aparelhos foram alguns dos elementos que fizeram com que a telefonia celular fizesse dois grandes movimentos em sentidos opostos ao longo das últimas duas décadas. Partimos de telefones celulares grandes, pesados e que não ofereciam qualquer capacidade de conexão para telefones miniaturizados, com a possibilidade de uso de mais de um *chip* e conectados. Agora, voltamos a telefones com telas maiores, usando da tecnologia de *touch screen*, com melhor capacidade de visualização e muitas vezes mais leves que os primeiros celulares, permitindo ao usuário realizar operações simultâneas, ou seja, falar ao telefone e estar conectado.

A Tabela 19 apresenta os resultados encontrados, quando se perguntou qual o veículo que os sujeitos utilizavam para se informar sobre atualidades, pedindo que enumerassem do mais ao menos importante. Os resultados expressam a realidade transformadora que o advento da Internet tem provocado. Ela se apresenta, entre os entrevistados, como o principal instrumento de informação, significando aproximadamente 80% das respostas.

TABELA 19 - UBERLÂNDIA – VEÍCULO QUE UTILIZA PARA SE INFORMAR SOBRE ATUALIDADES - 2012

	Como se informa sobre atualidades				
	Televisão	Rádio	Jornais	Internet	Conversas com familiares e amigos
1 (mais importante)	286	24	76	683	80
2	174	33	83	66	86
3	73	56	175	38	133
4	73	113	300	9	117
5 (menos importante)	48	238	55	25	97

FONTE: CAMACHO. J.F. 2012.

Constata-se ainda, pela análise da Tabela 19, que os veículos unidirecionais de comunicação – televisão, rádio e os jornais -, para a grande maioria dos entrevistados, apresentam-se como menos importantes. Entre eles, apenas a televisão ainda preserva uma significância quando consideramos as citações de primeira e segunda maior importância, 53% de citações.

Nesse aspecto, é preciso destacar a mudança na indústria da comunicação que a Internet já provocou. A sua velocidade e o seu caráter interativo tem feito com que outros veículos passem a ser utilizados através da Internet e, nesse sentido, diminuam o seu uso formal. Reúnem-se assim, num mesmo equipamento, que pode ser a tela *touch screen* de um *smartphone* ou *ipad*, todas as mídias de informação e comunicação. O acesso a um site de vídeos e áudios dá aos usuários um conjunto de possibilidades de programações que superam a rigidez das grades pré-programadas de emissoras de rádio e televisão. Sites de comunicação permitem, através de

mensagens de texto e de voz, a interação com um número maior de pessoas, outros permitem ainda o acesso em tempo real a elas.

“com a internet as notícias dos jornais e da TV tornaram-se atrasadas, quando os jornais e as revistas chegam em casa tenho a sensação que já li sobre quase tudo que elas trazem, não há nenhuma novidade.” (entrevistado – 33 anos)

“a minha tela de televisão, com a Internet, tornou-se o computador, nele encontro na hora que quiser aquilo que antes, na maioria das vezes, tinha que esperar a hora para passar na TV” (entrevistada – 19 anos)

Castells (2003) ao discutir os usos dos sistemas de mídia através da Internet, destaca:

“a veiculação de música na internet é tecnologicamente viável e amplamente praticada; [...], o desenvolvimento do vídeo pornográfico e a introdução de material imoral na internet tem na privacidade e na ubiquidade seus fatores decisivos. [...] os videogames online despontam como uma atividade favorita para muitos grupos. [...] a audição de rádio está florescendo na internet, de maneira que a liberdade de contornar a cultura global para atingir sua identidade local, funda-se na internet. [...] os jornais estão on-line. [...] os livros oferecem uma história dual. por um lado os livros de referência e enciclopédias estão sendo tirados do mercado pela internet, por outro lado, para livros de maior abrangência, a internet está funcionando apenas como uma plataforma de propaganda e marketing. [...] a arte está sendo profundamente transformada pela tecnologia. a internet oferece a possibilidade da criação coletiva, interativa, conjunta, por meio de práticas de grupo que permitem a pessoas distantes no espaço pintar, esculpir, desenhar, compor e produzir juntas, em interação e muitas vezes em contradição. [...] a internet é, de fato, um meio de comunicação com lógica própria e linguagem própria, ela não se restringe a uma área particular de expressão cultural, atravessa todas elas. Além disso, sua comunicação está em geral embutida na prática social. o tipo de comunicação que prospera na internet está

relacionado à livre expressão em todas as suas formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoa.”(CASTELLS, 2003,161-165)

A longa citação extraída do livro *Galáxia da Internet*, já nos apontava, antes de a Internet completar a sua primeira década, uma mudança nos sistemas de mídia, não significando, de modo algum, que se trate do fim ou da substituição completa dos diversos sistemas pela Internet, mas da modificação completa destes, na sua tecnologia, nas grades de programação, nos pacotes de vendas dessas mídias e na própria estrutura de organização de empresas que passam a ter, nos seus sites de internet, um número de acessos muito superiores aos índices de Ibope apresentados pelos empreendimentos tradicionais.

Segundo pesquisa da Reuters Institute Digital News Reports, realizada entre janeiro e fevereiro de 2013, entre usuários online de nove países, o Brasil é o terceiro colocado no consumo de notícias por qualquer meio, representando 88% das indicações e sendo superado apenas por Japão (92%) e Dinamarca (89%) (Tabela 20). Quando se perguntou qual o meio que utiliza para receber notícias, 53% dos brasileiros citaram a Internet, superando em muito os outros meios de comunicação de massa, a TV (38%), o Jornal (6%) e o rádio (2%).

TABELA 20 – CONSUMO DIÁRIO DE NOTÍCIAS POR PAÍS PESQUISADO

Japão	Dinamarca	Brasil	Reino Unido	Itália	Alemanha	França	Espanha	EUA
92%	89%	88%	86%	86%	85%	85%	83%	76%

FONTE: Reuters Institute Digital News Report. 2013

A pesquisa ainda apresenta grande interesse para os estudos relacionados às comunidades virtuais, quando relaciona as diversas mídias utilizadas para se obter notícias semanalmente nos nove países pesquisados (Tabela 21). Podemos observar que o Brasil se destaca na utilização das mídias online para se obter notícias (90%), quando comparado aos outros países pesquisados, apresentando índices 5% maiores que o Japão – segundo colocado na utilização das mídias online – e 24% maiores que a Alemanha.

TABELA 21 – MÍDIAS UTILIZADAS PARA SE OBTER NOTÍCIAS - EM PAISES SELECIONADOS (%) – ACESSO SEMANAL – JAN/FEV2013

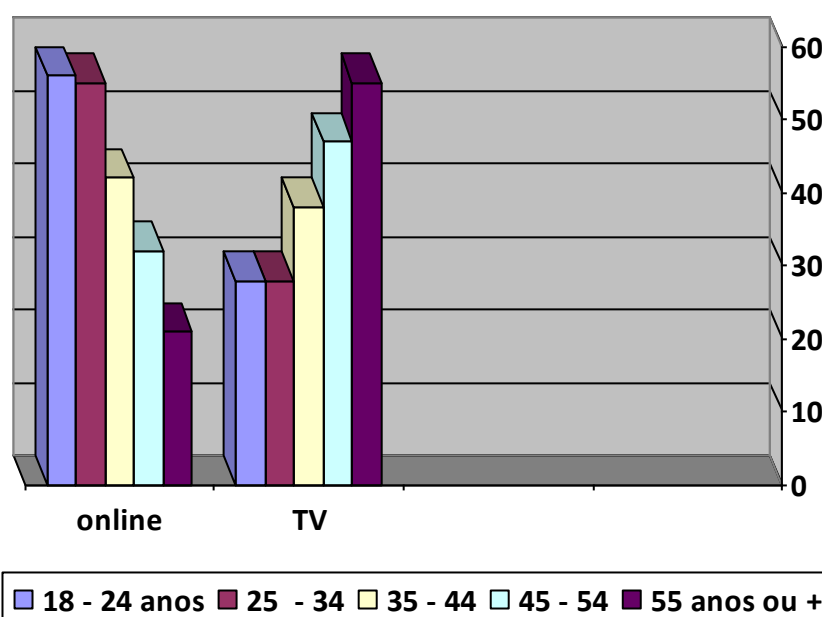
	R.U.	Alem.	Esp.	Ita.	Fra.	Din.	EUA	Br.	Jap.
TV	79	82	72	74	84	85	72	75	69
Rádio	37	51	39	34	44	53	28	19	24
Jornal	59	63	61	59	46	49	47	50	63
Mídias online	74	66	79	80	68	81	75	90	85

FONTE: Reuters Institute Digital News Report. 2013.

Observa-se ainda, pela Tabela 21, que, no Brasil, a generalização da TV como um bem de consumo presente na absoluta maioria dos domicílios faz dela a segunda mídia mais importante para se obter notícias – 75% de indicações -, de outro lado, o rádio é a mídia menos utilizada pelos brasileiros, com apenas 19% de indicações. O Brasil fica distante da maioria dos países pesquisados, pois a sua substituição pela TV e, mais recentemente, pelas mídias online justificam esse resultado.

Outra relação observada na pesquisa são os usos das mídias online comparados ao uso da TV por faixa de idade. A constatação, já evidenciada em nossas pesquisas, de que o uso das mídias online apresenta uma tendência inversa às faixas de idade se repete na média do conjunto dos países pesquisados, como pode ser observado no Gráfico 3

GRAFICO 3 – IMPORTÂNCIA DE MÍDIAS ONLINE E TV POR IDADE (MÉDIA DE PAÍSES SELECIONADOS) - 2013



FONTE: Reuters Institute Digital News Report. 2013.

4.4 As Redes Sociais

A questão de conhecer a capacidade de nossos entrevistados de participar de comunidades virtuais (Figura 22) se coloca de maneira mais ampla aos nossos interesses de compreender os usos da internet, na medida em que está associada à questão do porquê da utilização das chamadas Redes Sociais.

Em primeiro lugar, quando consideramos as relações entre sexo e participação em redes sociais, verificamos que a participação em uma ou mais que uma comunidade é bem maior entre o sexo feminino que entre o masculino; uma grande participação de mulheres na composição da nossa amostra é uma das razões para os resultados apresentados pela Tabela 22, mas não é a única. O crescimento da sua participação tem sido indicado em todos os suplementos sobre os usos da Internet publicados nas PNADs, sendo reflexo de uma maior predisposição do público feminino à construção de uma diversidade maior de laços sociais, quando reconhece, na Internet, um instrumento de sociabilização, informação, renda e lazer.

TABELA 22 – UBERLÂNDIA – SEXO x PARTICIPAÇÕES EM COMUNIDADES SOCIAIS - 2012

		Sexo x participações em redes sociais						TOTAL
		1	2	3	4 ou mais	não participo	Não respondeu	
Sexo	Feminino	152	114	75	152	3	13	509
	Masculino	135	66	30	100	5	3	339
	Não respondeu	0	0	0	0	0	13	13
Total		293	180	105	255	9	16	861

FONTE: CAMACHO. J. F. 2012

Nas relações entre faixas de idade e participação em redes sociais, a realidade da intensidade dos usos da Internet a partir das Gerações se repete. A Geração Z - os nascidos de 1994 em diante e “nativos” da Web -, são os que apresentam maior participação em comunidades virtuais. No conjunto das entrevistas realizadas, apresentaram aproximadamente 50% das menções de participação em comunidades sociais, e, tanto para a participação em uma comunidade, quanto para a participação em mais que quatro comunidades, a faixa etária dos 15 aos 19 anos de idade apresentou um número de participações bem superior àquela de 20 – 24 anos. (Tabela 23)

“existem dois comandos que são essenciais na Internet, o “enter” que possibilita o acesso a um mundo de coisas e pessoas, ele é a chave de todas as portas através das quais me torno amigo dos amigos de outros amigos e o “ctrl + alt +del” que quando me sinto entediado ele me desconecta de tudo” (entrevistado – 18 anos)

TABELA 23 – UBERLÂNDIA – FAIXAS DE IDADE x PARTICIPAÇÕES EM COMUNIDADES VIRTUAIS

Faixas de Idade x Participações em comunidades virtuais							
	1	2	3	4 ou mais	não participo	Não respondeu	TOTAL
Idade							
15 - 19 anos	173	93	37	117	0	0	420
20 - 24 anos	73	66	44	103	2	15	303
25 - 29 anos	29	4	8	17	1	4	63
30 - 34 anos	4	4	6	7	1	5	27
35 - 39 anos	2	1	0	3	0	10	16
40 anos ou +	9	16	2	1	2	2	32
	290	184	97	248	6	36	861

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012.

Outra questão que se coloca quando discutimos Redes Sociais é o que fazer nelas. Quando apresentada aos nossos entrevistados (Quadro 2), confirmamos o potente instrumento de sociabilização que representam. As ações de buscar informações, manter diários virtuais, manter contatos e encontrar pessoas, realizar conversas *online/offline* e realizar trabalhos acadêmicos tiveram indicações superiores aos 60% de nossa amostra; entre elas, a participação em diários virtuais alcança quase 70% do conjunto dos entrevistados.

QUADRO 2 – UBERLÂNDIA – USOS DAS COMUNIDADES VIRTUAIS 2012

	Marcar compro- missos	Buscar informa- ções	Encontrar e baixar vídeos e músicas	Manter contatos e reencontrar pessoas	Visualizar imagens e informações de terceiros	Fóruns de discussão	Realização de trabalhos acadêmicos	Postar depoimentos para terceiros	Postar informa- ções e notícias através de blogs	Manter diários virtuais (twitter, facebook, outros)	Conversas on line e offline
muito	324	583	473	520	263	210	505	218	59	599	537
raramen- te	335	162	260	190	287	349	200	318	230	143	161
nunca	202	116	128	151	311	302	156	325	572	119	163
	861	861	861	861	861	861	861	861	861	861	861

FONTE: CAMACHO. J. F.. 2012

“quando conheci a internet, logo comecei a participar do Orkut, nele encontrava todos os amigos, manifestava meus gostos através da participação em comunidades diversas; depois comecei também a participar do facebook, pouco a pouco fui esquecendo o Orkut e hoje, jogo, marco encontros, converso com meus amigos através do facebook” (entrevistada – 24 anos)

“no facebook tem sempre alguém que tem a informação que se precisa, é só postar o que desejo em minha pagina pessoal e logo um amigo ou amigo dos meus amigos me dá a resposta onde encontro aquilo na Internet” (entrevistado – 19 anos)

“depois que entrei na universidade, a disponibilidade de internet que não tinha em minha casa, permitiu que pudesse ampliar minha capacidade de informação, participando de chats de conversa e grupos de discussão e pesquisa” (entrevistada – 23 anos)

As entrevistas acima nos apresentam a importância das Redes Sociais para as Gerações Y e Z. Elas trouxeram à juventude novas ferramentas de procura na Internet, passaram a ditar comportamentos, usos e desusos delas. Surgiram inicialmente como páginas pessoais que colocavam ao usuário a possibilidade de se eternizar. Participando de uma rede social com *login* e senha, estamos na nuvem informacional que a Internet criou e dela não sairemos a não ser que o próprio usuário o faça. Na medida em que ganham adesões, essas redes incorporam novas ferramentas, transformam-se num espaço de lazer e entretenimento, consolidam-se como espaços de encontros.

O Quadro 2 ainda nos apresenta que, entre todas as ações relacionadas aos entrevistados, aquelas que aparecem com o menor número de indicações foram as de postar informações e notícias através de blogs, participar de fóruns de discussão e postar notícias para terceiros. Esse conjunto de ações –

particularmente a postagem em blogs - exige um maior conhecimento de ferramentas da internet, algo que, no momento de nossa pesquisa, acreditamos que ainda não tinha sido plenamente absorvido pelos usuários. É preciso que se considere também que o envolvimento dos nossos entrevistados em grupos de discussão através das Redes Sociais estava, em grande parte, limitado ao conjunto dos universitários e, nesse grupo, essas indicações representaram aproximadamente 50% de nossa amostra.

A análise apresentada sobre a participação dos jovens nas Redes Sociais nos remete à discussão sobre a capacidade destas em se transformarem em instrumentos de mobilização social. Acontecimentos recentes, no mundo e no Brasil, já deram demonstrações variadas dessa capacidade. A esse respeito, os nossos entrevistados, quando interrogados se as pessoas podem influenciar os acontecimentos mundiais com mobilizações políticas, confirmam a natureza mobilizadora das comunidades virtuais (Tabela 24), representando aproximadamente 92 % das respostas.

TABELA 24 – QUAL A SUA CONCORDÂNCIA COM RELAÇÃO AS QUESTÕES APRESENTADAS

	As pessoas podem influenciar os acontecimentos com mobilizações	Os cidadãos tem influência nas decisões de governo	É difícil para o povo controlar o que fazem os governantes
Sim	789	523	712
Não	68	331	147
Não respondeu	4	7	2
Total	861	861	861

FONTE: CAMACHO. J. F. 2012.

Castells (2004) já apontava essa característica a partir da ideia do surgimento de um novo projeto e de uma nova forma de articulação política da Sociedade em Rede, “os movimentos por uma justiça global representam el (re)nacimiento de un proyecto político alternativo baseado en la articulación de diversas luchas locales e globales” (CASTELLS, 2004:421). Essa prática de organização social em rede se estrutura sobre reivindicações locais que, circulando nessa nuvem informacional, influenciam e são influenciadas pelas lutas e interesses globais.

Nesse sentido, para Castells (2004), os movimentos sociais em rede apresentam três características: são globais – refletindo interesses de resistência ao processo de globalização -, são informacionais – convocados num processo de liberdades e democracia direta criada pelas TICs - e são organizados em redes flexíveis e descentralizadas.

Ainda segundo Castells (2004), os movimentos sociais agora amparados pelo suporte tecnológico das TICs apresentam-se como “glocales” – são globais na medida em que circulam pela rede – e, locais, porque se materializam fora da rede.

“Los movimientos son locales y globales a la vez. Empiezan en determinados contextos, por sus propias razones, crean SUS propias redes y construyen su espacio público ocupando el espacio urbano y conectandose a lãs redes de Internet. Pero son también globales porque están conectados entodo el mundo, aprenden de lãs experiências de lós demás y de hecho a menudo se inspiran en esas experiências para movilizarse” (CASTELLS, 2012:213)

O reconhecimento que esses movimentos sociais em rede produzem uma nova forma de articulação política aparece ao questionarmos os nossos

entrevistados se o cidadão tem influência nas decisões de governo (Tabela 24), 60% deles respondem afirmativamente e apontam que, através de grandes mobilizações convocadas pelos meios virtuais, pode-se fazer valer a vontade popular, “minha mãe disse que fui para as ruas ainda bebê para derrubar um presidente, não me lembro, volto às ruas como cidadã do mundo, o sorriso no rosto, a bandeira em uma mão e o celular em outra” (entrevistada – 21 anos).

Essa nova forma de articulação política está exigindo a transformação também das formas tradicionais desta. Os partidos políticos e as organizações de governança são pressionadas a assumir ações mais transparentes e de interesse direto que contemplem esses movimentos de resistência. A criação de um meio descentralizado e participativo de decisões políticas é então condição para a governança na sociedade em rede.

Outra questão que se coloca, quando tratamos dos movimentos sociais em rede é a credibilidade das organizações tradicionais de governança. Quando indagados sobre a dificuldade das pessoas em controlarem o que fazem os governantes, os nossos entrevistados manifestaram-se de maneira afirmativa, ou seja, suas respostas traduzem uma desconfiança em relação às formas de fazer e controlar a política. Refletem também um não reconhecimento da sua vontade nas ações da política, muito embora, quando questionados a respeito das expectativas de mudanças através da participação de todos no combate à corrupção e na mudança da governança pelos processos democráticos, suas repostas indiquem a expectativa de transformação que os movimentos sociais em rede podem realizar (Tabela 25).

TABELA 25 – QUAL A SUA CONCORDÂNCIA COM RELAÇÃO AS QUESTÕES APRESENTADAS

	Com a colaboração de todos é possível acabar com a corrupção	Os responsáveis pelo governo ruim são os cidadãos que não votam como deveriam
Sim	546	512
Não	305	340
Não respondeu	10	9
Total	861	861

FONTE: CAMACHO. J. F. 2012.

Castells (2012) aponta que o caráter em rede permite aos movimentos sociais trocarem experiências de organização e mobilização de massas e permite também que, a partir de lugares distintos, possa se dar apoio a eles e construir um rastilho de mobilizações que tem deposto governos, modificado ações e rompido o parasitismo das políticas de Estado.

“estos movimientos suelen comenzar en las redes sociales de Internet. Se convierten en movimiento al ocupar el espacio urbano, ya sea mediante la ocupación permanente de plazas públicas o por las manifestaciones continuadas. El espacio del movimiento se hace siempre mediante interacciones entre el espacio de los flujos de Internet y las redes de comunicación inalámbricas, y el espacio de los lugares ocupados y los edificios simbólicos objetivo de las acciones de protesta. Este híbrido de ciberespacio y espacio urbano constituye un tercer espacio que yo llamo el espacio de la autonomía.” (CASTELLS, 2012: 213)

A conceituação de um espaço de autonomia se revela, de maneira esclarecedora, nos movimentos sociais organizados em rede na última década. Eles só ocorreram, porque contam com um espaço de liberdades construído através do desenvolvimento dos sistemas de conectividade e, principalmente,

portabilidade, mas também se destacam por significarem a possibilidade de uma ação transformadora das Instituições e da Sociedade.

As manifestações dessa autonomia já ocorrem há quase duas décadas. Iniciaram-se em 1994, quando o movimento zapatista lançou os primeiros gritos antiglobalização na rede mundial de computadores, continuaram pela América Latina com a organização das marchas e invasões de trabalhadores sem terra no Brasil, com a luta dos povos indígenas no Equador, Peru e na Bolívia – que mais tarde levaram ao poder Evo Morales, com a eleição em 1998 de Hugo Chavez na Venezuela, culminando em 1999, quando os protestos antiglobalização suspenderam a continuidade da Conferência da Organização Mundial do Comércio em Seattle. Desde a última metade dos anos de 1990, o planeta tem visto uma crescente onda de mobilizações articuladas pela rede mundial de computadores.

Tais manifestações representaram, naquele momento, uma repulsa dos movimentos organizados da sociedade ao modelo neoliberal implantado desde os anos de 1990, sendo que seu significado qualitativo se verifica na organização, em 2001, do I Fórum Social Mundial realizado na cidade de Porto Alegre. Nele se encontraram movimentos sociais diversos – ambientalistas, pacifistas, homossexuais, feministas, indígenas, sem teraa, sem teto e tantos outros -, cujos objetivos eram apresentar o Fórum como uma alternativa ao “status quo” liberalizante e globalizante representado pelo Fórum Econômico Mundial e construir assim um projeto político que priorizasse a paz, o desenvolvimento econômico com igualdade, a justiça social e a soberania dos povos.

Quando se acreditava que os protestos de Seattle, logo sucedidos por manifestações contra as invasões ao Afeganistão e ao Iraque, haviam sido as últimas e maiores das manifestações contra a globalização; o final dos anos de 2010 trouxe um novo capítulo nas mobilizações sociais.

Castells (2012) apresenta esses anos finais da primeira década do século XXI, como um momento surpreendente. “Ocurrió cuando nadie lo esperaba. En un mundo presa de la crisis económica, el cinismo político, la vaciedad cultural y la desesperanza, simplemente ocurrió” (CASTELLS, 2012: 19). A sua fala reproduz de maneira expressiva o quadro em que se encontravam os movimentos sociais no início dos anos 2000. Embora a Internet e a sociedade rede que vinham se organizando tenham propiciado um salto qualitativo em sua organização e nas suas mobilizações, os movimentos de Seattle, a luta pela paz, o Fórum Mundial Social, a Eco 2002 não apresentavam a possibilidade de significar uma ação transformadora imediata, pois se criava um cinismo político e um vazio e uma desesperança nas possibilidades de mudança.

No entanto, ocorreram e aconteceram de maneira muito particular, pois não foram convocados por um único interesse, realizaram-se sobre tradições muito distintas, foram mais ou menos violentos entre os diferentes lugares, mas, onde aconteceram, levaram para as ruas centenas e milhares de pessoas, manifestando suas indignações contra a crise econômica, a corrupção, o parasitismo político e suas ações recessivas tomadas em favor de interesses de organizações nacionais e internacionais que não correspondem à nova sociedade do século XXI.

Castells (2012), em sua reflexão mais recente sobre as grandes mobilizações sociais, coloca a questão: “Qué tienen en común Túnez e Islandia?” (CASTELLS, 2012:37). Como o autor nos alerta, à primeira vista, essas localidades nada apresentam em comum, mas a história as unificou na materialização de um sentimento de poder e de superação do medo que representou sua indignação contra a elite financeira, os governos e a classe política.

Essa unificação só foi possível graças a um processo de interação entre o espaço virtual e o espaço urbano. Tal virtualidade real se construiu no espaço virtual - nas redes sociais que ecoaram o grito de alguns para outros milhares e milhões – e conquistou a praça, as ruas, às cidades. Cada uma dessas grandes manifestações teve um ponto de partida específico. Na Islândia, como forma de protesto, um cantor e ativista político – Hordur Torfason - se pôe a cantar com sua guitarra à frente da sede do Parlamento em protesto contra a crise financeira que sucede a quebra das suas grandes instituições. Essa cena foi gravada, colocada na Internet e, quase imediatamente, se transformou num “hit” de convocação de centenas de milhares de pessoas para ocupar as ruas de Reykjavik – no que ficou conhecido como Revolução das frigideiras - para depor o governo e organizar uma nova Constituição que contou com ampla participação popular através da Internet.

“El CAC, [Consejo de Asamblea Constituyente], solicitó la participación de todos los ciudadanos a través de Internet. Facebook fue la principal plataforma de debate. Twitter fue el canal para informar sobre el trabajo en curso y para contestar las dudas de los ciudadanos. Youtube e Flickr se utilizaron para establecer una comunicación directa entre los ciudadanos y los miembros Del consejo, así como para participar en los debates que se celebraron en toda Islandia.” (CASTELLS, 2012.54).

Na citação, Castells destaca as ferramentas que a Internet ofereceu para a participação popular nos processos decisórios, mas coloca três questões que devem ser destacadas. A primeira delas é que essas ferramentas só puderam ser densamente utilizadas pela ampliação do uso da internet para além das telas dos computadores pessoais. No caso da Islândia, a renda elevada já garantia acesso às telecomunicações de última geração.

A segunda questão é o espaço de liberdades que essas ferramentas e o ambiente em rede construído nelas proporcionaram, pois criou um modelo de participação direta em que o “feedback” das políticas e reivindicações é imediatamente conhecido. Esse espaço corroeu o poder dos governos e dos sistemas de mídia tradicionais. Se, de início, onde aconteceram, essas manifestações enfrentaram a resistência de forças de repressão e o silêncio dos veículos oficiais de comunicação; logo, a potência dos SMS, das páginas das comunidades sociais, dos e-mails fez vergar governos e mídia oficial.

A terceira questão e, com certeza a mais importante, é que essas ferramentas foram apropriadas pela juventude, que convocou as mobilizações criando uma nova linguagem. Não é surpresa que seja essa a faixa de idade que desempenhe esse papel. É na transição, dos 15 aos 24 anos, que todos nós fazemos as nossas escolhas para a vida, afirmamos a nossa personalidade, lançamos conquistas, não tememos desafios e, principalmente, estamos abertos às emoções e ao novo.

Castells (2012:30) aponta que “el big bang de um movimiento social empieza com la transformación de la emoción en acción”. A juventude captou essa possibilidade através das ferramentas em que a sociedade rede se

organizava. Aberta ao novo, como já discutimos, ela se apropriou delas para romper o medo e transformar a emoção – violada pela falta de confiança nas políticas, nos governos, na economia, nas Instituições –, em ação, ação compartilhada pela “nuvem” informacional e materializada nas mobilizações.

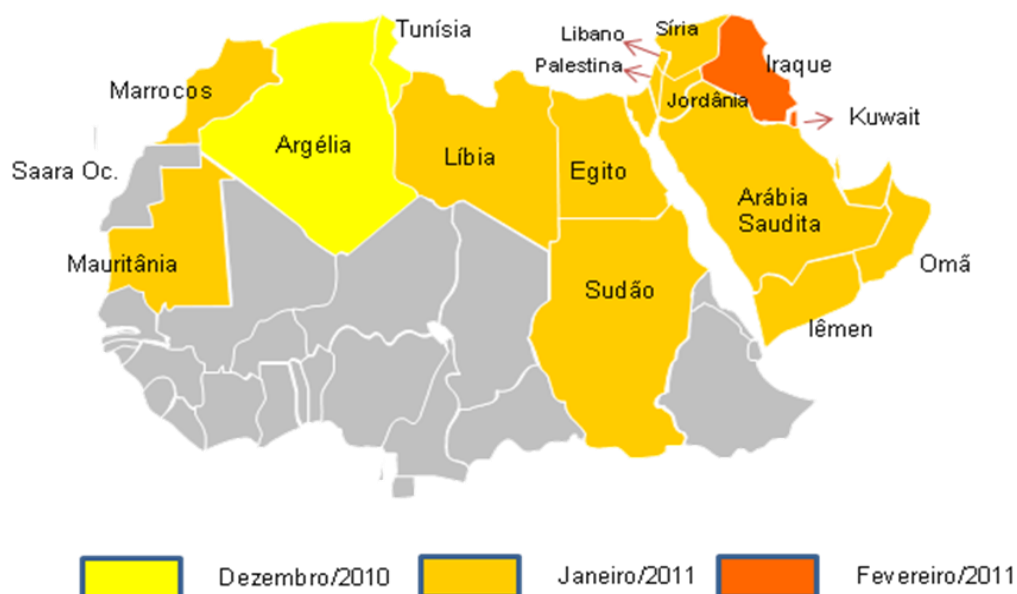
A emoção traz o entusiasmo por uma causa que verdadeiramente importa aos jovens, o que se comprova pelas razões distintas que promoveram as grandes mobilizações presenciadas pelo mundo e no Brasil. Na Tunísia, não foi diferente. O “big bang” das mobilizações ocorreu pelo autossacrifício do jovem Mohamed Bouazizi, que, recém-formado, desempregado, sobrevivendo como ambulante, teve sua banca confiscada por fiscais corruptos do governo de Bem Ali. A sua imolação representa a radicalidade da emoção transformada em ação. A imagem do seu corpo em chamas não pôde ser omitida pelos meios oficiais de comunicação, mas, principalmente, superou seu poder, sendo transmitida imediatamente por câmeras de celulares e links de internet. Também na Tunísia, os protestos foram canalizados pela juventude que se via não correspondida nos seus anseios de inserção profissional, qualidade de vida e liberdades individuais.

A comunicação em rede, mais uma vez, fez romper o medo e, segundo Castells (2012:31), fazer transbordar a esperança, “la esperanza proyecta el comportamineto hacia el futuro. [...], es um ingrediente fundamental para apoyar la acción de búsqueda de objetivos”. Nesse sentido, a esperança ativa um processo de comunicação entre os indivíduos, de comunicação compartilhada de interesses que os propague, estimulando emoções e esperanças em outros indivíduos. Dessa maneira, o instrumento das comunidades sociais é imprescindível, pois, ao se transformarem no amálgama

das emoções individuais, tornam-se o espaço de liberdades em que o medo não resiste à esperança.

A partir de Túnis, as mobilizações iniciadas em dezembro de 2010 e que se denominaram de Primavera Árabe – como uma referência à Primavera de Praga -, se disseminaram como um rastilho de pólvora a quase que à unanimidade dos países do Norte da África e do Oriente Médio. Na Líbia e no Egito, tal como na Tunísia, levaram à deposição de ditaduras e, no caso líbio, ao assassinato do Presidente Muammar al Gaddafi. Em outros países, significaram o compromisso da não reeleição desses ditadores e mudanças constitucionais que garantissem maiores liberdades civis.

FIGURA 24 - CRONOLOGIA DA PRIMAVERA ÁRABE



FONTE: CAMACHO. J. F. 2013.

No entanto, em todos os casos de população árabe, Castells (2012) destaca o papel da Internet e da Al Jazeera – emissora de TV de língua árabe - “para impulsar, ampliar y coordinar las revueltas espontáneas como expresión de indignación, en particular entre los jóvenes.” Os jovens fizeram uso das redes sociais virtuais; através da internet e da telefonia móvel, compartilharam os interesses, mas também, ampliaram a comunicação nas redes sociais tradicionais: a família, a escola, a vizinhança, “Fue en la conexión entre redes sociales de Internet y redes sociales de la vida donde se forjó la protesta.” (CASTELLS, 2012:43).

No caso do mundo árabe, as revoltas também contaram com um papel importante da emissora de TV Al Jazeera, já que o seu sinal via satélite permitia que fosse alimentada continuamente por imagens postadas por qualquer ativista. Ao mesmo tempo, essas imagens eram reproduzidas por todo o mundo árabe, contribuindo para disseminar as mobilizações como podemos observar na Figura 24.

As redes sociais como ferramentas de uso da Internet, da telefonia móvel e afins devem ser reconhecidas como espaços onde os jovens compartilham imagens, músicas, experiências, emoções e indignação. Acrescente-se ainda que os atos na Islândia e as Revoltas Árabes vêm sendo sucedidas por uma série de outras manifestações e mobilizações em várias partes do planeta.

Na Europa, a crise posta sobre as economias abalou toda a sua periferia. Grécia, Espanha, Portugal, Itália e Irlanda apresentam déficits fiscais superiores aos 100% do PIB, taxas de desemprego acima ou próximas de 1/5

da população ativa, a necessidade de cortes de gastos sociais e redução de políticas de investimentos dos Estados. Não bastassem os problemas da economia, cresce, especialmente entre a população jovem, um sentimento de indignação e descrença em relação às políticas propostas pela tríade de poder representada pelo FMI, Banco Central Europeu e União Europeia.

As origens desse quadro de crise estão, como no caso da Islândia, na instabilidade e na desconfiança criada sobre os mercados financeiros a partir da crise dos EUA. Nessa conjuntura, os países da periferia europeia não conseguem honrar compromissos com seus credores, que passam a exigir maiores rentabilidades aos novos títulos emitidos por esses países, criando um círculo vicioso de elevação dos serviços da dívida.

A Grécia foi a primeira a evidenciar essa realidade, tendo como referência as datas dos socorros oferecidos pelo FMI e Banco Central Europeu (Quadro 3). Sua crise se anuncia a partir de Dezembro de 2009, e ela recebe a primeira remessa de empréstimos de 110 bilhões de Euros em maio de 2010. Sucedendo a Grécia, a Irlanda recebe recursos em novembro/2010, Portugal, em maio/2011, Espanha, em junho/2011. Todos esses pacotes de empréstimos foram acompanhados da exigência de medidas de ajuste fiscal por parte dos Estados endividados.

QUADRO 3 – EMPRÉSTIMOS DO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL E BANCO CENTRAL EUROPEU A PAÍSES ENDIVIDADOS

EMPRÉSTIMOS DE FMI e BCE (em bilhões de Euros)		
GRÉCIA	110	02/05/2010
IRLANDA	100	28/11/2010
PORTUGAL	78	16/05/2011
ESPANHA	130	12/06/2013

FONTE: CAMACHO. J. F. 2013

As políticas de austeridade adotadas trouxeram ao cenário das praças e ruas europeias grandes mobilizações populares, protestos, greves gerais e confrontos entre manifestantes e policiais. Tal como no mundo árabe, esses eventos manifestaram a indignação da juventude contra o que se popularizou chamar de Estado do Mal Estar Social e tiveram, em grande medida, a sua convocação realizada pelas redes sociais.

Na Espanha, a potência da Internet em desconstruir os discursos oficiais já havia sido demonstrada em 2004, quando o Governo de José Maria Asnar tenta atribuir, a grupamentos bascos, os atentados ocorridos nas composições de trem de Madri como forma de desviar as atenções ao debate eleitoral que acontecia em torno do apoio do país à invasão americana ao Iraque. As redes sociais foram um instrumento de troca de mensagens, imagens e convocações de protestos que, em três dias, modificaram o resultado eleitoral.

Essa organização em rede favoreceu o surgimento de grupos diversos que, em sua maior parte, não assumiram a bandeira de qualquer partido político ou ideologia e convocavam mobilizações em favor da garantia de liberdades na Internet e da mudança do quadro econômico que só contribuía para o agravamento do desemprego e para a piora das condições de vida.

Após o anúncio da quebra da economia grega e da necessidade de os países europeus assumirem as responsabilidades de um ajuste fiscal severo, as manifestações se amplificaram. O grupo formado no Facebook com o nome de “Democracia real YA” passa a congregar blogs, fóruns de discussão e listas de apoiadores à causa de soluções coletivas para a crise e às mobilizações de massa nas ruas de diversas cidades espanholas. Como aconteceu nos países árabes, essas convocações não ocorreram a partir de nenhum partido político, sindicato ou associação da sociedade civil, tampouco contaram com o apoio dos veículos oficiais de comunicação. Disseminaram-se pelas redes sociais e, em poucos dias, levaram dezenas de milhares de pessoas às praças de mais de 100 cidades.

Segundo Castells (2012:119),

“había um clima de indignación general en el país (como en grã parte Del mundo) contra los políticos, que solo se preocupaban por si mismos, y contra los banqueros, que habían hundido la economia com sus maniobras especulativas para ser rescatados y recibir cuantiosas primas, mientras que la ciudadanía pagaba caras lãs consecuencias de la crisis en sus trabajos, salários, servicios e hipotecas”

O destaque apresentado por Castells (2012) evidencia a semelhança entre a crise espanhola – também a portuguesa, a grega, a italiana - e as

mobilizações já discutidas na Islândia. A globalização financeira criou um sentimento de indignação da população aos caminhos privados e privatistas que essas economias tomaram. O crescimento do desemprego entre os mais jovens, a deterioração da qualidade dos serviços públicos, a omissão dos governantes e partidos cria uma onda de protestos contra banqueiros, especuladores e políticos.

O caráter peculiar de todas essas manifestações é que suas reivindicações surgem da rede de interesses que vai se constituindo. Nesse sentido, não constituem um programa que deva ser aprovado por qualquer governo ou processo eleitoral, tampouco representam uma pauta a ser assumida por algum partido político. Segundo Castells (2012:133)

“No hubo una decisión formal, pero en la práctica todo el mundo estuvo de acuerdo desde el principio del movimiento. No habría líderes, ni locales ni nacionales. Para el caso, ni siquiera tenían un portavoz reconocido. Cada uno se representaba a sí mismo y a nadie más. Esto volvió locos a los medios de comunicación, ya que las caras de cualquier acción colectiva son ingredientes necesarios para la técnica narrativa de los medios de comunicación. La fuente de este antiguo principio anarquista, habitualmente traicionado en la historia, no era ideológica en el caso de este movimiento, aunque se convirtió en un principio fundamental, respetado por la inmensa mayoría de los actores del movimiento. Estaba presente en la experiencia de las redes de Internet en las que la horizontalidad es norma, y no se necesita liderazgo porque las funciones de coordinación se pueden ejercer en la propia red: la red se convirtió en sujeto.” (CASTELLS, 2012:133)

É a capacidade de amplificar as relações horizontais que torna as redes sociais fonte de poder nessa conjuntura de mobilizações pelo mundo. Elas promovem um movimento sem lideranças, em muitos casos, sem identidades

individuais, haja vista que, para se proteger da ação da repressão, esses manifestantes usam cobrir os seus rostos.

A negação da política tradicional e das ações violentas de mudança, significa uma forma de desobediência civil que a rede permite aos cidadãos realizar. Produz-se, dessa maneira, um movimento político contra o sistema político, constituído em sua maioria de jovens, descrentes da política tradicional e imbuídos da esperança de ser possível construir um novo processo de representação para a democracia. O fracasso dos modelos de democracia representativa e participativa versus o sucesso das mobilizações colocaria então a questão: forja-se, com elas, uma Democracia em Rede.

Castells (2012:146) indica que é precipitado fazermos essa afirmativa, “el movimiento expresa claramente el sentimiento y la opinión de la mayoría de la gente”, o que é um princípio da democracia, “no es una protesta marginal, y si niega a enmarcarse en un gueto ideológico radical”, o que revela a pluralidade de ideias - também princípio da democracia,

“sus ideas se difunden y la mayoría de la gente las acepta porque conectan con las frustraciones del movimiento. Pero las formas de conectar estos sentimientos con acciones que lleven a un cambio material en la vida y en las instituciones sociales están por explorar. Porque eso es precisamente la nueva política. Esta búsqueda sincera que realiza la mayoría del movimiento es un trabajo en curso.”(CASTELLS 2012:146)

Dessa maneira, é a dinâmica do movimento que vai levar à formulação de uma nova política. As mobilizações têm alcançado transformações imediatas, mais ou menos radicais, a depender dos condicionantes locais onde

acontecem. Tais mudanças já provocaram outras mobilizações, quando a população não se sentiu respeitada em sua pauta de reivindicações.

É nesse movimento, onde o processo se transforma em produto, que se encontra o diferencial desses movimentos sociais em rede. A mudança que esses trarão à sociedade do século XXI estará não na conquista de necessidades imediatas, mas no continuado amadurecimento da ação do compartilhar, do exercer a atividade política em rede e de reinventar o movimento e a si mesmo.

4.5 – As Redes Sociais e as mobilizações no Brasil

As mobilizações em rede ocorridas pelo mundo no período 2010-12 chegaram ao Brasil no primeiro semestre de 2013. Tais quais as primeiras, constituíram-se em redes de indignação e esperança, sendo capitalizadas pelo público jovem e manifestando uma pluralidade de interesses.

A realidade brasileira é distinta dos outros processos já destacados, pois não vivemos mais um período de ditaduras opressoras e tampouco fomos afetados na mesma gravidade pela crise nos mercados financeiros. Ao contrário, os movimentos acontecem num quadro tímido, mas continuado de crescimento econômico, desemprego em queda e melhoria das condições de vida de grande parcela da população.

Embora essa realidade aparentemente não fosse razão para desencadear um processo de mobilizações de dimensão nacional, ela velava uma insatisfação de grande parcela da população brasileira quanto à condução

de determinadas políticas de Estado e as suas Instituições de representação. A elevação de tarifas no transporte público das capitais de um grande número de Estados – previsto para o mês de janeiro, esse aumento foi adiado como forma de conter índices inflacionários – foi o estopim das mobilizações.

Elas tiveram início em março de 2013 na cidade de Porto Alegre, quando, diante do anúncio de um reajuste de 7% nas passagens de transporte público, centenas de estudantes se mobilizaram para ir, em passeata, até a sede da prefeitura municipal reivindicar a retirada da medida. A manifestação foi duramente reprimida pela polícia Militar do Estado e pela Guarda Municipal, que utilizaram bombas, spray de pimenta e balas de borracha para retomar a frente da sede da prefeitura ocupada pelos manifestantes.

A ação que poderia ter sido, em outros momentos, um fato isolado de confronto entre polícia e manifestantes, transformou-se, guardadas as devidas proporções, no nosso Hordur Torfason. Como no caso do ativista islandês, a manifestação dos jovens foi filmada, postada, “twitada”, “blogada” por incontáveis vezes através da Internet e da telefonia móvel com Internet e subverteu o poder dos sistemas de mídia oficiais que as apresentavam inicialmente como protestos de ativistas organizados por partidos políticos e entidades estudantis.

A geração que foi para as ruas não conheceu os celulares analógicos que apenas serviam para ligações telefônicas à distância; ao contrário, comunica-se, como discutimos anteriormente, sob a lógica da rede e assim a participação em redes sociais e a utilização de sistemas de telefonia móvel e

celulares cada vez mais modernos permitiu-lhe repercutir as manifestações de Porto Alegre sobre outras cidades.

Cabe destacar ainda como semelhança em relação às mobilizações no mundo, a força desproporcional da repressão policial sobre as manifestações. Apresentada pelas redes sociais e sites da Internet sem edições, ela contribuiu, muito para transformar, como discute Castells (2012), emoção em ação, ou seja, a partir da indignação de sujeitos conectados em rede, transformá-los em agentes da convocação de novas manifestações.

Outra identidade presente nas manifestações no Brasil, em relação a outras já discutidas nesse trabalho, é a pluralidade de bandeiras que passam a mobilizar a população. As manifestações surgem a partir da motivação do aumento das tarifas de transporte público, mas, à medida que acontecem e se disseminam por outras cidades, ganham outras plataformas: o combate à corrupção, a PEC 37, a qualidade da saúde e da educação.

A partir de Porto Alegre, as manifestações seguem acontecendo e; mais uma vez, o anúncio de um aumento das tarifas de transporte público em outras capitais de Estados – incluindo São Paulo e Rio de Janeiro –, serve como detonador de uma grande onda de mobilizações (QUADRO 4).

QUADRO 4- BRASIL - PRINCIPAIS MANIFESTÇÕES OCORRIDAS ATÉ 30/06/13

BRASIL MANIFESTAÇÕES - junho 2013					
DATA	LOCAL	DATA	LOCAL	DATA	LOCAL
27/mar	PORTO ALEGRE	17/jun	MACEIÓ	20/jun	UBERLÂNDIA
15/mai	NATAL	17/jun	BELÉM	20/jun	RIO DE JANEIRO
02/jun	SALVADOR	17/jun	CURITIBA	20/jun	NATAL
06/jun	SÃO PAULO	17/jun	VITÓRIA	21/jun	RIO DE JANEIRO
06/jun	GOIÂNIA	17/jun	RIO DE JANEIRO	21/jun	SÃO PAULO
06/jun	RIO DE JANEIRO	18/jun	SÃO GONÇALO	22/jun	BELO HORIZONTE
07/jun	SÃO PAULO	18/jun	SÃO PAULO	22/jun	SÃO PAULO
10/jun	RIO DE JANEIRO	19/jun	SÃO PAULO	25/jun	SÃO PAULO
11/jun	SÃO PAULO	19/jun	SÃO LUÍS	25/jun	RIO DE JANEIRO
13/jun	SÃO PAULO	19/jun	MACAPÁ	26/jun	BELO HORIZONTE
13/jun	RIO DE JANEIRO	19/jun	NITERÓI	27/jun	RIO DE JANEIRO
14/jun	NITEROI	19/jun	BRASÍLIA	27/jun	FORTALEZA
16/jun	RIO DE JANEIRO	19/jun	FORTALEZA	27/jun	BRASÍLIA
16/jun	BRASILIA	20/jun	BRASÍLIA	28/jun	GUARULHOS
17/jun	BELO HORIZONTE	20/jun	SÃO PAULO	28/jun	BRASÍLIA
17/jun	SALVADOR	20/jun	MACAPÁ	30/jun	SALVADOR
17/jun	SÃO PAULO	20/jun	RIBEIRÃO PRETO	30/jun	SÃO PAULO

FONTE: JORNAL O GLOBO. Org. CAMACHO. J. F.

Embora tais atos continuem acontecendo enquanto escrevemos as considerações finais deste trabalho, o Quadro 4 nos mostra que o mês de junho foi o momento de sua maior concentração. As manifestações se distribuíram por capitais de Estado e várias cidades médias. Quando a repressão policial assumiu proporções maiores, a pauta delas se ampliou e, diante da pressão popular, tivemos algumas respostas por parte dos governos estaduais e Federal¹⁶.

Diante desses processos de mobilização de massas, entendemos que temos que considerar ainda três aspectos. O primeiro diz respeito à importância das redes sociais na convocação delas. Os brasileiros, especialmente os jovens, vinham apresentando uma crescente empatia por tais ferramentas. O advento do Orkut – lançado em maio de 2004 - logo o transformou num importante ponto de encontro de nossos jovens. Pesquisa realizada pela empresa Ibope Nielsen apontava, em julho de 2009, que 75% dos usuários de internet utilizavam-se do site e passaram, no mês de maio daquele ano, 340 minutos conectados. Já, a partir desse momento, ocorria uma migração, por parte desses usuários, para o Facebook, que se apresentava como a terceira rede social mais utilizada e oferecia um conjunto de ferramentas não disponibilizadas pelo primeiro.

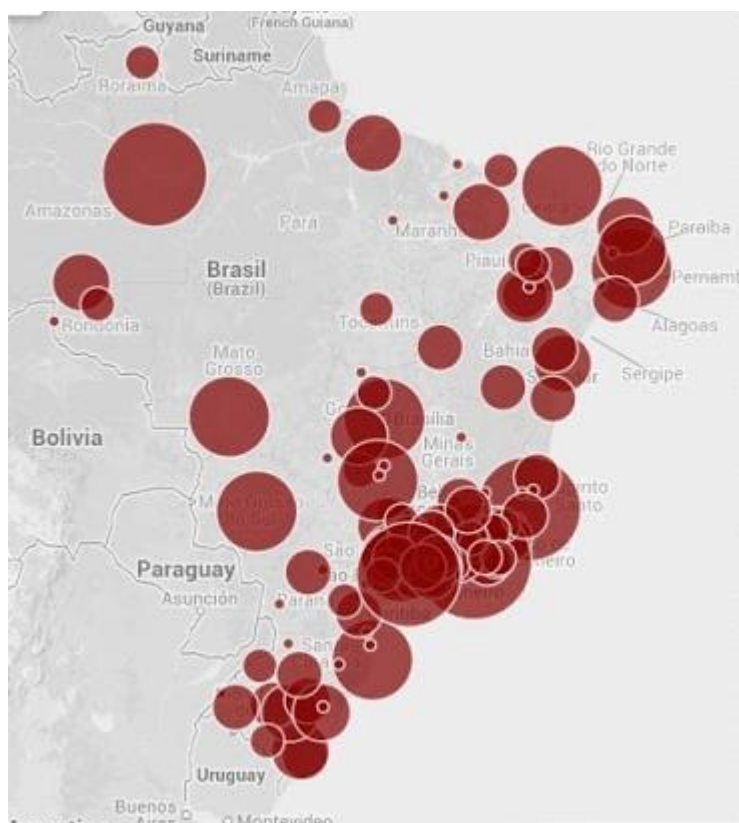
O uso do Facebook e do Twitter na convocação das mobilizações foi diagnosticado por empresas de monitoramento de sites da internet. Segundo a “Integrantes”, empresa parceira da “Publisher do Brasil”, as duas redes

¹⁶ Ocorreu a redução das tarifas de transporte público nas capitais onde o aumento havia sido anunciado, o Congresso Nacional derrota a proposta de emenda constitucional que reduzia os poderes de investigação do Ministério Público e aprova lei que transforma a corrupção em crime hediondo. A Presidente Dilma Rousseff faz um pronunciamento propondo ações na direção da reforma política.

serviram como instrumento de multiplicação de sentimentos de indignação, muito embora manifestem diferenças relativas às características de cada uma.

O Facebook foi utilizado por um número maior de usuários e serviu como um diário do crescimento das mobilizações (Figura 25), difundindo, especialmente entre as Gerações Y e Z, uma “ciberpanflantagem” – inclusive do próprio sujeito através da divulgação de suas fotos nas manifestações – nesse espaço de liberdades discutido por Castells (2012).

FIGURA 25 – BRASIL – MAPA DAS MOBILIZAÇÕES EM 20/06



FONTE: JORNAL O GLOBO. 22/06/13

Num outro ambiente de expressão das indignações, o Twitter, pelas suas próprias características, foi utilizado por um menor número de usuários, mas se apresentou como um espaço de debates entre grupos mais definidos. Com fortes conexões entre seus agentes, serviu à promoção de um

“ciberativismo” - segundo dados da BBC Brasil (11/07/13). No período de 06 a 26 de junho/2013, contabilizaram-se 11 milhões de tweets com a palavra Brasil e dois milhões com o tweet “protesto”, ou seja, o Twitter transformou-se no palanque virtual da manifestação do eu e do eu no outro, na medida em que, aqueles agentes com maior número de seguidores tiveram os tweets replicados por outro grande número de outros manifestantes.

O segundo aspecto a se considerar é a pluralidade das reivindicações levadas das ruas às redes sociais e, dessas, às ruas. Tendo seu início a partir dos movimentos contra os aumentos nas tarifas dos transportes públicos, os tweets “passe livre já” e “R\$ 0,20 não” lideraram as primeiras postagens, mas, na medida em que estas se sucediam, a questão da saúde – com críticas à situação dos postos de saúde e ao projeto de importação de médicos estrangeiros -, a questão da corrupção associada a tweets anti-governo - “Fora PT”, “Dilma Rousseff NÃO”, “Impeachment do Renan Calheiros”, “Movimento Contra a Corrupção” -, as manifestações de discordância às políticas de Estado em favor do crescimento econômico e controle da inflação, a proposta da PEC 37 e os gastos com a Copa também alimentaram as postagens nas redes. O Quadro 5 apresenta pesquisa realizada pelo IBOPE no dia 20 de junho de 2013 no Distrito Federal e, em algumas capitais de Estados, sobre as principais reivindicações

QUADRO 5 – BRASIL – PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES – 20/06/13

BRASIL - PRINCIPAIS REIVINDICAÇÕES	
TRANSPORTE PÚBLICO	37,6
AMBIENTE POLÍTICO	29,9
GASTOS COM A COPA DO MUNDO/ DAS CONFEDERAÇÕES	4,5
SAÚDE	12,1
REAÇÃO À AÇÃO VIOLENTA DA POLÍCIA	1,3
JUSTIÇA/ SEGURANÇA PÚBLICA	1,3
EDUCAÇÃO	5,3
CONTRA A PEC 37	5,5
POR DIREITOS E DEMOCRACIA	0,6
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	0,8
OUTRAS CAUSAS ESPECÍFICAS COM MENOS DE 1%:	0,8
NENHUM	0,1
NÃO RESPONDEU	0,2

FONTE: IBOPE, 20/06/13

O último aspecto que consideramos ser importante na análise da influência das redes sociais nas mobilizações no Brasil é o perfil desses manifestantes. Como já discutimos, ele se encontra grandemente concentrado entre o público jovem. A pesquisa do Ibope nos mostra que 43% tinham menos de 24 anos, 52% eram estudantes, apenas 8% apresentavam até colegial incompleto e 76% trabalhavam. O Ibope ainda verificou que 49% apresentavam renda superior a cinco salários mínimos.

A distribuição desses manifestantes por nível de escolaridade, ocupação e renda é um confirmador de nossas indicações, no capítulo 3 desse trabalho, de que as políticas públicas para a juventude não tem atendido na íntegra aos interesses desse público. Os esforços do Governo Federal em construir uma agenda de inclusão e superação da pobreza, na medida em que não

conseguem superar a política formal, não são suficientes para minimizar a indignação e a desconfiança desses jovens quanto as Instituições da política e da sociedade.

De outro lado, como já apresentamos, a sociedade rede que se constitui a partir do desenvolvimento das novas TICs, coloca a essa juventude um conjunto de ferramentas que dirigidas à mobilização de massas rompe o ponto de equilíbrio da política, ou seja, no século XXI a agenda dessa sociedade deve ir além dos indicadores de crescimento econômico e inclusão social, criando perspectivas de emancipação e de esperança com relação ao futuro que superem o imobilismo e o tradicionalismo dessas Instituições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da utilização de qualquer tecnologia transcende as finalidades para as quais a mesma foi criada, ou seja, as pessoas, as empresas, as instituições, enfim, as sociedades, utilizam as tecnologias a partir de suas necessidades e interesses dando-lhes usos que refletem os seus valores e sua cultura.

A história do desenvolvimento da internet não é diferente, concebida para integrar e dar segurança a sistemas de comunicação militares, ela ampliou-se nos circuitos acadêmicos, entre esses, formulou uma linguagem (protocolo) para dimensionar suas relações, desenvolveu um ambiente para sua realização – a WEB e, se desdobrando sobre o uso civil, generalizou-se por finalidades diversas que, em muito, superaram os interesses e finalidades iniciais da criação dessa tecnologia.

Nessa generalização de usos, a internet, estrutura-se em redes. Redes acadêmicas, de negócios, de ajuda mútua, de informações, de cultura, de política, de comunicação, mas, a particularidade desse momento não são os sistemas técnicos rede, de maneira muito mais transformadora, é a sociedade que os apropria que revoluciona.

Essa sociedade rede que discutimos ao longo desse trabalho representa-se em uma “arquitetura social”, ou seja, uma arquitetura que não se constitui apenas pela técnica, é produto e, dessa maneira, expressa conteúdo, forma, transformação. A técnica favoreceu a velocidade e multiplicidade das

relações, o produto, a sociedade rede, apresenta-se como uma sociedade que, cada vez menos, sente-se representada nas instituições. A família tradicional, reunida em torno da mesa de jantar, passa a ser vivida junto de múltiplas conexões fixas e móveis que se pode ter acesso nos lugares onde aquela convivência ocorria, a economia tradicional tem de se transformar frente às vantagens da e-economia, a mídia oficial é desmentida pelas imagens que podem ser gravadas por simples celulares, o mundo do trabalho se conforma pela flexibilidade e aumento do desemprego juvenil, a política e suas ações não se mostram capazes de atender as exigências de transparência, eficiência e participação, principalmente, dos setores jovens que, através das redes sociais convocam grandes mobilizações.

Os usos da internet, as redes sociais e sua apropriação pela juventude foram a nossa preocupação ao longo dos capítulos 2, 3 e 4 desse trabalho. No que diz respeito aos seus usos o que se constata é que em nenhuma tecnologia anterior à internet viu-se os jovens tão sensibilizados e integrados. A faixa etária correspondente à população de 15 a 29 anos corresponde, em todas as atividades realizadas pela rede de computadores e dispositivos móveis, à maior parcela de usuários.

Nesses usos, organizam-se as redes sociais que, substituíram os e-mails utilizados pela Geração X e os mlRCs utilizados pela geração Y, pela forma de comunicação instantânea dessas. A sua apropriação pela juventude, diversificou o seu uso e aprimorou as ferramentas que essas passaram a oferecer.

Mais uma vez se vê aqui, como constatamos nesse trabalho, que a sociedade molda a tecnologia, as ferramentas de comunicação anteriores às redes sociais, não se diferenciavam, em muito, do telefone ou do correio tradicional apenas incorporando os dispositivos e facilidades da internet. Com as redes sociais essa comunicação se redimensiona, criam a possibilidade da construção de páginas pessoais – em que o usuário se apresenta através de imagens, dados pessoais e preferências -, oferecem a possibilidade da comunicação online, permitem ao usuário seguir ou curtir páginas de outros, colocam a disposição opções de lazer (jogos) para todas as faixas de idades.

Essa mudança no padrão de comunicação criado pelas redes sociais tem intensificado dois usos dessas. O primeiro que, deve ser estudado de maneira mais aprofundada em outros trabalhos, é seu uso comercial, ou seja, a apropriação das redes como instrumento de marketing barato e de grande alcance seja por pequenas empresas – que por iniciativa dos próprios empreendedores oferecem seus produtos aos membros de suas redes e esses, ao compartilharem ou curtir, os distribuem por outras redes -, seja por grandes empresas que criam páginas e lançam ofertas, seja por personalidades – atletas, artistas -, que associam sua imagem à venda de determinados produtos ou condutas.

O segundo uso, que foi o nosso objeto de estudo nos capítulos 3 e 4, é o seu uso como palanque e plataforma de lançamento de ideias, causas e indignações e que passa a ser apropriada pela juventude. Desde as manifestações antiglobalização de Seattle, passando pelo movimento Occupy Wall Street, a primavera árabe e chegando as manifestações no Brasil, o que vê é a expressão do desejo do direito à cidade – na sua democracia, inclusão e

cidadania -, ser respeitado. As redes sociais foram, nesses momentos e movimentos, o principal canal para a sua convocação e, dessa maneira, é preciso pensar o que se colocou de novo através dessa possibilidade que elas criaram.

Entendemos que a primeira dessas “novidades” é que, o compartilhamento propiciado pelas redes desenvolve um espírito crítico, sobre essa juventude, que se vinha perdendo. As gerações anteriores, “X e Y” viram-se imobilizadas frente às mudanças - a queda dos regimes socialistas e a desregulamentação das economias fez parecer que o capitalismo liberal não teria mais críticos, a velocidade da inovação tecnológica exigia dessa geração a construção de outra inteligência -, o que limitou sua capacidade de crítica.

Essa situação de imobilismo foi quebrada pelas redes sociais e pelas grandes mobilizações, essas mostraram que o binômio crescimento-inclusão não é o suficiente. Levaram às ruas suas indignações e fazem das mobilizações o instrumento da esperança na participação ativa nos processos de transformação da sociedade. As redes sociais tornaram-se o palanque onde as causas foram debatidas, apoiadas, ampliadas e as mobilizações foram convocadas e transmitidas

Esse aspecto conduz a outra questão importante, no uso das redes sócias, a ser afirmada nessas considerações finais. Trata-se do papel dos sistemas de mídia tradicional nessa conjuntura. É preciso reconhecer que esses, contribuíram para a promoção de algumas dessas causas que foram levadas às ruas – as notícias sobre a crise europeia e as medidas de recessão adotadas, o papel da TV Al Jazeera no mundo árabe, o noticiário sobre a PEC

37, a corrupção, e os problemas na saúde e educação no Brasil -, todas, indignações que da mídia tradicional chegaram às redes sociais.

De outro lado, ocorre a redução da credibilidade dessa mídia tradicional, pelo imediatismo/realismo da notícia que as redes sociais e, de maneira geral, as novas TICs proporcionaram. A Geração Z, em especial, criou um padrão de interação entre o virtual e o real, no estilo “quer falar comigo tecla, posta, curti, compartilha, que respondo” quebrou o “oficialismo” da notícia de algumas emissoras e a serialidade das suas programações. Em tempo real, as manifestações eram convocadas e divulgadas por jovens, até há pouco, sem qualquer engajamento, mas, agora, tocados pelo sentimento de incredulidade à capacidade de transformação da política tradicional.

A guisa da conclusão é preciso que se considere a política tradicional - esta aqui considerada representada pelas ações de governo e pelas suas instituições e organizações – partidos políticos -, as mobilizações demonstraram que, a velocidade, a liberdade e a interatividade propiciada pelas TICs e, nelas, as redes sociais, são exigidas pela sociedade rede. A juventude, nessas mobilizações, colocou seu repúdio às políticas inclusivas-assistencialistas que não a consideram como sujeito de ação, também rejeitou suas formas clássicas de representação – os partidos, desses exigirá mudanças de postura frente à corrupção e ao silêncio corporativista de suas lideranças.

VI. BIBLIOGRAFIA

VI. BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena W. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação, Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5; Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 1997.

ALMEIDA, Reginaldo Rodrigues. **Sociedade BIT: da sociedade da informação a sociedade do conhecimento**. Lisboa: Quid Juris? Ltda., 2004.

BACELAR, Winston K. de A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global : relações e especificidades sócio - políticas nos municípios de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG**. Uberlândia, Tese de Doutorado, UFU. 2008.

CARLOS, Ana Fani A. **Definir o lugar?** In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARDOSO, Gustavo. **Os media na sociedade em rede**. Lisboa, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em redes – A era da informação: economia, sociedade e espaço e cultura**. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

_____. **A galaxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **La sociedad red: una visión global**. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

_____. **Redes de indignación y esperanza: los movimientos sociales en la era da internet**. Madrid: Alianza Editorial, 2012.

_____; TUBELLA I.; SANCHO T.; ROCA M. **La transición a la sociedad red**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2007.

CHAIA, VERA. **Investigação sobre comunicação política no Brasil**. Revista ponto-e-vírgula, n. 2, pp. 160-177. Disponível em: <http://www.pucsp.br/ponto-e-virgula/n2/indexn2.htm>. Acesso em: 15/05/2012

DIAS, C. L.; SILVEIRA, R. L. L. **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

DUPRAT, Jean-Antoine. **Réseaunance territoriale: De Babylone à internet**. France, Arnaud Fanel Éditions, 2006.

DUTRA, Joel S.; VELOSO, Elza F. R.; NAKATA, Lina E.; FISCHER, André L. **As carreiras inteligentes e sua percepção pelo clima organizacional**. In: http://www.progep.org.br/MelhoresEmpresas/InfoDocs/DUTRA%20J_2009_As%20carreiras%20inteligentes%20e%20sua%20percep%C3%A7%C3%A3o%20pelo%20clima%20organizacional.pdf – acesso em 12/07/2012

ESTEVE, Josep M^a Pascual. **Governança Democrática: construção coletiva do desenvolvimento das cidades**. Tradução: João Carlos Vitor Garcia. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2009.

FIRMINO, Rodrigo José. **Cidade ampliada: desenvolvimento urbano e tecnologias da informação e comunicação**. São Paulo, Hedra, 2011.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-identity: Self and Society in the Late Modern Age**. Stanford University Press, 1991.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2005/2008.

KRAUT, R. et alli. **Internet paradox. A social technology that reduces social involvement and psychological well-being?** In: <http://www.cs.cmu.edu/~kiesler/publications/1998pdfs/1998Kraut-InternetParadox.pdf> - acesso em 09/03/ 2009.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34 Ltda., 1999.

_____. **Cibercultura. La cultura de la sociedad digital**. Barcelona, Anthropos, 2007.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. São Paulo, Cortez, 1999.

Magalhães, Juliano Machado de; Daudt, Cláudio Gustavo; Phonlor, Patrícia Ross. **Vantagens proporcionadas às pequenas e médias empresas por meio da união em redes de cooperação no contexto do venture capital**. In: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-65552009000400005&script=sci_arttext – acesso em 07/05/12

MARQUES, Francisco P. J. A.; SAMPAIO. Rafael. **Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões mediáticos das campanha políticas online**. Revista Galaxia, São Paulo, n. 22, dez. 2011.

MARTELETO, Regina Maria & Silva, Antonio Braz de Oliveira e. **Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local**. In: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n3/a06v33n3.pdf> - acesso em 05/05/12

MARTINS, H. E. P. **Inovação Tecnológica, Ambiente Institucional e Setor Empresarial: alguns indicadores de Minas Gerais e do Rio de Janeiro na década de 1990**. Economia – Ensaios, Uberlândia, v. 18 – 19, p. 107 – 122, 2004.

MCLUHAN, Marshall; POWERS, B. R. **La aldea global: transformaciones en la vida y los medios de comunicación mundiales en el siglo XXI**. Barcelona (Espanha), Gedisa Editorial, 1989.

MITCHELL, William J.. **E-topia: a vida urbana, mas não como a conhecemos**. São Paulo, Ed SENAC São Paulo, 2002.

NEVES, R. **O Novo Mundo Digital: você já está nele: oportunidades, ameaças e as mudanças que estamos vivendo**. Rio de Janeiro: Relume Dmará, 2007.

NIE, N.; ERBRING, L. **Internet and society: a preliminary report**. Stanford Institute for the Quantitative Study of Society, Stanford University, 2000.

NORA, Dominique. **Os conquistadores do ciberespaço**. Lisboa, TERRAMAR Eds. 1995.

ORTOLEVA, Peppino. **Mass media. Nascita e industrializzazione**. Firenze, Giunti Ed., 1995.

PISTORI, Edson C. A geografia das políticas públicas de juventude no Brasil: uma proposta de Sistema Nacional de Juventude. Uberlândia, Dissertação de Mestrado, UFU, 2012

PUTNAM, Robert. **Social Capital: Measurement and Consequences**. In: http://www.visionaryvalues.com/wiki/images/Putnam_SocialCapital.pdf - acesso em 04/04/2012

RECUPERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

SANTOS, Ana Carolina de Oliveira. **Ser ou não ser internauta: o significado da internet a partir de seu uso para jovens graduandos em redes de computadores na cidade de Salvador**. Salvador, Dissertação de Mestrado, UFBA, 2009.

SANTOS, Cristiane F.; ARIENTE, Marina; DINIZ, Marcos V. C. **O processo evolutivo entre as gerações x, y e baby boomers**. In: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf> - acesso em 05/07/12

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Sociedade e Espaço: Formação Espacial como Teoria e como Método**. In SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade: Ensaio**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1982

_____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 170 p., 2005.

_____. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SPOSITO, Marília; CARRANO, Paulo. **JUVENTUDE E POLÍTICAS PÚBLICAS NO BRASIL**. In: <http://www.juventude.gov.br/conjuve/documentos/juventude-e-politicas-publicas-no-brasil> - acesso em 05/05/13

TASCOPTT, Don; WILLIAMS, Anthony D. **Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2007.

UIT – UNION INTERNATIONAL DE TELECOMUNICATIONS - <http://www.itu.int/net/itunews/issues/2010/02/23-es.aspx> - acesso em 23/02/10

WELLMAN, Barry. **The Rise (and Possible Fall) of Networked Individualism**. In: http://insna.org/PDF/Connections/v24/2001_I-3-4.pdf - acessado em 12/04/2012

WELLMAN, B. & HAMPTON, K. **Living networked in a wired world**. In: http://www.itu.dk/~khhp/speciale/videnskabelige%20artikler/Wellman_1999%20Living%20networked%20in%20a%20wired%20world.pdf – acesso em 12/04/2012.

Whitacker, Arthur Magon. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto**. Presidente Prudente, Tese de Doutorado, 2003

VII. ANEXOS

ANEXO I –
QUESTIONÁRIO DA PESQUISA



01 – Sexo: 1) Feminino () 2) Masculino ()

02- Idade: ____|____

03 – Qual é seu nível máximo de estudo concluído?

- 1) Ensino Médio ()
- 2) Ensino superior ()
- 3) Mestrado ()
- 4) Doutorado ()

04 - Há quanto tempo acessa a internet?

- 1) Não uso internet () Se não usa responda apenas as questões 14;15;17;18;20;21;40;41;42;43;44e52a60.
- 2) Menos de 1 ano ()
- 3) De 1 a 3 anos ()
- 4) De 3 a 5 anos ()
- 5) Mais de 5 anos ()

05 – Qual foi o primeiro local em que você acessou a internet?

- 1) Na própria casa ()
- 2) Em uma lan-house ()
- 3) Casa de parentes e amigos ()
- 4) Na universidade ()
- 5) No trabalho ()
- 6) Algum telecentro ()

06 - Atualmente quais são os locais habituais de acesso à internet (pode assinalar mais de um item):

- 1) Local de residência ()
- 2) Casa de parentes ou amigos ()
- 3) Lan House ()
- 4) No trabalho ()
- 5) Na Universidade com máquina da instituição ()
- 6) Na Universidade com máquina própria ()
- 7) Biblioteca pública ()
- 8) Telecentro ()

07 - Entre os locais apresentados na questão anterior qual é aquele em que você utiliza a internet com mais intensidade? (Assinale apenas um item)

- 1) Local de residência ()
- 2) Casa de parentes ou amigos ()
- 3) Lan House ()
- 4) No trabalho ()
- 5) Na Universidade com máquina da instituição ()
- 6) Na Universidade com máquina própria ()
- 7) Biblioteca pública ()
- 8) Telecentro ()

08-Com que frequência você acessa a internet?

- 1) Diariamente ()
- 2) Cinco ou seis vezes por semana ()
- 3) Três ou quatro vezes por semana ()
- 4) Uma ou duas vezes por semana ()
- 4) Uma vez a cada quinze dias ()
- 5) Raramente ()

09 – Qual a duração média dos acessos à internet?

- 1) Até 1 hora ()
- 2) De 1 a 3 horas ()
- 3) De 3 a 5 horas ()
- 4) Mais de 5 horas ()

10 - Que tipo de conexão você tem em sua residência?

- 1) Discada ()
- 2) Banda Larga ()
- 3) Modem móvel ()
- 4) Não sei ()
- 5) Não tenho internet na residência ()

11-A quem consulta, quando está em dúvida sobre dificuldades no acesso e uso da internet? (pode assinalar mais de um item):

- 1) Amigos ()
- 2) Colegas de trabalho ()
- 3) Site da Internet ()
- 3) Suporte técnico ()
- 4) Familiares mais jovens que você ()
- 5) Familiares mais velhos que você ()

12 - Utiliza o celular para acessar a internet?

- 1) Sim ()
- 2) Não ()

13 - Que idioma utiliza na internet, além do português? (pode assinalar mais de um item):

- 1) só o português ()
- 2) Inglês ()
- 3) Espanhol ()
- 4) Francês ()
- 5) Outros ()

Com relação a familiares que não moram na sua residência,

14 - Com que frequência se encontra?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

15 - Com que frequência se telefona?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

16 - Com que frequência se comunica pela internet?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

Com relação aos vizinhos,

17 - Com que frequência se encontra?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

18 - Com que frequência se telefona?

- 1) Todos, ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

19 - Com que frequência se comunica pela internet?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
- 2) Pelo menos uma vez na semana ()
- 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
- 4) Quase nunca, ou nunca ()

Com relação aos amigos

20 - Com que frequência se encontra?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
 2) Pelo menos uma vez na semana ()
 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
 4) Quase nunca, ou nunca ()

21 - Com que frequência se telefona?

- 1) Todos ou quase, os dias ()
 2) Pelo menos uma vez na semana ()
 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
 4) Quase nunca, ou nunca ()

22 - Com que frequência se comunica pela internet?

- 1) Todos ou quase todos os dias ()
 2) Pelo menos uma vez na semana ()
 3) Pelo menos uma vez ao mês ()
 4) Quase nunca, ou nunca ()

Das operações abaixo, quais você sabe fazer:

	1 - Sim	2 - Não
23 - ler e enviar mensagens eletrônicas sem anexo.		
24 - ler e enviar anexos através de mensagens eletrônicas.		
25- participar de comunidades virtuais. (MSN, Orkut...)		
26- utilizar um site de busca (Google, Yahoo, etc.)		
27 - É capaz de baixar arquivos da internet (fazer download)		

28 - Quantas comunidades virtuais você participa?

- 1) De 1 comunidade ()
 2) De 2 comunidades ()
 3) De 3 comunidades ()
 4) Mais de 5 ()

Você utiliza com mais frequência as comunidades virtuais para:
 Enumere de 1 (mais importante) a 11 (menos importante) deixando em branco os que você não utiliza.

- 29 - Marcar compromissos ()
 30- Buscar informações ()
 31- Encontrar e baixar vídeos e músicas ()
 32- Manter contatos e reencontrar pessoas ()
 33- Visualizar imagens e informações de terceiros ()
 34- Fóruns de discussão ()
 35- Realização de trabalhos acadêmicos ()
 36- Postar depoimentos para terceiros ()
 37- Postar informações e notícias através de blogs ()
 38- Manter diários virtuais (twitter, facebook, outros) ()
 39- Conversas on line e off line ()

Como você se informa sobre atualidades. Enumere de 1 (mais importante) a 5 (menos importante) deixando em branco os que você não utiliza

40-Televisão	
41-Rádio	
42-Jornais	
43-Internet	
44-Conversas com familiares e amigos	

45 - Alguma pessoa reclama que você passa muito tempo usando a internet? (pode assinalar mais de um item)

- 1) As pessoas da sua casa ()
 2) outros familiares ()
 3) Seus amigos ou namorado(a) ()
 4) Ninguém se queixa ()

A partir do momento que você começou a utilizar a internet, você percebeu se aumentaram ou diminuíram

	1- Aumentou	2- Diminuiu	3- Não se alterou	4- Não percebeu
46-Conversas com amigos				
47- Atividades com a família				
48-A sensação de estar estressado(a)				
49-A sensação de estar isolado(a) da sociedade				
50-A sensação de estar deprimido(a)				

Você concorda com as frases abaixo? Assinale com um X

	1-Sim	2-Não
51-As pessoas podem influenciar os acontecimentos mundiais com mobilizações políticas		
52-Os cidadão tem influência nas decisões do governo		
53-É difícil para o povo controlar o que fazem os governantes		
54-No mundo, existem pessoas que mandam e os cidadãos não podem fazer nada		
55-Com a colaboração de todos é possível acabar com a corrupção		
56-Um dos motivos que existe guerra, é porque a população, em geral, não se interessa pela política		
57-Nós, os consumidores, não podemos fazer nada para combater os preços altos		
58-Prefiro gastar minhas energias em resolver outras coisas a resolver os problemas do mundo		
59-Os responsáveis pelo governo ruim são os cidadãos que não votam como deveriam.		

Para cada uma das atividades enumeradas abaixo, assinale com um “x” a intensidade com que você as realiza pela internet:

	1 - Muito	2 - Regularmente	3 - Raramente	4 - Nunca
60-Enviar e Receber mensagens de correio eletrônico				
61-Participar de chats, ou salas de bate papo				
62-Jogar online				
63-Navegar na internet sem objetivo concreto				
64-Baixar músicas e filmes gratuitamente				
65-Ler notícias				
66-Enviar e receber fotos				
67-Consultar bibliotecas, enciclopédias, dicionários, etc.				
68-Baixar software				
69-Ver pornografia				
70-Ler livros				
71-Fazer pesquisa bibliográfica				
72- Assistir TV ou vídeos				
73-Realizar operações bancárias				
74-Fazer ligações telefônicas pela internet				
75-Comprar livros ou música				
76-Comprar equipamentos de informática				
77-Comprar outras coisas				
78-Comprar ou reservar entradas para espetáculos				
79-Fazer reservas de viagens ou alojamento ou carro				
80-Realizar trabalho remunerado				
81-Procurar oportunidades de trabalho				
82-Fazer cursos online				
83-Participo de campanhas sociais				
84-Buscar informações sobre viagem				
85-Buscar informações sobre sua cidade				
86-Buscar informações sobre espetáculos programados				
87-Buscar informações sobre assuntos religiosos				
88-Buscar informações sobre política				
89-Buscar informações sobre sua associação profissional				
90-Buscar informações sobre saúde				
91-Buscar informações sobre serviços públicos				
92-Buscar receitas de cozinha				

ANEXO II - VARIÁVEIS CONSIDERADAS NA TABULAÇÃO DA PESQUISA

v01	Sexo
v02	Idade
v03	Qual é seu nível máximo de estudo concluído?
v04	Há quanto tempo acessa a internet?
v05	Primeiro local em que acessou a internet
v061	Atualmente quais são os locais habituais-Local de residência
v062	Atualmente quais são os locais habituais-Casa de parentes
v063	Atualmente quais são os locais habituais-lan house
v064	Atualmente quais são os locais habituais-no trabalho
v065	Atualmente quais são os locais habituais-na UFU sem máquina própria
v066	Atualmente quais são os locais habituais-na UFU com máquina própria
v067	Atualmente quais são os locais habituais-biblioteca pública
v068	Atualmente quais são os locais habituais-telecentro
v069	Atualmente quais são os locais habituais-Não respondeu
v07	Qual é aquele que utiliza com mais intensidade?
v08	Com que frequência você acessa a internet
v09	Qual a duração média de acesso a internet?
v10	Que tipo de conexão você tem na sua residência?
v111	A quem consulta, quando está em dúvida-amigos
v112	A quem consulta, quando está em dúvida-colegas de trabalho
v113	A quem consulta, quando está em dúvida-site da internet
v114	A quem consulta, quando está em dúvida-suporte técnico
v115	A quem consulta, quando está em dúvida-familiares mais jovens q vc
v116	A quem consulta, quando está em dúvida-familiares mais velhos q vc
v119	A quem consulta, quando está em dúvida-Não respondeu
v12	Utiliza o celular para acessar a internet?
v131	Que idioma utiliza-só o português
v132	Que idioma utiliza-inglês
v133	Que idioma utiliza-espanhol
v134	Que idioma utiliza-francês
v135	Que idioma utiliza-outros
v139	Que idioma utiliza-Não respondeu
v14	FAMILIARES Com que frequência se encontram?
v15	FAMILIARES Com que frequência se telefonam?
v16	FAMILIARES Com que frequência se comunicam pela internet?
v17	VIZINHOS Com que frequência se encontram?
v18	VIZINHOS Com que frequência se telefonam?
v19	VIZINHOS Com que frequência se comunicam pela internet?
v20	AMIGOS Com que frequência se encontram?
v21	AMIGOS Com que frequência se telefonam?
v22	AMIGOS Com que frequência se comunicam pela internet?
v23	Sabe ler e enviar mensagem eletrônica sem anexo
v24	Sabe ler e enviar anexos através de mensagens eletrônicas.
v25	Sabe participar de comunidades virtuais. (MSN, Orkut...)
v26	Sabe utilizar um site de busca (Google, Yahoo, etc.)
v27	É capaz de baixar arquivos da internet_ (fazer download)
v28	De quantas comunidades virtuais você participa?
v29	Utiliza para - Marcar compromissos

v30	Utiliza para - Buscar informações
v31	Utiliza para - Encontrar e baixar vídeos e músicas
v32	Utiliza para - Manter contatos e reencontrar pessoas
v33	Utiliza para - Visualizar imagens e informações de terceiros
v34	Utiliza para - Fóruns de discussão
v35	Utiliza para - Realização de trabalhos acadêmicos
v36	Utiliza para - Postar depoimentos para terceiros
v37	Utiliza para - Postar informações e notícias através de blogs
v38	Utiliza para - Manter diários virtuais (twitter, facebook, outros)
v39	Utiliza para - Conversas on line e offline
v399	Utiliza para - Não respondeu
v40	Televisão
v41	Rádio
v42	Jornais
v43	Internet
v44	Conversas com familiares e amigos
v449	Como se informa das atualidades - Não respondeu
v451	Alguma pessoa reclama-as pessoas de sua casa
v452	Alguma pessoa reclama-outros familiares
v453	Alguma pessoa reclama-seus amigou ou namorada(o)
v454	Alguma pessoa reclama-ninguém se queixa
v459	Alguma pessoa reclama-Não respondeu
v46	Conversas com amigos
v47	Atividades com a família
v48	A sensação de estar estressado
v49	A sensação de estar isolado da sociedade
v50	A sensação de estar deprimido
v51	As pessoas podem influenciar
v52	Os cidadão tem influência
v53	É difícil para o povo
v54	No mundo, existem pessoas
v55	Com a colaboração de todos
v56	Um dos motivos que existe guerra
v57	Nós, os consumidores
v58	Prefiro gastar minhas energias
v59	Os responsáveis pelo governo
v60	Enviar e receber mensagens de correio eletrônico
v61	Participar de chats, ou salas de bate papo
v62	Jogar online
v63	Navegar na internet sem objetivo concreto
v64	Baixar músicas e filmes gratuitamente
v65	Ler notícias
v66	Enviar e receber fotos
v67	Consultar bibliotecas, enciclopédias, dicionários, etc.
v68	Baixar software
v69	Ver pornografia
v70	Ler livros
v71	Fazer pesquisa bibliográfica
v72	Assistir TV ou vídeos
v73	Realizar operações bancárias
v74	Fazer ligações telefônicas pela internet
v75	Comprar livros ou música

v76	Comprar equipamentos de informática
v77	Comprar outras coisas
v78	Comprar ou reservar entradas para espetáculos
v79	Fazer reservas de viagens ou alojamento ou carro
v80	Realizar trabalho remunerado
v81	Procurar oportunidades de trabalho
v82	Fazer cursos online
v83	Participo de campanhas sociais
v84	Buscar informações sobre viagem
v85	Buscar informações sobre sua cidade
v86	Buscar informações sobre espetáculos programados
v87	Buscar informações sobre assuntos religiosos
v88	Buscar informações sobre política
v89	Buscar informações sobre sua associação profissional
v90	Buscar informações sobre saúde
v91	Buscar informações sobre serviços públicos
v92	Buscar receitas de cozinha